



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Nº 17

Salvador, Bahia
2011

ISSN Nº 1982-3444

Editoração e Impressão:

Colégio Apoio

Capa:

Manoelito Damasceno

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Largo do Campo Grande, n.º 8

Revista da Academia Baiana de Educação, v.1, n. 17 2011 – Salvador:
ABED, 2010.

246 p.

O 1.º volume foi publicado em 1991.

Anual

ISSN – 1982-3444

1. Educação – Bahia – Periódicos. I. Academia Baiana de Educação

CDD:370.5

CDU: 37(05) (813.8)

Os textos desta Revista são da inteira
responsabilidade dos autores tanto na
concepção quanto na forma e conteúdo.

REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Fundada em 9 de setembro de 1982, é uma sociedade civil, com personalidade jurídica própria, de duração ilimitada.

VOLUME 17 (2011)



REVISTA DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

DIRETORIA

Presidente de Honra:	Leda Jesuíno dos Santos
Presidente:	José Rogerio da Costa Vargens
Vice-presidente:	Germano Machado
1.º Secretário:	João Eurico Matta
2.º Secretário:	Rosa Pereira Levita
Tesoureiro:	Marcelo Augusto Carvalho Rocha
Diretor da Revista:	José Nilton Carvalho Pereira
Diretora de Arquivo e Biblioteca:	Vanda Angélica da Cunha

SUMÁRIO

Discurso de Posse na Academia Baiana de Educação <i>Maria Conceição Costa e Silva</i>	8
Lições do Prof. Mario Moreira de Souza – Depoimento <i>Alirio Fernando Barbosa de Souza</i>	29
Pronunciamento do acadêmico Astor de Castro Pessoa durante a realização do encontro de professores da Fundação José Carvalho	35
Pronunciamento do Acadêmico Astor de Castro Pessoa, coordenador do Seminário Estadual de Educação em Direitos Humanos.....	39
Pronunciamento do Acadêmico Astor de Castro Pessoa na Solenidade de Formatura dos Estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação da Bahia, Instituição que integra as Faculdades Olga Mettig, no dia 7 de janeiro de 2011.....	43
Solenidade de abertura da XIII Reunião Conjunta do Conselho Estadual com os conselhos municipais de Educação da Bahia – 23 de outubro de 2011 –Ilhéus-Ba.	47
Solenidade comemorativa aos 29 anos da Academia Baiana de Educação, dia 04 de outubro de 2011, salão nobre do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.....	56
Livro comemorativo dos 30 anos desde a fundação da Academia Bahiana de Educação Contribuição do titular da cadeira 28 <i>Roberto Figueira Santos</i>	65
José Carvalho: A Visão de um Educador <i>Leda Jesuino</i>	71
Discurso como oradora da 1ª turma de assistentes sociais Escola de Serviço Social – 1948 <i>Leda Jesuino</i>	74

José Silveira A Concretização de um Significativo Ideal <i>Leda Jesuino</i>	79
O Colégio de Aplicação da UFBA: Internet, costura de sonhos e sobrevivência de utopias <i>Mariluce Moura</i>	87
Associação Baiana de Medicina Entrega do Prêmio Dr. Antônio Jesuino dos Santos Netto <i>Zilma Parente de Barros</i>	94
Discurso pronunciado pelo professor Eliel Judson Duarte de Pinheiro, em 26 de maio de 2011, na sua posse como Acadêmico Titular da Cadeira 21 da Academia Baiana de Educação.....	97
Discurso de Saudação à Posse da Professora Maria Jose Pacheco de Andrade Costa, na Academia Baiana de Educação Convite à Reflexão <i>Maria Anália Costa Moura</i>	119
Saudação pela Posse de Eliel Judson Duarte de Pinheiro <i>J Rogerio C Vargens</i>	135
Posse da Professora Maria Thereza Oliva Marcílio <i>J Rogerio C Vargens</i>	151
Posse do Professor Josué da Silva Mello <i>J Rogerio C Vargens</i>	153
Posse da Professora Maria José Pacheco de Andrade <i>J Rogerio C Vargens</i>	155
Posse do Professor Hélio Rocha <i>J Rogerio C Vargens</i>	157
Discurso de posse na Academia Baiana de Educação <i>Salvador, 6 de julho de 2011</i> <i>Maria Thereza Oliva Marcilio de Souza</i>	159

Discurso de Posse na Academia Baiana de Educação <i>Maria José Pacheco de Andrade Costa</i>	178
Prof. Augusto Alexandre Machado – Sua vida e suas obras <i>Enoch Senna Souza</i>	199
Academia Baiana de Educação – construção e legitimação da memória institucional <i>Vanda Angélica da Cunha</i>	204
Estatuto da Academia Baiana de Educação.....	217
Regimento da Academia Baiana de Educação.....	222
Patronos da Academia Baiana de Educação e Acadêmicos Titulares.....	232
Acadêmicos Titulares.....	240
Endereços dos Acadêmicos Titulares.....	241

Discurso de Posse na Academia Baiana de Educação

Maria Conceição Costa e Silva

Excelentíssimo senhor professor e acadêmico Roberto Figueira Santos, digníssimo presidente da Academia Baiana de Educação, em nome de quem saúdo todos os seus ilustres membros.

Excelentíssimo senhor professor e acadêmico Hermano Augusto Palmeira Machado, mui digno vice-presidente desta Academia. Excelentíssima senhora professora e acadêmica Leda Jesuíno dos Santos, presidente de honra da Academia Baiana de Educação.

Excelentíssimo senhor engenheiro, professor e acadêmico Rogério da Costa Vargês, autor da mensagem de saudação.

Excelentíssima senhora Celeste Tannus Simões, esposa do saudoso professor José Simões e Silva Junior, em nome de quem saúdo toda a família Simões.

Excelentíssima senhora Magali Lúcia Ataíde Souto, presidente de honra do Grupo Conviver, em nome de quem saúdo minhas queridas companheiras.

Excelentíssima senhora Maria Leda Costa e Silva Cardoso de Mattos, minha irmã, a quem saúdo em nome de todos os meus familiares.

Excelentíssima senhora professora e psicóloga Noélia Alves Pessoa a quem também saúdo em nome das colegas e amigas da Secretaria de Educação do Estado da Bahia, grande laboratório onde plasmamos juntas nossas vitoriosas carreiras na Educação.

Caríssimos convidados,

Tanto que fazer!

Livros que não se lêem,

*Cartas que não se escrevem,
Línguas que não se aprendem,
Amor que não se dá,
Tudo quanto se esquece!*

*Amigos entre adeuses,
Crianças chorando na tempestade,
Cidadãos assinando papeis,papeis,papeis...
Até o fim do mundo assinando papeis*

*E os pássaros detrás de chuva
E os mortos em redoma de cânfora.
(e uma canção tão bela!)*

*Tanto que fazer!
E fizemos apenas isto.
E nunca soubemos quem éramos,
Nem para quê!*

Senhoras e Senhores, neste momento é exatamente assim que me sinto, como se senti a grande Cecília Meireles ao escrever o seu poema Humildade. E, porque assim me sinto, não hesito em exclamar!

“Domine, non sum dignus”

Senhor, eu não sou digna, por isso muito agradeço ao Senhor, e aos senhores membros desta Academia,que muito gentilmente acataram o meu nome para integrar esta ilustre casa. Meu

agradecimento especial dedico ao amigo, Acadêmico José Rogério da Costa Vargens, generoso no afeto , generoso nos gestos, e mais generoso ainda nas palavras do discurso que acabamos de ouvir, fundamentando a escolha do meu nome.

Agradeço também aos meus pais e aos meus padrinhos que de mim tanto esperavam; aos meus professores, a quem tributo o despertar de minha vocação; aos colegas de trabalho e aos amigos que muito enriqueceram minha existência. Confesso, professor Rogério, que recebi com muita surpresa a escolha do meu nome. Causou-me forte impacto emocional. No entanto, impossível esconder a satisfação que hora me envolve. Se não me envaideço, no entanto rejubilo-me, curvo-me e repito: Senhor eu não sou digna.

Dignos, indubitavelmente dignos, são e sempre serão o patrono e o titular da cadeira n.1, Dr. Abílio Cesar Borges e Dr. José Simões e Silva Junior.

Quanto ao patrono, Dr. Abílio Cesar Borges faremos um pequeno relato da sua trajetória. Era filho de Miguel Borges de Carvalho e Mafalda Maria da Paixão Borges. Nasceu no povoado de Macaúbas, que pertencia à pequena vila de Rio de Contas, ao sul da Chapada Diamantina, em 09 de setembro de 1824. Ali efetuou os primeiros estudos do curso primário, no qual, à aquela época, estudava-se latim, francês e filosofia, além de outras disciplinas.

Em 1838 mudou-se para capital baiana onde passou a estudar no Colégio Conceição, vejam a coincidência dos nomes. Após sofrer problemas de saúde que o afastaram da escola por algum tempo, ingressou, em 1841, aos 17 anos, na Faculdade de Medicina da Bahia. Enquanto cursava medicina, exerceu o magistério por aproximadamente cinco anos.

Transferiu-se em 1947 para o Rio de Janeiro, onde concluiu o curso conquistando prêmios pelo seu brilhante desempenho. De volta a Salvador, participava da vida cultural da cidade tendo sido até um dos fundadores do Instituto Literário da Bahia e diretor

da revista “O Crepúsculo”. No interior exerceu a profissão como clínico e cirurgião na zona do São Francisco, onde conheceu D. Antônia Vanderley, sua esposa.

Em 1850 fundou a primeira escola da Vila da Barra do Rio Grande acumulando assim as funções de Médico e Educador. Finalmente, em 1856, define-se pela educação ao ser nomeado Diretor de Instrução Publica da Bahia, atividade interrompida logo no ano seguinte em 1857, quando pediu demissão, pressionado que foi por uma ferrenha campanha empreendida por inimigos e detratores que angariou, em consequência de reformas educacionais que tentava implementar. Entre essas reformas estava a abolição do castigo físico nas escolas, talvez tenha sido esta a maior causa da oposição que sofreu, fato que determinou o encerramento de sua breve atuação como gestor do sistema educacional do estado.

Aos 33 anos dá início a uma nova etapa de sua vida, agora como empreendedor educacional e funda em 1858 o Ginásio Baiano, situado na Chácara do Pedroso, no Barbalho, mais exatamente na Estrada do Jacaré de Cima, 90, hoje denominada Rua Barão de Macaúbas. Em 1859 o ginásio foi transferido para os Barris. A reinauguração contou com a presença do Imperador D. Pedro II e a partir daí estabeleceu-se uma forte aproximação entre Dr. Abílio e o Imperador, o que o fez tornar-se “pedagogo oficial da monarquia”. Com este novo patamar alcançado, passou a dispor de uma tribuna livre, o que lhe permitiu maior liberdade de ação para pôr em prática suas ideias revolucionárias.

Na Europa busca referências de práticas pedagógicas modernas e modelos vigentes nos países avançados. O Ginásio Baiano tornou-se então, palco de suas maiores realizações como educador. Lá exigia-se que os alunos escrevessem poemas e discursos por ocasiões festivas, como o 2 de julho e o 7 de

setembro. A prática intelectual substituíra os castigos físicos, entre eles o famoso bolo de palmatória.

Neste Ginásio estudaram, entre outros grandes nomes, os geniais José Antônio de Castro Alves que ali recitou seu primeiro poema e Ruy Barbosa, que proferiu seu primeiro discurso. Por isso Dr. Abílio tornou-se conhecido como formador de gênios. Com muita razão escreve a pesquisadora Dra. Lizir Arcanjo Alves sobre o Colégio Baiano: “Desse ninho saíram, para longos e permanentes voos, o condor Castro Alves e a águia Ruy Barbosa”.

Em 1871 criou no Rio de Janeiro o famoso Colégio Abílio e em 1881 fundou outro Colégio Abílio, em Barbacena, Minas Gerais. Em ambos implantou suas ideias inovadoras. A luta contra a aplicação de castigo físico em suas escolas foi a marca de sua vida. Tornou-se modelo para o restante do País. Sua contribuição à educação lhe rendeu o título de Barão de Macaúbas concedido por D. Pedro II.

No Colégio Abílio do Rio de Janeiro, estudou Raul Pompéia, autor do conhecido romance “O Ateneu”, que narra o drama de um menino que arrancado ao lar é colocado num internato da época. A primeira publicação do O Ateneu foi em folhetins, na Gazeta de Notícias e, logo a seguir, em livro que o consagra definitivamente como escritor.

Certamente a prática intelectual do Colégio Abílio, de o aluno ser obrigado a escrever textos ao invés de receber castigos físicos, em muito deve ter contribuído para o futuro sucesso do escritor Raul Pompeia. No entanto, se de fato o professor Aristharco, retratado neste romance como “prepotente e autoritário” representa a figura de Dr. Abílio Cesar Borges, é evidente que o aluno Raul Pompeia o via sob outra ótica, o que pode ser muito procedente, vindo de quem provavelmente, segundo sua biografia na Academia Brasileira de Letras, não foi capaz de suportar as naturais agruras de um internato e com isso se traumatizou.

O que é incontestável, através dos tempos, é que de fato, Dr. Abílio foi um grande educador, a ponto de ser considerado o Pestalozzi brasileiro. Poliglota, falava o português, o francês, espanhol, italiano e entendia alemão. Escreveu e publicou livros de Pedagogia, Geometria, Gramática Portuguesa, Gramática Francesa, Geografia, Legislação Educacional e até uma edição especial dos Lusíadas suprimindo alguns textos que julgava inadequados à compreensão das crianças. Destaco o pitoresco título: “Vinte anos de propaganda contra o emprego da palmatória e outros castigos aviltantes, no ensino da mocidade”, verdadeiro emblema da sua luta.

Quem descreve bem a vocação de Dr. Abílio é nosso querido historiador Cid Teixeira. “Ele era educador, e foi como educador que deixou a sua contribuição maior ao País.” Ao inaugurar o Colégio Baiano em fevereiro de 1858, já na metade do século XIX, discursou: “Feliz de mim, senhores se no porvir se disser que, com a fundação do Colégio Baiano, uma nova era se abriu para a educação da mocidade: seria isso a maior glória deste que tem a honra de merecer vossas atenções; seria isso a mais cabal recompensa, de todos os sacrifícios que estou a fazer pelos meus discípulos: é este o pensamento que mais me tem afagado, esta a minha principal lucubração de algum tempo, a esta parte”.

Hoje, Prof. Abílio, mais de um século e meio depois, aqui estamos nós, nesta Academia de Educação, testemunhando seus grandes feitos e homenageando a sua figura de grande educador. É hora, mais uma vez, de reconhecermos que valeram sim, e muito, todos os seus sacrifícios. É esta sim, sua maior glória. E ainda, é sim sua mais cabal recompensa, ser hoje, o patrono da cadeira n.01, a primeira e outro número não poderia ser. Nenhuma outra posição seria maior, para aquele que abriu, de fato, uma nova era para a educação da mocidade. Estatuas, nome de bairro, nome de rua e de colégio, são homenagens devidas, com as quais a Bahia lhe agradece. Desde 1891, meu caro patrono, o senhor não está mais entre nós. Mas seu exemplo, sua luta, e suas realizações estarão sempre presentes.

Muitos anos se passaram depois disso e o prof. Dr. José Simões e Silva Junior tornou-se ocupante da cadeira n.1. Hoje é minha a honra de substituí-lo. E percebo que ele repetiu a mesma escolha de Dr. Abílio, que de início também adotou a medicina como primeira profissão e só depois enamorou-se pela educação.

Mas quem é Jose Simões e Silva Júnior? Digo quem é porque a sua lembrança está ainda muito presente em nossa memória. Falecido a pouco mais de um ano, deixa, para todos nós, familiares, amigos, alunos, um forte sentimento de saudade. Com emoção é que relembro aqui alguns aspectos da sua vida. Era filho de José Simões e Silva e Maria Sizina de Sant Ana. Família de classe média, que, com muito trabalho, criou a ele e mais nove irmãos.

Era o segundo dessa prole numerosa, todos educados dentro de padrões morais, e valores cristãos. Nasceu em 12 de abril de 1927, em Salvador, no bairro dos Barris, por coincidência, o mesmo bairro para onde o Dr. Abílio transferiu, no passado, o seu primeiro colégio, o Colégio Baiano.

Conta Lourdes, sua irmã, que ele era o filho do coração. Não era, portanto apenas o menino José Simões e Silva Júnior, era principalmente, o Juquinha, como era conhecido na intimidade. As outras irmãs, Dora, Sizininha e Ruth, que ainda lhe sobrevivem, contam como ele era: menino obediente, estudioso, inteligente, *o certinho da família*, por isso mesmo, talvez o mais querido.

Foi menino feliz, rodeado de irmãos, e amigos. Por mais de três décadas desfrutaram da boa morada num confortável casarão na Vila São José, que ocupava um grande terreno na Federação. Foi nesse paraíso que conheci e me tornei amiga da família Simões, principalmente de Ruth sua irmã. Nos conhecemos na então Faculdade Católica de Filosofia, hoje UCSAL. Ela fez Letras Clássicas um ano antes de mim e a amizade estreita que

construímos fez com que ela me escolhesse madrinha de Ângela, sua primeira filha, hoje morando em São Luiz no Maranhão.

Essa família simples, bem alicerçada deu ao Juquinha excelente educação, que lhe permitiu traçar uma brilhante trajetória profissional, apesar dos obstáculos. Coursou o primário nos colégios Nossa Senhora da Guia e Nossa Senhora das Mercês e o ginásio no colégio Antonio Vieira. O nível superior obteve na Faculdade de Medicina da Bahia, onde se diplomou em 1945.

Um ano depois, iniciou sua carreira docente como professor Assistente da Faculdade de Medicina da UFBA, lecionando Fisiologia, sua paixão francamente assumida. Daí em diante, as atividades docentes seguiram paralelas as do estudioso. Em meio século de vida profissional foi aprovado em cinco concursos, todos com nota máxima; três doutorados, uma docência livre e uma cátedra; quarenta e três trabalhos publicados em revistas nacionais e estrangeiras, sessenta e uma palestras e conferências. Como se pode ver percorreu uma trajetória riquíssima.

Exerceu também funções administrativas, na Universidade Federal da Bahia, na Universidade Católica de Salvador, e também na Escola Baiana de Medicina. Sua docência ultrapassou os limites da Bahia alcançando Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e São Paulo.

Foram 50 anos de atividades e ele mesmo declarava: “fui mais educador que médico. Filosofia era a minha cadeira preferida quer na Medicina, na Odontologia, na Biologia, na Enfermagem e na Farmácia”. Lecionou durante 32 anos. Quase aos 80 anos, determinadamente, iniciou o curso de Direito. Dirigindo estoicamente sua cadeira de rodas, desfilando pelos corredores da UCSAL, Juquinha seguia sempre na infinita busca do saber, sua grande ambição. O que o fascinava, no entanto, não era o meramente saber. Era o saber ser, que foi a tônica de sua vida.

Jamais perdeu o bom humor. Em sua última conversa com a professora Joselita de Castro Lima, colega de magistério, ironizou: “estou ficando direito”, referindo-se ao diploma que

receberia em 1996. Conhecia História e Geografia a fundo. A esse respeito nos lembra Ruth: “em seus últimos dias entre nós, ouviu alguém da família perguntar: onde fica Waterloo? E ele, com a voz bem frágil, respondeu com segurança: na Bélgica.” Em sua homenagem relembro Gabriel Garcia Marques: “A morte não chega com o fim da vida, mas sim com o esquecimento”. Você, Juquinha, continua vivo em nossos corações.

Depois do breve perfil que tentei traçar do patrono da cadeira n.01, o Dr. Abílio César Borges e também do Dr. José Simões e Silva Júnior, seu último ocupante, a quem tenho a honra de substituir, tentarei identificar algumas semelhanças, constatar coincidências, buscar aspectos comuns que nos trouxeram, a mim e a eles, até esta honrosa distinção. E que aspectos são estes que nos aproximam? Longe de mim a pretensão de a eles ombrear-me. Mas para merecer sucedê-los busquei explicações.

Menina humilde, vinda do interior, me identifiquei com a simplicidade que caracterizou toda a vida de Juquinha e seu despojamento, face aos bens materiais. Quanto ao Dr. Abílio nos assemelhamos na paixão pela educação e pelo educando. Mas não tão somente! A pesquisa sobre a vida do Barão de Macaúbas me emocionou: outros pequenos retalhos de nossas vidas, aos poucos, foram se juntando, formando delicados liames, entrelaçando nossas existências. Para começar, viemos, ambos de pequenas cidades do interior.

Eu, nasci em Santo Antônio de Jesus, antiga Capela do Padre Mateus, a conhecida Cidade das Palmeiras, a 180 quilômetros daqui. Grandes nomes, Isaias Alves, fundador da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia, Landolfo Alves; seu irmão, Interventor da Bahia e Senador da República; e Ângelo Lírio de Almeida, saudoso membro desta Academia, filho do Dr. Isaias, também lá nasceram.

Os meus pais, Laurindo Nunes da Silva e Maria Costa e Silva, constituíram família de dez filhos, dos quais apenas três vingaram, as três Marias: Maria Leda, Maria José – já falecida e eu, Maria Conceição. A honestidade, a firmeza de caráter, a

determinação para o trabalho, lealdade e amor ao próximo, tudo isso foi a base da nossa educação.

O curso primário fiz no Grupo Escolar Felix Gaspar. Da figura da Profa. Zizinha, primeira de minha longa vida estudantil, ainda lembro muito bem: idosa, respeitadíssima, rigorosíssima, era a alfabetizadora- mor daquela época. Tabuada, caligrafia, carta de abc e a inesquecível Cartilha do Povo, com a qual aprendíamos a repetir, indefinidamente, que Ivo viu a uva.

A pena e o tinteiro, os castigos de ficar em pé, de costas para a classe, com o rosto voltado para a parede, eram comuns, quase diários. Não poucas vezes, nervosa, derrubava o bendito tinteiro! A tinta escorria, molhava os papéis, eu medrosa tentava limpar tudo, sem ser notada. Complicava-me assim ainda mais. Profa. Zizinha me olhava fixo, semblante sério e expressão contrafeita. E eu já antevia o castigo. Meu sofrimento antecipava a punição. Jamais poderia imaginar que, enquanto me afligia com esta situação, há cerca de 80 anos antes, nos idos de 1858, o patrono da cadeira n.01, Dr. Abílio Cesar Borges, já pugnava contra os abusos disciplinares da educação.

Também neste aspecto, nossas vidas se aproximam ainda que em séculos diferentes. Em seu vanguardismo, questionava: qual será o estudante que tome gosto pela instrução se, para alcança-la é preciso atravessar um longo suplício de palmatórias e castigos de todo gênero, além de terem diante de si, eternamente, um mestre sempre carrancudo, que mais merecia o nome de carrasco!

A minha primeira escola, Felix Gaspar, ainda hoje está na praça da antiga estação de trem, na Estrada de Ferro de Nazaré, que ia até Jequié. Este logradouro, na entrada da cidade, é ainda cenário das elegantes e altaneiras palmeiras imperiais. Desta praça pouco desfrutei, criança não brincava na rua, nem em casa de vizinhos, era a norma em nossa família. De quando em vez, mamãe abria exceção e então podíamos brincar com os filhos de D. Edite, vizinha defronte. O sobrado do Sr. Eduardo de Souza Almeida, pai de Dr. Rômulo Almeida, economista e político conhecido de todos, era outra exceção, às vezes permitida. O catecismo,

aprendíamos na casa de Dr. José Pedral Sampaio, com sua irmã D. Dídia.

Diariamente, após o jantar, mamãe lia e comentava a bíblia, conosco ao seu redor. Convivíamos com textos bíblicos, religiosos, filosóficos, e muita literatura. O Guarani, cujos versos ela recitava e cantarolava, as histórias de Malba Tahan e seu homem que calculava, nos ensinaram até matemática, e chegaram a duas gerações. Do romance A Vingança do Judeu, de JW Rochester, aprendemos sobre as tramas do preconceito, amor e ódio, que regem o mundo. Mulher simples, firme e determinada minha mãe era autodidata e buscava conciliar a sede de cultura e educação com os deveres da dona de casa e mãe de três filhas. Entre estes deveres ela priorizou a formação “das meninas”, como carinhosamente nos chamava, ela e papai. Sua estratégia, muito usada, era referir-se aos adágios populares, sempre carregados de um tom ameaçador. “Dize-me com quem andas, e te direi quem és!”. “Junta-te aos bons e serás um deles anda com os maus e serás pior”. “Quem com o ferro fere com o ferro será ferido”.

Foi uma infância feliz! Bem assistida, educada com carinho e amor, apesar da saúde precária, outro ponto em comum com Dr. Abílio que, como vimos, chegou a interromper os estudos por problemas de saúde. Sobrevivi à uma forte gastroenterite e fui por isso impedida de engatinhar, sempre nos braços de mamãe, Tonha e vovó, que viviam temendo o pior. Desta escapei. E, aos sete anos, em idade escolar, enfrentei a bronquite crônica, na verdade uma forte asma, cujas crises me afastavam por dias do convívio dos colegas. Isso também superei graças a homeopatia que muito me ajudou. Mas carregar para escola este milagroso líquido, em pequenas garrafas, me tornou alvo preferido de gozações e brincadeiras, que a natural crueldade infantil, presente em todas as eras, inspira ao maltrato. Estes constrangimentos e vexames a que me fiz habituar, também muito me ensinaram sobre a arte de conviver. Eu era muito magra tanto que minha avó era a primeira a fazer troça. Ela dizia :“a sabiá estava pedindo de volta as pernas que me havia emprestado”. Mal sabia ela o quanto me custava, intimamente,

tais gozações mais até que as implicações das colegas. A Natureza, por capricho, reverteu também este quadro, assim como o fez tantos anos antes com Dr. Abílio. Só lamento que a minha avó querida não esteja aqui, para ver hoje, o voo alçado pela sabiá.

Ao menos uma vez por mês, mamãe nos engalanava com as melhores roupas e íamos visitar a casa de Dr. Gorgônio Araújo, figura notória na cidade, família de políticos importantes. Sua preocupação era nos ensinar, com estas visitas, regras refinadas de convivência social. Segundo seu sábio entendimento, aprenderíamos com as filhas de Dr. Gorgônio, a “entrar e sair dos lugares”. Esta referência familiar era a nossa Glória Kalhil.

Concluído o curso primário, aos doze anos, enfrentei outro desafio: o que fazer numa cidade sem opções de estudos? Restava apenas os afazeres domésticos. Eram tachos e tachos de doce de banana e de goiaba em horas a fio de trabalho até dar o ponto. Muito trabalho, mas sempre temperado com muito bom humor, pois o produto era vendido para ajudar nas despesas. Os frutos do quintal, uva, goiaba até o chuchu era comercializado, sem nenhum constrangimento com vizinhos e fregueses. Dois anos nessa luta até que meus padrinhos Arthur e Anísia Torres vieram passar férias em Santo Antônio e, hospedados em nossa casa, convidaram-me para estudar em Salvador morando com eles, (tudo o que eu queria). Leda e Mariinha não tiveram, na época a mesma oportunidade. Lembro-me bem que mamãe sempre dizia para Leda: seu diploma quem vai lhe dar é o Coração de Jesus. A referência era ao apostolado da oração, ao qual éramos todas filiadas.

Na cidade de Salvador, em 1944, no Instituto Normal, hoje ICEIA, submeti-me ao difícil exame de admissão, do qual todos nos lembramos sem saudade. A expectativa era grande e a minha preocupação, maior ainda. Dois anos longe da escola, sem qualquer orientação, o medo deixava-me insone noites a fio. Iria concorrer com alunos bem mais preparados que eu, oriundos de ótimas escolas da capital, principalmente da escola Getúlio

Vargas, anexa ao ICEIA, com elevado grau de excelência. Disputada pela alta classe média, seus egressos eram favoritos. A aprovação correspondia a uma iniciação, verdadeiro rito de passagem. A solução era estudar e estudar muito é desnecessário dizer da validade do esforço. Atravessei o mar vermelho... Passei no exame!

Até hoje guardo o telegrama enviado por meus padrinhos parabenizando meus pais pela minha vitória. Assim, ingressei no Instituto Normal, sem perceber que o destino seguia me aproximando do Barrão de Macaúbas. Vejam mais uma coincidência o colégio onde passei a estudar é bem próximo ao local do primeiro Ginásio Baiano, fundado por Dr. Abílio, na antiga Rua do Jacaré de Cima, depois denominada Barrão de Macaúbas. Ainda hoje seu busto encontra-se na entrada principal do ICEIA.

Para aqueles que gostam da referencia as vidas passadas estes pequenos detalhes que aproximam a minha vida e a do Dr. Abílio podem ser excelentes fontes de reflexão.

São os laços insondáveis do destino expressando coincidências repetidas. Como explicar tal mistério? Cecília Meireles nos socorre com esta bela explicação!

Ciência, amor, sabedoria,

tudo jaz muito longe, sempre

- imensamente fora do nosso alcance.

Desmancha-se o átomo,

domina-se a lágrima,

já se podem vencer abismos

- cai-se, porém, logo de bruços e de olhos fechados,

e é-se um pequeno segredo,

sobre um grande segredo.

Ainda sobre o ICEIA: escola moderna, reunia requisitos e equipamentos indispensáveis ao bom aprendizado. Piscinas, quadra poliesportiva, auditório, enriquecia a infraestrutura, projetada, diziam, “para cem anos à frente”. O Jardim de Infância e a Escola Experimental Getúlio Vargas, eram referências educacionais. Seu corpo docente, da mais elevada qualificação, era composto por catedráticos do porte de Dr. Sólon Guimarães, Dr. Alfredo Nogueira Passos, Profa. Guiomar Florence, Prof. Paulo Fábio Dantas um dos eméritos desta nobre casa.

Não poderia ter vivenciado experiência mais rica que a de conviver neste ambiente, extremamente estimulante, pois confortava minha natural timidez, de menina pobre do interior, a desafiar-me com suas características de grande escola. As amizades que construí, algumas perduram até hoje, como as amigas Terezinha Moreira, Magali Lúcia Athayde Souto e Maria Helena Câmera, já falecida.

Concluído o curso pedagógico, em 1950, comecei a galgar os degraus da vida profissional na educação, como estagiária nos colégios Daltro Filho, em Itapagipe, Santos Titara, na Avenida Vasco da Gama e Úrsula Catarino no Rosário. Mas era necessário me efetivar na carreira.

O concurso para o Magistério Público representou novo desafio. Com Maria Helena, estudava até altas horas, em sua casa, na Avenida Joana Angélica. Voltar tão tarde e sozinha para a Djalma Dutra, rua onde eu morava, era impossível. Convidada então a morar com ela, de pronto aceitei e assim conjugava as vantagens de morar no centro, com o trabalho de regente de classe e a vida de estudante de Letras Clássicas, no Convento da Palma.

Essa convivência estimulante e o acesso aos livros indicados para o concurso foram fundamentais. Aprovada em 1951 atuei por vários anos em escolas diferentes, nos três níveis de ensino, na rede publica e particular.

Também neste período ocupei cargos de vice-direção e direção em colégios públicos e particulares, assim como realizei em 1963, curso de capacitação educacional em Recife, durante três meses o que enriqueceu minha experiência profissional.

Duas lembranças povoam o meu coração: Otavio Mansur de Carvalho e Hermano Gouveia Neto, um dos fundadores desta Academia.

De 1965 a 1979, deixei de atuar em escolas pois tive a oportunidade de ocupar varias funções técnicas e administrativas no âmbito da Secretaria de Educação e Cultura (SEC). Trabalhei com vários secretários de educação os quais foram para mim verdadeiros mestres. Iniciei então uma “pós-graduação”, desta vez em serviço o que, sem sombra de dúvida, muito contribuiu para este momento tão importante em minha vida.

Em 1965, assumi o cargo de Assistente do Diretor de Educação e Cultura, então ocupado pelo Dr. Paulo Américo de Oliveira, cuja morte inesperada surpreendeu a todos.

Cheio de ideias novas o Dr. Prof. Alaor Coutinho, recém-chegado de Paris substituiu o Dr. Paulo Américo. Tentou organizar o emaranhado da (SEC) a qual funcionava precariamente onde hoje está o Museu de Arte da Bahia no Corredor da Vitória. Um fato pitoresco merece registro: na entrada do prédio subindo a escada um visitante que chegava o abordou perguntando: “o senhor sabe onde fica o gabinete do secretário?” Receoso, talvez de receber alguma solicitação, Alaor retrucou de imediato: sei não minha senhora, eu também estou procurando”. E interessante observar que aquele homem que queria inovar e identificar, com um crachá, todos os seus funcionários, também temia sua própria identificação.

Ao trabalhar na SEC imaginei que a proximidade com o poder central me ajudaria a contribuir para o desenvolvimento da educação em meu Estado. Coincidentemente fui selecionada juntamente com outras colegas para realizar um curso de

especialização nos Estados Unidos da América, na Wisconsin University, em Millwaukee, pelo prazo de um ano.

Ao retornar em 1967, voltei a servir na Secretaria de Educação. Neste mesmo ano, o Governador Luiz Viana Filho sancionou a Lei Orgânica de Ensino, a Reforma Administrativa e o Estatuto do Magistério, três esteios legislativos que iniciaram a renovação da política educacional no Estado. Era secretário de Educação o Prof. Luis Augusto Navarro de Brito. Pela Lei 2463, no seu art. 17, o exame de admissão foi substituído pelas provas de final de ano, na quinta série. Jamais imaginei que um dia viria participar desta experiência tão marcante em minha vida que foi a implementação nas escolas estaduais e municipais, deste novo tipo de avaliação destinada a democratizar o acesso ao ginásio. Eu, que tanto sofri com o exame de admissão, no início da minha adolescência...

Rômulo Galvão de Carvalho, o secretário de nossa eterna memória! Era homem de rara inteligência, brilhante, de sólida cultura e muito equilíbrio. Transmitia confiança à sua equipe e assim promoveu uma verdadeira revolução na educação da Bahia, no início da década de 70, quando implantou a Lei 5692.

Descentralizou a gestão, criando Coordenadorias Regionais e deu autonomia aos coordenadores. Desta forma, aliviou a burocracia existente na Secretaria de Educação do Estado. Sua formação e visão administrativa o fez compor uma equipe jovem, de administradores recém-formados, com mais disposição que bagagem e muito potencial, que o tempo e os desafios, revelaram. Dr. Eraldo Tinoco, Assessor de Planejamento à época, é um exemplo do acerto na escolha dessa equipe. Foi também depois secretário, tornou-se político de grande projeção e hoje é um dos integrantes desta egrégia Academia.

Foi uma época áurea da educação. Havia a esperança, o esforço e realizações importantes. Entre estas destaco: um projeto que até hoje enche de orgulho a equipe que dele participou. A implantação da Lei 5692, que foi um verdadeiro desafio para o setor de recursos humanos, na área de educação.

Esta lei exigia, no seu artigo 30, formação mínima para o exercício do magistério, e habilitação específica de segundo grau para o ensino da primeira à quarta série. Havia, como ainda hoje, carência de professores habilitados para o nível de exigência legal, ou seja, sem educação formal. Durante muito tempo eles foram a única e abnegada alternativa de ensino em cidadezinhas, vilarejos, fazendas e roças do nosso vasto interior.

Como atender a exigência legal de habilitação, num universo tão grande? Foi um extraordinário esforço da equipe definir diagnósticos detalhados desta realidade. Estabelecer metas, estratégias de ação, elaborar projetos com detalhes minuciosos, preparar orçamentos, e atender a restritas exigências do Fundo Nacional da Educação FNDE, que sempre estabelecia prazos curtos para definir recursos, após a aprovação dos projetos. Tudo, absolutamente tudo, era para anteontem. Não havia computador, nem nada se podia mandar por e-mail.

Os horários de saída dos aviões que levariam estes pacotes para o MEC, em Brasília, eram perseguidos com obsessiva aflição. Apesar das dificuldades, nenhuma verba destes projetos deixou de ser liberada por falta de aprovação. Recurso algum foi devolvido por atraso em sua execução.

Um bom exemplo é o Curso de Habilitação de Primeiro Grau, para Professores Leigos.

Concentramos esforços num curso intensivo em regime de internato em Cipó. Durante todo um ano de trabalho, docentes de variadas regiões do estado conseguiram alcançar o objetivo de concluir o tão sonhado curso pedagógico, até então inacessível. Trabalho desenvolvido pela dinâmica equipe de Rômulo Galvão de Carvalho, o qual eleito deputado federal deixara a secretaria. A Dr. Rômulo o meu reconhecimento e creio que de muitos educadores da Bahia pelo eficiente trabalho realizado.

Dr. Kleber Pacheco de Oliveira deu continuidade ao trabalho desenvolvido pelo seu antecessor, Rômulo Galvão, mas deixou a sua marca, estabelecendo novas conquistas, a exemplo da

implantação do estatuto do magistério. Outro fato que não posso deixar de citar foi sua presença na solenidade de colação de grau do Curso de Qualificação Profissional (formação de professores leigos), realizado no município de Cipó que fica a duzentos e cinquenta quilômetros de Salvador.

Dr. Kleber, jornalista de formação, redator chefe de debates da Assembleia Legislativa, dizia-se muito orgulhoso de ter chefiado o Governador Antônio Carlos Magalhães.

Ao professor Edivaldo Boaventura, prezado amigo e Acadêmico trago, em vida, o meu reconhecimento e, mesmo sem procuração sei que falo também em nome dos baianos que muito lhe devem. Os universitários estaduais talvez não saibam que a expansão do ensino superior principalmente no interior do estado, em muito dependeu do seu esforço.

O apoio dado aos professores, nos municípios-sede das universidades, como Uesb, Uesc, Uefes e a própria Uneb, foi decisivo para sua consolidação. Os professores devem ter consciência dessa importante atuação, exercida com competência em duas gestões, à frente da educação no Estado. Visionário, anteviu o sistema multicampi, hoje vitorioso. A despeito das duras críticas que suportou, provou que sabia o que estava fazendo. Á época, reinavam as duas únicas Universidades, a Católica e a Federal.

Mas nem tudo são flores. O amor pela educação não pode ser similar ao amor do qual Gil fala em sua canção:

Drão o amor da gente é como um grão

Uma semente de ilusão,

Tem que morrer pra germinar...

O Centro de Estudos Supletivo de Narandiba- o CESUM, era uma riquíssima experiência de Ensino Profissionalizante, localizado numa região estratégica da cidade, destino a atender

uma população extremamente carente, numa época quando ainda não pensávamos em cotas. O CESUM não era uma mera semente, era frondosa árvore que já dava frutos. O maior complexo de ensino profissionalizante da América Latina. Não precisava morrer para que a UNEB pudesse germinar. O campo era vasto, havia muito espaço para outras semeaduras.

Nesta caminhada pela Educação nunca estive sozinha. Minha mais profunda gratidão e o meu mais sincero agradecimento a todas as pessoas que me fortaleceram nesta travessia, principalmente ao grupo da SEC. À esta companheira, presto hoje minha carinhosa homenagem simbólica, através de sua representante nesta mesa.

Na plateia muitas se encontram, revivendo a nossa história. Tanto me recomendaram que eu hoje não falasse muito. Eu prometi! Mas ao mergulhar nas teias do passado pessoal e profissional, foi impossível resistir ao gozo das lembranças. Façam o mesmo! Não precisam vir para a Academia. Escrevam para os netos. Eles muito lhes agradecerão.

Por dois períodos atuei no Conselho Estadual de Educação. As lembranças são muitas e boas. Impossível registrar aqui todas as atividades desenvolvidas. Destaco, entretanto, um período áureo: a gestão do professor Rogério Vargens, seguida pela de Nádia Val verde. Deu-se aí sua reestruturação, modernização que resultou na descentralização de decisões e agilidade de ação. Criaram-se os Conselhos Municipais de Educação, que antes somavam pouco mais de dez. Ao final de sua gestão foram criados mais de cem conselhos.

Embora tenha participado das diversas Câmaras e Comissões muito me dediquei às pontas do sistema ou sejam, a educação básica, destacando a educação infantil e a superior. Um dos feitos que muito me orgulha em minha passagem pelo Conselho é ter sido relatora do processo de reconhecimento da Universidade Estadual da Bahia realizado pelo Conselho. Este reconhecimento deu a instituição a credibilidade que possibilitou o seu vertiginoso

crescimento, que hoje nos enche de orgulho. A UNEB, de fato, democratizou o ensino superior nas diversas regiões do Estado.

Agora minha palavra de carinho ao Grupo Conviver, participar deste o grupo foi uma das opções claras e conscientes que vem me transformando sempre para melhor, com resultados enriquecedores e gratificantes tanto pelo ponto de vista do crescimento pessoal como pela oportunidade de levar a outras pessoas menos afortunadas o nosso apoio. A Magali Souto, sua idealizadora, o meu agradecimento.

Toda essa viagem ao passado distante e a emoção deste momento tão presente significam para mim um refinado exercício existencial. Como não trazer a tona mais uma vez a lembrança de mamãe, D. Maria, que tanto, tanto deixou em mim a marca da humildade?

Uma de suas recomendações mais constantes, que mais marcou a minha infância, era a seguinte: “Meninas, não ocupem os primeiros lugares ao visitar a casa de alguém. O dono pode ter convidados mais importantes para estas cadeiras, pode pedir que vocês delas se levantem. Disciplinadas, obedecemos até hoje! Por isso peço que atendem, senhoras e senhores e vejam a grande ironia do destino! A minha querida mãe, não poderia imaginar que sua obediente filha, tanto tempo passado, está aqui agora, preste a ocupar exatamente a cadeira número 01 desta Academia! Certamente D. Maria ficaria perplexa, como estou agora, sem conseguir atinar o porque de tanto merecimento!

Quem diria que voou tão alto a frágil sabiá?

Retomo Cecília Meireles:

Tanto que fazer!

E fizemos apenas isto.

E nunca soubemos quem éramos,

nem para quê.

Tudo que acabo de relatar, a princípio, pode parecer muito! Mas não é verdade. Tudo que foi feito ainda é muito pouco, ante tudo que restou e ainda resta por fazer e principalmente, ante tudo que nunca, jamais faremos!

Salvador, 24 outubro de 2007.

Referências

Alves, Lizir Arcanjo. **O Ginásio Baiano de Abílio Cesar Borges**. Salvador, Ed. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 9-10 - 2000

Texeira, Cid. **O Ginásio Baiano de Abílio Cesar Borges**. Salvador, Ed. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 14-15 -2000

Jornal **A Tarde**, Caderno 2, 21-10-2007

Lições do Prof. Mario Moreira de Souza – Depoimento

Alírio Fernando Barbosa de Souza

Costumamos carregar vida a fora impressões que nos deixaram nossos professores, principalmente aqueles que nos deram lições inesquecíveis. O professor Mario Moreira de Souza com certeza marcou para sempre a existência de seus alunos no Colégio Taylor-Egídio, em Jaguaquara.

Em 1945 chegou a Jaguaquara, pequena cidade do interior da Bahia, ao então Ginásio Taylor-Egídio, um jovem professor recém egresso do Seminário dos Franciscanos Capuchinhos de Feira de Santana, também na Bahia. Não é de conhecimento público as razões que levaram o jovem Mario Moreira, como era comumente chamado, a desistir da carreira clerical. Mas ao chegar ao Taylor-Egídio, após lecionar algumas disciplinas do currículo ginásial, dedicou-se exclusivamente ao ensino de português e latim, trazendo para o magistério sua disciplina quase eclesiástica.

O Colégio Taylor-Egídio, escola evangélica de denominação Batista, tem ainda por ser escrita sua história. Do pouco que se sabe e se escreveu, no final do Século XIX, Egídio Almeida, rico fazendeiro oriundo do município de Santo Antônio de Jesus, especificamente da antiga freguesia de Vargem Grande, atualmente município de Varzedo, convertido por um pastor que por lá chegou tangido pela seca que assolava o sertão, criou em Jaguaquara onde tinha uma grande propriedade, o núcleo que

viria a ser o Colégio Taylor-Egídio. Financiando com seus próprios recursos essa empreitada, Egidio Almeida patrocinou a vinda da missão evangélica americana chefiada pelo missionário Dr. Taylor, com quem dividiu a denominação da escola.

Quando o jovem professor Mario Moreira chegou ao Colégio Taylor-Egídio, o diretor era o pastor Carlos Dubois, paranaense filho de franceses, teólogo formado pelo Seminário Batista do Recife, brilhante orador e excelente professor. Sua influência para a conversão do ex-seminarista católico à denominação batista provavelmente foi importante. Todavia, deve-se levar em consideração o namoro e conseqüente noivado e casamento com a jovem Renilde Musse, depois brilhante professora de francês e inglês. Ela de origem religiosa batista certamente contribuiu para tal decisão. Além disso, em conversa com um grupo de alunos, o próprio professor Mario Moreira declarou que certo dia o prof. Carlos Dubois lhe dera de presente uma Bíblia Sagrada, tradução de João Ferreira de Almeida. Ainda carregando tintas católicas, ele reagiu, indagando se não se tratava de uma versão diferente, protestante, ao que o prof. Carlos Dubois simplesmente lhe disse: compare.

Em 1958 quando fui estudar no Colégio Taylor-Egídio, o prof. Mario Moreira ensinava exclusivamente Português e Latim. Sempre aliou a teoria à prática. A gramática ensinada era cobrada nas redações. Toda segunda-feira havia redação, obrigatoriamente, para todas as turmas. Parecia que naquela noite ele não dormia. Na terça-feira pela manhã, todas as redações corrigidas, ele dizia a cada aluno o assunto sobre o qual ele escrevera e que erros havia cometido. Organizava listas de palavras de redação difícil ou complexa. E ditava-as. Seus exercícios explicativos tornaram-se depois um pequeno manual para o estudo da língua portuguesa.

Ao ensinar Latim, mandava (por brincadeira, mas para memorização) que, de um fôlego recitássemos as preposições. Decorávamos as fábulas de Esopo (*Lupus et Agnus; Vaca et Capela, Ovis et Leo; Vulpes ad Personam Tragicam, etc...*). Suas aulas eram recheadas com assuntos variados, desde educação doméstica, passando pela psicologia e desaguando em assuntos de cultura geral. Ensinava como nos comportar à mesa, “comam de boca fechada”, “ao passar do garfo para o copo, use o guardanapo; voltando ao garfo, use o guardanapo novamente”...

E tudo tinha uma razão de ser. A maioria dos alunos do Colégio Taylor-Egídio era originária de pequenas cidades e povoados do Estado da Bahia. Muitos nasceram, criaram-se e viviam em fazendas. Em verdade tratava-se de um futuro potencial intelectual a ser lapidado e trazido ao serviço do Estado da Bahia e do Brasil, graças à intermediação do Colégio Taylor-Edídio. Havia também alunos oriundos da Capital, submetidos por seus pais à disciplina severa daquele Colégio.

Dessa forma, nesse universo o estimado professor Mario Moreira era estrela maior. Brilhante orador, conselheiro atencioso, humilde em sua prática de vida – uma herança franciscana, professor Mario fascinava. Disciplinado, procurava transmitir aos seus alunos o valor da ordem, da organização, do cumprimento de obrigações. Essa disciplina certamente adquirida no Seminário Capuchinho deu origem, segundo depoimento da profa. Stelinha Dubois, ao comentário do prof. Carlos Dubois, de que “o professor Mario deixou o Seminário, mas o Seminário não deixou o prof. Mario”. Severo nas avaliações, vibrava quando um aluno conseguia uma boa nota. Tirar dez era uma raridade. No ano de 1960 obtive dele a melhor nota do ano, em todo o Colégio, 9,5 em Português.

Conhecedor da origem rural de seus alunos, preparava-os para a vida na cidade grande, destino de muitos deles a fim de prosseguir estudos. Fazia um

trabalho misto de psicologia educacional e comportamental através da leitura do livro de Erico Veríssimo *Olhai os lírios do campo*. Analisava o complexo de inferioridade do principal personagem masculino, Eugênio, filho do faxineiro do colégio de elite em que ele estudava de graça por ser filho de um empregado. Envergonhado de seus próprios pais, roupa remendada ou descosida, perseguido pela pobreza e pelo desnível social, vítima da arrelia impiedosa de seus colegas (*“calça furada, no fiofó”*...), Eugênio carregava sua adversidade. E o prof. Mario Moreira fazia-nos refletir

ou descobrir em cada um de nós, pós-adolescentes, traços da personalidade daquele jovem e sua angústia em sair daquele inferno existencial.

Continuando a leitura, exaltava a figura de Olivia, colega de Eugênio no Curso de Medicina. Formaram-se juntos. Apesar de grávida dele, não se casou com ela, preferindo casar-se com uma moça rica, que o humilhava. Mas, dizia-nos o prof. Mário, Olívia será a libertadora de Eugênio. Deliciava-se lendo a última e talvez única carta dela para ele, escrita às vésperas de uma cirurgia a que se submeteria e da qual não sairia viva. Enfatizava certos trechos da carta: *“...tenho certeza que renascera um novo Eugênio...”* E pressentindo não retornar, encerra a carta decretando a reconstrução moral dele, ao entregar-lhe a filha da qual ele ainda não tomara conhecimento: *“...deixo-te Anamaria e fico tranqüila...”* E o novo Eugênio acontece.

Das lições emanadas do professor Mario Moreira a que marcou de forma indelével minha formação não foi proferida em

sala de aula, mas no auditório do Colégio, conhecido como Salão Nobre. O período da manhã era dividido por aulas de 50 minutos e um grande intervalo das 9:40 até as 10:20 horas. Eram 40 minutos durante os quais íamos para o Salão Nobre onde havia ensaios do Orfeão do Colégio, ou uma pequena sessão de cinema, ou uma palestra de algum visitante ou de um professor, ou o próprio prof. Mario, ou o prof. Carlos Dubois.

Numa dessas manhãs no Salão Nobre o prof. Mario Moreira abriu o Evangelho de Lucas (9:23), e leu: *“Todo aquele que quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, ponha sua cruz sobre os ombros e siga-me.”* Fechou o evangelho e iniciou sua palestra falando das dificuldades existenciais, das tarefas que temos sempre de enfrentar, dos sacrifícios que temos de fazer, etc... A certa altura desembocou na seguinte imagem: “um grupo de pessoas de determinada cidade deveria conduzir, cada qual, até outra cidade distante, no ombro, um enorme e pesado pedaço de madeira. Cedo iniciaram a caminhada e cada um imprimiu seu ritmo. Com o sol já bastante quente, um deles começou a se inquietar e indagar a si mesmo, porque carregar tão grande e tão pesado madeiro. Decidiu então cortar uma parte. Retomou aliviado a caminhada mas o sol continuava escaldante. Esfalfado, resolveu cortar um segundo pedaço e continuou caminhando. No princípio da tarde o calor parecia sair de uma fornalha. Apesar de haver diminuído duas vezes a madeira, o peso parecia-lhe maior. Não hesitou em cortar mais uma parte. Adiante chegou à margem de um rio largo e profundo e não sabia como atravessá-lo. Nadar com o pedaço de madeira às costas seria a própria morte. Desolado, sentou-se então sobre a madeira e ficou a avaliar a impossibilidade pelo tamanho e peso da madeira. Aí, observou que outros viajores que carregavam inteira a peça de madeira,

cansados, maltratados pelo esforço, usaram-na como ponte para atravessar o rio...”

Assim era o prof. Mario Moreira. Deixava sempre em nós a semente de uma reflexão. Às vezes eu o comparo a um personagem de Exuperi, no livro *Voo Noturno*, o inspetor da companhia aérea que fazia o correio entre Paris e Buenos Aires. A função daquele inspetor era fazer os pilotos voar à noite, enfrentando tempestades, cumprindo rotas. E era duro com os pilotos. Às vezes após passar uma reprimenda num piloto, dizia para si mesmo: *“gostaria de convidar esse jovem para jantar, mas não devo...”* *“Eu gosto dos homens mas não gosto do mal que passa entre eles”*.

Pronunciamento do acadêmico Astor de Castro Pessoa durante a realização do encontro de professores da Fundação José Carvalho

Senhoras e senhores,

Integrando o egrégio conselho da Fundação José Carvalho, cumpro-me o dever de ressaltar o grande exemplo do seu patrono – José Carvalho - nesse período de grandes realizações.

A Fundação José Carvalho compreendeu o papel da governança participativa, onde a sociedade civil organizada se une aos governos federal, estaduais e municipais, atuando de forma integrada e sinérgica para promover a inclusão social.

A matriz orientadora desse trabalho é a condição de utilidade pública, conferida pelos poderes constituídos à Fundação José Carvalho, que encontrou em organizações da sociedade civil de interesse público a sinergia e a integração com os executivos, legislativos e judiciários, nas diferentes esferas do poder constituído.

A Fundação José Carvalho é um desses exemplos de associação civil de natureza educacional e de direito privado, sem fins lucrativos e com experiências exitosas.

O seu objetivo social é a promoção do ensino de qualidade, através de unidades escolares dedicadas à educação infantil, ensino fundamental, ensino médio e educação profissional.

Além disso as escolas da Fundação José Carvalho coordenam, apoiam, elaboram e realizam estudos e pesquisas de modo a elevar a qualidade de vida do ser humano e do meio ambiente,

promovendo o desenvolvimento social, econômico e cultural em distintas unidades da federação brasileira.

Os professores dos diversos estabelecimentos de ensino se reúnem, sistematicamente, com os dirigentes da Fundação José Carvalho, revendo a didática, o plano de aulas, as dificuldades encontradas e avaliando processualmente os resultados.

A proposta educacional das casas de educação da Fundação José Carvalho é centrada na educação integral, na conectividade entre as diversas disciplinas e conteúdos, que permitem uma dimensão mais ampla do processo de aprendizagem, sintonizado com os princípios e a visão da educação urbana e da educação rural, potencializando também os saberes da terra, que permitem a aplicação prática dos conhecimentos.

As unidades escolares da Fundação José Carvalho reorganizam o modelo de escola ativa, perpassando sua base conceitual até o nono ano do ensino fundamental e ao longo do ensino médio e da educação profissional, mantendo viva a chama do processo diferenciado que já ocorre desde a educação infantil.

As escolas da Fundação José Carvalho realizam um diagnóstico da situação educacional dos estudantes, mensurando o nível de conhecimento, as dificuldades de aprendizado e as potencialidades existentes, além do cadastro por aluno, para levantar informações precisas sobre sua vida, sua família e sua comunidade.

Vale ressaltar que os estabelecimentos de aprendizagem da Fundação José Carvalho envolvem toda comunidade, reunindo mães e pais para apresentar a sua proposta pedagógica, ouvindo os anseios das famílias com vistas ao ensino ministrado aos seus filhos.

As casas de educação da Fundação José Carvalho cuidam da informática, atuando na área de inclusão e alfabetização digital, levando às comunidades urbanas e rurais a possibilidade de acessar novas tecnologias e novos conhecimentos.

A biblioteca da Fundação José Carvalho permite a criação de um espaço dinâmico, capaz de estimular a leitura entre os alunos, através de círculos de leitura e encontros poéticos, dentre muitas outras atividades.

A formação de leitores reflexivos, com potencial para discernir o mundo e lideranças multiplicadoras entre jovens da Fundação José Carvalho, permite a ampliação do conhecimento a partir da convivência em grupo e possibilita a problematização de diferentes visões, através da leitura de textos que envolvem a linguagem poética e textos da literatura clássica, contribuindo assim para o desenvolvimento dos educandos nos aspectos relativos a leitura, escrita e interpretação.

Coletividade é a palavra de ordem, quando se trata das unidades escolares da Fundação José Carvalho, com uma gestão participativa que envolve centenas de estudantes, pais, professores e representantes da comunidade, no planejamento e na execução de projetos.

As principais características da Fundação José Carvalho são as parcerias estabelecidas durante o ano, que proporcionam a realização de diferentes projetos nas áreas de esporte, teatro e música. A maior parceria é a família dos alunos, que participa de reuniões ordinárias e também voluntariamente, quando vai às escolas conhecer o trabalho e avaliar o desempenho dos estudantes.

Dentre as principais atividades da Fundação José Carvalho estão a formação de professores, a integração comunitária e a abertura de estabelecimentos de ensino para o lazer da comunidade,

realizadas juntamente com estudantes, professores e funcionários, promovendo torneios esportivos e gincanas que envolvem toda a casa de educação.

Essas ações realizadas de forma coletiva, podem credenciar a Fundação José Carvalho para o prêmio nacional de referência em gestão escolar, realizado pelo conselho nacional de secretários da educação (Consed), união nacional dos dirigentes municipais de educação (Undime), organização das nações unidas para a educação, ciência e cultura (Unesco) e Fundação Roberto Marinho.

Hoje a Fundação José Carvalho celebra mais uma grande data, promovendo um novo encontro de educadores de toda a instituição.

Estamos todos de parabéns. Muito obrigado.

Astor de Castro Pessoa
Conselheiro da Fundação José Carvalho
Acadêmico da Academia Baiana de Educação

Pronunciamento do Acadêmico Astor de Castro Pessoa, coordenador do Seminário Estadual de Educação em Direitos Humanos

Saudação ao Secretário Estadual da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Almiro Sena;

Ao Secretário da Educação da Bahia, Osvaldo Barreto Filho;

Ao Secretário da Segurança Pública do Estado, Maurício Barbosa;

À Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República, Lúcia Camini, conferencista neste seminário;

À Superintendente de Direitos Humanos da Sjedh, Ivete Alves do Sacramento, através da qual saúdo todos os Dirigentes e Servidores da Justiça, da Educação e da Segurança em nosso estado;

Aos representantes de instituições públicas, privadas e ONGS que integram os diferentes eixos componentes do Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos;

À senhora diretora deste Instituto Anísio Teixeira, Irene Carzola;

À senhora vice-presidente do Egrégio Conselho Estadual de Educação da Bahia, Alda Pepe, também conferencista de hoje, neste ato representando a presidente Aylana Barbalho;

Às distintas e aos prezados colegas que compõem a comissão organizadora e executiva do II Seminário Estadual de Educação em Direitos Humanos e que me elegeram para representá-los nesta mesa, a minha saudação agradecida;

Senhoras e senhores integrantes da luta em defesa dos direitos humanos, na Bahia e no Brasil, presentes ou representados.

O Secretário da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, Almiro Sena e o Secretário da Educação da Bahia, Osvaldo Barreto, juntamente com o Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos convidaram as senhoras e os senhores para o II Seminário Estadual de Educação em Direitos Humanos, que agora tem início.

O II Seminário Estadual de Educação em Direitos Humanos conta com representantes de entidades públicas, privadas e ONGS que compõem os cinco eixos integrantes do comitê estadual de educação em direitos humanos, à seguir nomeados: Educação Básica, Educação Superior, Educação não Formal, Educação dos Profissionais do Sistema de Justiça e Segurança e Educação e Mídia, Previstos no Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos, lançado pelo governo da Bahia, através da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, com a participação efetiva de todas as outras instituições que formam o referido comitê.

O Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos, concebido pelo nosso comitê, hoje será avaliado, objetivando destacar o que efetivamente foi implementado pelas diversas Instituições que o conceberam, traçar estratégias para alcançar os objetivos propostos e ainda não alcançados, divulgar as ações desenvolvidas pelo Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos e mobilizar toda a sociedade Civil para construirmos uma cultura de educação em direitos humanos que garanta o cumprimento de ações concretas, à partir dos objetivos fixados.

O plano Estadual de Educação em Direitos Humanos da Bahia foi o primeiro a ser lançado no Brasil, sendo a nossa Unidade da

Federação, pioneira nas ações de promoção da Educação em Direitos Humanos, seguindo o plano nacional que foi lançado pelo Governo Federal, numa parceria com a UNESCO.

Decreto do Governador do Estado da Bahia instituiu, no âmbito da Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, o Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos, com as atribuições de:

- . Participar da formulação, monitoramento e avaliação da Política Estadual de Educação em Direitos Humanos;
- . Participar da elaboração, análise e avaliação da execução do Plano Estadual de Educação em Direitos Humanos;
- . Definir e estabelecer princípios e critérios para o desenvolvimento e avaliação de ações referentes à Educação em Direitos Humanos Planejadas e executadas pelos Órgãos Governamentais, no âmbito estadual;
- . Apresentar propostas de políticas governamentais e parcerias entre a sociedade civil e órgãos públicos, relativas à educação em direitos humanos;
- . Sugerir medidas normativas que objetivem a implementação e regulação da Política Estadual de Direitos Humanos;
- . Estimular a criação de fóruns para a formulação de Políticas de Educação em Direitos Humanos na esfera municipal e no âmbito dos territórios de identidade;
- . Participar de atos e ações que concorram para a promoção e o respeito dos Direitos Humanos em todas as suas dimensões;

- . Promover seminários, debates, pesquisas, cursos, estágios, grupos de estudos e outras atividades na área dos Direitos Humanos, em cooperação com fóruns e órgãos congêneres;
- . Elaborar o seu regimento interno.

Hoje o comitê estadual realiza o II Seminário de Educação em Direitos Humanos com o panorama da Educação em Direitos Humanos no Brasil, palestra da doutora Lúcia Camini, panorama da Educação em Direitos Humanos na Bahia, palestra da doutora Alda Pepe, seguida de debates, oficinas temáticas e atividade cultural que ocorrerão ao longo do dia, além da expectativa de que o dia 21 de setembro entre no calendário escolar como o dia nacional de luta da pessoa com deficiência, estimulados pela recente publicação da Secretaria de Educação Especial do Ministério da Educação, sobre os marcos político-legais da educação especial, na perspectiva da educação inclusiva.

O Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos agradece à Secretaria Estadual da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos e ao seu Secretário Almiro Sena, à Secretaria da Educação da Bahia e ao seu Secretário Osvaldo Barreto Filho, à Secretaria da Segurança Pública do Estado e ao seu Secretário Maurício Barbosa, às palestrantes Lúcia Camini e Alda Pepe, a todas as senhoras e todos os senhores que compareceram e vão participar ativamente do II Seminário Estadual de Educação em Direitos Humanos. Muito obrigado a todos e a todas vocês.

Astor de Castro Pessoa
Acadêmico da Academia Baiana de Educação
Integrante do Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos.

Pronunciamento do Acadêmico Astor de Castro Pessoa na Solenidade de Formatura dos Estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação da Bahia, Instituição que integra as Faculdades Olga Mettig, no dia 7 de janeiro de 2011.

Nos dias 18 e 22 de dezembro próximos passados participei da colação de grau de seus colegas de turma, no auditório das Faculdades Olga Mettig, no prédio onde funciona a nossa querida Faculdade de Educação da Bahia, a primeira do nordeste brasileiro.

Nos eventos que participei, conclamei a todos para que hoje aqui viessem, da mesma maneira que os ví lá, na memorável festa de conclusão do curso superior de pedagogia, para testemunharem a grandiosa celebração que se faz neste Centro de Convenções da Bahia, com a solenidade da formatura de vocês.

Estudamos e trabalhamos juntos a estrutura e o funcionamento do ensino fundamental, médio e superior, em nossa Feba-Famettig, discutindo os capítulos da educação na constituição da República Federativa do Brasil, do Estado da Bahia e da Lei Orgânica do Município de Salvador.

Dialogamos sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, as diretrizes e os parâmetros curriculares nacionais, os pareceres, resoluções e portarias dos Conselhos Nacional, Estaduais e Municipais de Educação.

Foi com determinação que vocês argumentaram sobre as políticas públicas na educação, compreendendo a necessidade da população carente ter aulas gratuitas e de boa qualidade, alimentação e saúde escolar, livro didático, material escolar, transporte escolar, colegiado escolar e grêmios estudantis, contemplando toda a comunidade.

Distintas pedagogas e prezados pedagogos. Hoje eu quero celebrar a vida de suas mães, de seus pais, de seus esposos, de suas esposas, de suas filhas, de seus filhos, de suas netas, de seus netos e, principalmente, as suas próprias vitórias. Mas, me permitam abrir um justo parêntesis para homenagear aquela que pelo simples fato de ser mulher já mereceria todas as nossas homenagens, e como se não bastasse, é mãe também – dose dupla de homenagens: mãe doméstica, mãe operária, mãe professora, mãe mestra, mãe doutora ou simplesmente mãe – esse diploma tem um grande percentual de seu sangue, do seu suor, de sua lágrima, da sua dor, do seu carinho, do seu exemplo e de sua alegria. Receba-o mamãe, com sua filha ou com o seu filho.

Quero aqui repetir o meu testemunho, com os meus próprios olhos e ouvidos, dos sacrifícios enfrentados por vocês queridas pedagogas e queridos pedagogos, com o apoio irrestrito das pessoas mais importantes de suas famílias.

A conclusão de um curso superior é um convite para agradecer a Jesus Cristo e a tantos que contribuíram para o êxito alcançado, e a se refletir sobre o sentido maior do compromisso que se assume diante de toda a comunidade, de si mesmo e de Deus.

É um momento de agradecer o dom da vida, o dom da inteligência, o dom da instrução, o dom da saúde, o dom da esperança que se tem, de realizar algo a partir deste momento de formatura.

É igualmente o momento de uma colação de grau, o momento especial para se refletir sobre o compromisso que se assume, a partir de agora.

O que serei? O que farei? O que os outros esperarão de mim? O que poderei realizar em benefício dos outros? O que Deus quer de mim?

O mundo deve ser melhor, a partir do meu trabalho, a partir da minha presença na comunidade onde estarei a atuar. Este o sentido social de toda a profissão, este é o sentido religioso da vida de todos nós.

Não basta falar do que existe de errado, de negativo, de imperfeito. Uma profissão que se tem é a oportunidade da afirmação de que agora cada pessoa é também responsável por tudo que existe, por tudo que se deixa fazer.

Hoje aqui, eu também testemunho o seguinte:

1. A alegria dos dedicados dirigentes das Faculdades Olga Mettig, representados pelo seu diretor geral, doutor Marcelo Augusto Rocha;
2. A satisfação dos seus abnegados professores em participar da primeira de uma série de grandes vitórias que vocês alcançarão, com a conclusão do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Bahia;
3. O prazer dos zelosos funcionários da sua Feba-Famettig, em comprovar que todo o seu trabalho foi coroado de êxito, dando sua importante parcela de contribuição para a colação de grau de vocês;
4. A paixão com que os seus familiares participam, aqui ou alhures, presencial ou espiritualmente, desta batalha vitoriosa, que certamente se estenderá com a especialização, com o mestrado, com o doutorado, enfrentando os concursos públicos de provas e títulos, as defesas de teses, elevando bem alto os preciosos conhecimentos auferidos nos bancos escolares ou na prática pedagógica do cotidiano.

Caríssimas pedagogas, caríssimos pedagogos:

Refletir o compromisso que agora ireis fazer e assumi, com coragem e com entusiasmo, a construção de um mundo que deve ser melhor, mais pleno e mais cristão, com igualdade de oportunidades para todos, garantindo, quando necessário, uma escola pública, gratuita e de boa qualidade, sem prescindir dos bons serviços educacionais prestados pela iniciativa particular, para os que a ela podem e querem acorrer.

Que deus lhes abençoe e permita a cada um e a cada uma que o ano novo seja próspero e de paz, ao lado de seus familiares e amigos, trazendo-os para fazer parte desta família das Faculdades Olga Mettig, nos cursos de pedagogia, turismo, administração, sequenciais superiores, complementação pedagógica, pós graduação, educação musical e da Faculdade livre da Maturidade.

Um fraternal abraço para todos e muito obrigado pela atenção.

Astor de Castro Pessoa
Coordenador Acadêmico da Feba-Famettig
Acadêmico da Academia Baiana de Educação

Solenidade de abertura da XIII Reunião Conjunta do Conselho Estadual com os conselhos municipais de Educação da Bahia – 23 de outubro de 2011 – Ilhéus-Ba.

Pronunciamento do acadêmico Astor de Castro Pessoa.

Saudação ao Secretário da Educação da Bahia, Osvaldo Barreto Filho, através de quem saúdo todo o executivo estadual;

À conselheira Aylana Alves dos Santos Gazar Barbalho, presidente do Conselho Estadual de Educação da Bahia, através da qual saúdo conselheiras, conselheiros e colegas da Sec e do Egrégio colegiado;

À vice-reitora Adélia Pinheiro, através de quem saúdo estudantes, professores e funcionários daquela renomada Universidade Estadual de Santa Cruz –UESC;

À coordenadora estadual da UNCME, Gilvânia nascimento, através da qual saúdo conselheiras, conselheiros e servidores dos conselhos municipais da Bahia;

Ao diretor da direc-06, Edinei Mendonça, através de quem saúdo técnicos, professores e funcionários daquela diretoria;

À secretária municipal de educação, Lidiney Maria Ferreira Campos de Azevedo, representante do prefeito de Ilhéus, através

da qual saúdo os discentes, os docentes e os servidores municipais.

Distintas senhoras e prezados senhores.

A minha caminhada foi e é liderada por bravas mulheres. Minha mãe Stela que me deu a vida; minhas irmãs Eliana, Joana e Stela me dão proteção; minha esposa conceição me dá amor; minhas filhas Rachel e Carolina me dão orgulho; minha neta Maria me dá esperança. Mas, elas não estiveram ou estão sós. Meu pai Astor me deu um grande exemplo de vida; meus cunhados Augusto, Remilson e Ferreira me dão grande amizade; meus genros Fernandinho e Alexandre me deram a chance de uma nova paternidade e meus netos Nando, Caíque e Antonio me dão a imperiosa necessidade de continuar vivendo pela educação.

Agradeço a Deus por mim, minha família, meus colegas, meus amigos, em especial a presidente Aylana Gazar Barbalho e a coordenadora Gilvânia Nascimento, pela indicação e saudação, que fundamentaram a escolha do meu nome para homenagem especial da XII Reunião Conjunta do Conselho Estadual e dos Conselhos Municipais de Educação da Bahia.

Deus me permitiu conviver com a inteligência, o conhecimento, a sabedoria e a competência de nomes ilustres, que integram ou integraram o quadro seletivo do Conselho de Estado de Educação da Bahia e da união nacional dos conselhos municipais de educação, aos quais reitero os agradecimentos.

Acolhido que fui pelos corações dos prezados conselheiros e servidores das distintas conselheiras e servidoras, nas primeiras reuniões realizadas nas dependências do Conselho Estadual de

Educação da Bahia, me tornei infatigável cultivador das velhas e novas amizades, mormente nesta fase imprecisa e nevoenta da vida em que sentimos, com os encantos que findam e os afetos que não morrem.

Estou convencido, senhoras e senhores, de que, para tudo nesta existência, há uma hora certa, inexoravelmente marcada. Seja boa ou seja má. Estou convencido disto porque creio no destino, com a obstinação de um oriental. Quer se chame fatalidade, quer seja ele o nosso Deus.

A indicação para receber uma homenagem especial da XII reunião Conjunta do CEE com os CME'S, na terra de meu avô – Antonio Pessoa, de meu pai – Astor Pessoa, de meus tios – Mário Pessoa e Tonico Pessoa, foi a mais alta láurea que recebi do Conselho Estadual de Educação da Bahia e da União Nacional de Conselhos Municipais de Educação, além da escolha do meu nome para Conselheiro Estadual e Eleição Direta para presidente do Egrégio Colegiado de Estado.

Antonio Pessoa terá comemorado o seu sesquicentenário de nascimento em setembro de 2013 e assim poderemos recordar um grande vulto do passado, fazendo-o conhecido das novas gerações de nossa amada cidade de Ilhéus e do nosso querido estado da Bahia.

Antonio Pessoa contraiu matrimônio, em Ilhéus, com dona Francisca de Queiroz Pessoa, de cujo consórcio nasceram os filhos Antonio Pessoa Junior, oficial de cartório de protestos de Ilhéus, Astor Pessoa, bacharel em direito, deputado estadual por Ilhéus, Assessor para Assuntos Jurídicos da Secretaria da Saúde do Estado e Conselheiro do Tribunal de Contas da Bahia, e Mário

Pessoa, médico clínico e prefeito de Ilhéus, por 2 mandatos populares – que emprestou o seu nome ao estádio municipal desta querida cidade.

O professor Antonio pessoa dedicou-se ao magistério e ao estudo das leis processuais, conseguindo obter do tribunal de relação, após brilhante exame, no qual foi aprovado plenamente, a provisão de advogado, cuja profissão exerceu com raro destaque, sendo considerado como um dos mais hábeis e conceituados do seu tempo.

A atuação de Antonio pessoa como promotor público de Ilhéus foi de grande relevo, dando sobejas provas de firmeza de caráter e de grande energia, quando promoveu processos e denunciou terríveis criminosos, alguns até desfrutando de prestígio social e político. Essa sua atitude mereceu louvores e elogios da comunidade Ilhéense.

Militando na política, tornou-se um dos mais influentes líderes políticos da Bahia.

Durante os quadriênios em que exerceu o mandato de Conselheiro Municipal de Ilhéus, Antonio pessoa foi, por sucessivas reeleições, escolhido para presidente do conselho e nessa qualidade teve que exercer algumas vezes, interinamente, o cargo de intendente do município.

Como prefeito eleito de Ilhéus prestou os mais assinalados serviços, não só com a revisão dos contratos existentes para os serviços de abastecimento de água, esgotos e iluminação, nos quais fez incluir novas cláusulas de modo a beneficiar outras

localidades do município, realizando o calçamento de várias ruas e as construções do cemitério público e do grupo escolar.

Foi eleito deputado estadual e, na câmara dos deputados, onde logo se impôs pela sua austeridade, critério e correção de atitudes, elegeram-no presidente da casa legislativa.

Foi eleito Senador do Estado e reeleito sucessivamente. No senado foi, incontestavelmente, uma das suas mais respeitáveis figuras, sendo a sua palavra sempre ouvida com geral acatamento. Fez parte de quase todas as suas comissões permanentes e como relator de numerosos pareceres deixou patente sua cultura e o seu elevado critério. Tomou parte nas mais importantes discussões e exerceu com raro brilho a espinhosa missão de líder da maioria.

O historiador Bulcão Sobrinho, integrante do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em quem buscamos algumas preciosas informações sobre Antonio pessoa, foi funcionário da secretaria do senado e, segundo ele, teve a felicidade e a honra de conviver com o senador pessoa podendo, portanto, dar o testemunho da grandeza do seu coração e da nobreza dos seus sentimentos, defendendo com extremado ardor as causas justas, pelas quais se apaixonava, ao ponto de muitas vezes não obedecer a disciplina partidária.

Ainda em Ilhéus, Antonio Pessoa, como provedor da Santa Casa de Misericórdia, da qual foi um dos organizadores, construiu e inaugurou o “Hospital São José”, reputado, na época, um dos melhores do estado, e, fundou o “Jornal de Ilhéus”, depois chamado “Correio de Ilhéus”.

A liderança do senador pessoa sensibilizou a comunidade Ilhéense a eleger seus filhos Astor Pessoa, para Deputado Estadual, e Mário Pessoa para prefeito de Ilhéus.

Segundo o jornalista Elias Reis, sem sombra de dúvida, foi Mário Pessoa o pioneiro na previsão da vocação turística de Ilhéus e, por certo, o primeiro a expressar a sua certeza na legislação, quando foi autorizado a entender-se com o presidente da “rádio sociedade”, com sede na capital do estado, “para a instalação de um serviço de radiofonia, com estações receptoras e transmissoras em Ilhéus, a fim de divulgar as ocorrências mundiais de interesse público”, ou ainda quando concedia “isenção de todos os impostos municipais pelo espaço de dez anos, exceto as taxas de esgoto e lixo, aquele que, por si ou empresa que organizar, vier estabelecer nesta cidade um hotel de primeira ordem, instalado em prédio amplo, elegante e especialmente destinado a este fim, dispondo de instalações que a intendência exigir, segundo o plano mais aconselhável sob o ponto de vista arquitetônico e higiênico, inclusive canalização d’água em todas as dependências, telefonia e elevador”.

Pela lei, escreveu Elias reis, ficou determinada a ampliação da isenção de impostos dos prédios que se edificaram “na área de acrescidos da marinha, utilizada pela companhia industrial de Ilhéus e compreendida no perímetro central, com três ou mais andares que providos de elevador elétrico, etc.”

Mário Pessoa contratou a obrigação de organizar “um filme destinado à propaganda deste município no país e no exterior”, exigindo-se entre outras cenas a inclusão do palácio da intendência municipal; grupo escolar da praça Castro Alves; hospital São José; panorama de Ilhéus visto dos morros; praças

cel. Pessoa, Ruy Barbosa, Luiz Vianna e Cayrú;... Avenida dois de Julho com o belvedere, e a gruta de Lourdes ... E lavoura cacauera”

Já no seu segundo mandato - continua Elias Reis – Mário Pessoa abriu concorrência pública e construiu o estádio de futebol, o campo de aviação do pontal, o cemitério novo e muitas outras obras importantes e históricas. O cristo redentor, obra também construída por Mário Pessoa, é uma réplica inspirada no monumento do Rio de Janeiro, instalada geograficamente à entrada da barra do pontal para saudar os imigrantes que desembarcam em Ilhéus.

Por tudo isso manifesto a grande satisfação de ser neto de Antonio Pessoa e de Ilhéus. Ao traçar um breve histórico da sua vida profícua, ao lado de sua esposa, minha avó Francisquinha, dos seus filhos Astor Pessoa – meu pai, Mário Pessoa e Tonico Pessoa – meus tios. Rendo às suas memórias a sincera homenagem da minha gratidão e da minha imensa saudade, certamente compartilhada com seus incontáveis netos e bisnetos, moradores nesta encantadora metrópole ou em outros recantos desta grandiosa Bahia e deste gigante país.

Estou aqui para trabalhar. Estou aqui também por um motivo sentimental. É que, se maior é a honra, maior é também a alegria de receber a homenagem de duas entidades que gozam do maior prestígio, maior respeito e da maior admiração na Comunidade Educacional da Bahia. Aos dirigentes, colaboradores, conselheiras e conselheiros do Conselho Estadual de Educação da Bahia - CEE e da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação – UNCME, prende-me antigo e profundo sentimento de gratidão.

Acredito ser oportuno, neste momento, agradecer aos conselheiros, às conselheiras e aos colaboradores do CEE e da UNCME pelo empenho em apoiar e divulgar os projetos e eventos das 2 entidades educacionais, seja em nome do dever, seja pelo gosto de realizar algo mais, seja em nome do amor e da solidariedade que esperamos conquistar, ou seja por desígnio de deus.

Nunca o reconhecimento excedeu tanto, de maneira tão pródiga, o mérito premiado. A verdade é que estamos aqui em Ilhéus, conselheiros, conselheiras e colaboradores, do CEE e da UNCME, através do Consenso Superior de Doutores, Mestres, Professores e Especialistas em Educação, para vivenciarmos instantes como este da XIII reunião conjunta do Conselho Estadual e dos Conselhos Municipais de Educação da Bahia.

Conhecemos e exaltamos o papel do professor. Exercer esse papel exige saber profundo. Admiramos extremamente os que sabem muito e se dedicam a ensinar o que sabem, sobretudo porque a eles compete, como obra de sublime escultura, a amoldagem do espírito, do cérebro, da alma, da consciência da juventude, da mocidade que é a observadora do presente e a dona do futuro. Admiramos e exaltamos os professores pela proficiência com que abarcam todos os ângulos dos conhecimentos humanos.

Agradeço à presidente Aylana Gazar Barbalho e à coordenadora Gilvânia Nascimento, aos conselheiros, às conselheiras e aos colaboradores do Conselho Estadual de Educação da Bahia e da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação que apoiaram esta homenagem especial da XIII reunião conjunta do CEE com os CME'S, com a honrosa presença do Secretário Osvaldo Barreto, da vice-reitora Adélia Pinheiro, do Diretor

Edinei Mendonça, da Secretária Lidiney Campos e de todas as senhoras e todos os senhores.

Muito obrigado.

Astor de Castro Pessoa
Acadêmico da Academia Baiana de Educação

Solenidade Comemorativa aos 29 anos da Academia Baiana de Educação, dia 04 de outubro de 2011, salão nobre do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

Breve histórico – acadêmico Astor de Castro Pessoa.

Saudação ao acadêmico José Rogério da Costa Vargens, presidente da Academia Baiana de Educação, em nome de quem saúdo todos os presidentes do sodalício;

Acadêmica Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, vice presidente desta Academia, em nome de quem saúdo todos os vice-presidentes da Instituição;

Acadêmica Consuelo Pondé de Sena, presidente do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em nome da qual saúdo todos os colegas associados desta casa;

Conselheira Aylana Alves dos Santos Gazar Barbalho, presidente do Conselho Estadual de Educação da Bahia, em nome de quem saúdo conselheiras, conselheiros e colegas do colegiado;

Acadêmica Anací Bispo Paim, presidente da Academia de Educação de Feira de Santana, em nome da qual saúdo conselheiras e conselheiros daquela academia;

Acadêmico José Carlos Almeida da Silva, magnífico reitor da Universidade Católica do Salvador, em nome de quem saúdo estudantes, professores e funcionários daquela instituição;

Doutor Eduardo Morais de Castro, representante do conselho superior da Associação Comercial da Bahia, em nome do qual saúdo os integrantes daquela entidade;

Professor Pierre Sabaté, Consul Honorário da França na Bahia, em nome de quem saúdo os membros daquele consulado;

Professora Conceição, minha esposa há 42 anos, mais 5 entre namoro e noivado - naquela época ainda era usual cumprir essas etapas - mãe das nossas filhas Rachel e Carolina, avó dos nossos netos Nando, Caíque, Maria e Antonio e sogra dos nossos genros Fernandinho e Alexandre;

Professora Gislaine Pinheiro Onofre da Silva diretora do Colégio Estadual Divino Mestre;

Distintas confradeiras e prezados confrades;

Senhoras e senhores.

Agradecemos a deus por nós, nossa família, nossas confradeiras, nossos confrades, nossos amigos, em especial ao presidente José Rogério da Costa Vargens, à presidente de honra Ieda Jesuino dos Santos e à vice-presidente Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon, pela indicação e saudação, que fundamentaram a escolha do nosso nome para homenagear esta instituição educacional, em noite comemorativa à sua vigésima nona data aniversária.

A Academia Baiana de Educação, constituída de 40 cadeiras, ocupadas por membros titulares, com patronos que tenham sido educadores, professores ou estudiosos de fatos e problemas da educação na Bahia, foi fundada em 9 de setembro de 1982, completando 29 anos, como associação cultural, sem fins lucrativos, com sede e foro na cidade do Salvador, capital do estado da Bahia e prazo de duração indeterminado, regendo-se pelas disposições do seu estatuto, de suas normas regimentais e outros dispositivos legais aplicáveis.

A nossa academia funciona regularmente com personalidade jurídica, reunindo grandes nomes do ensino público e particular,

presencial e a distância, infantil e fundamental, médio e superior, nas modalidades de educação de jovens e adultos e educação especial, educação no campo e educação do campo, educação indígena e educação quilombola, dentre outras.

Deus nos permitiu conviver com a inteligência, o conhecimento, a sabedoria e a competência de nomes ilustres, que integram ou integraram o quadro seletivo de nossa entidade educacional, aos quais reiteramos os agradecimentos pela aprendizagem com todos eles.

Embora consternados com o falecimento do confrade Antonio Jesuíno dos Santos Netto, por dever de ofício, temos a honra de registrar os 29 anos da Egrégia Academia Baiana de Educação, grêmio que participamos desde a sua fundação, como titular da cadeira número 26, cujo patrono é o professor João Florêncio Gomes, trazidos pelas mãos generosas do seu saudoso criador, professor Hermano José de Almeida Gouveia neto, líder da vitoriosa iniciativa, que contou também com a participação de Raimundo Gouveia, José Newton de Souza, Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino Dias, Antonio Pithon, Edivaldo Boaventura, Raymundo Matta, acolhidos que fomos pelos corações dos prezados acadêmicos e das distintas acadêmicas, nas primeiras reuniões realizadas nas dependências da Faculdade de Educação da Bahia, Instituição de Ensino Superior mantida pela saudosa confrreira Olga Pereira Mettig e pelo confrade Marcelo Augusto Rocha.

Aqui, na sede do nosso Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, uma Instituição com prestígio majestático de uma tradição centenária, dirigido pela querida historiadora Consuelo Pondé, uma qualitativa parcela da comunidade educacional comemora os 29 anos da Academia Baiana de Educação. Sobre esta casa do saber, paira, a multiplicar tudo, a mão dadivosa da providência. Aqui no Instituto Geográfico e Histórico ou ali na Academia de

Educação Ensinamos, aprendemos, pesquisamos. Aqui no Instituto ou ali na Academia trabalhamos pelo renome crescente da Bahia.

O Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e a Academia Baiana de Educação nasceram, criaram-se, cresceram, expandiram-se sob o signo da determinação, da tenacidade e da fé. Obras de missionários do impossível, que mostraram aos baianos que a realidade não é aquilo que se nos apresenta: é aquilo que queremos e fazemos.

E foi assim que o impossível se tornou realidade. Realidade que se tornou exemplo. Um exemplo a mais do valor da nossa gente e da potencialidade da nossa terra, grandiosa pela capacidade dos seus filhos e pela repercussão dos seus feitos e da sua glória.

A Academia Baiana de Educação, ao longo da sua exitosa atividade, elegeu para o seu quadro de membros titulares e eméritos confrades e confreiras, com os quais muito aprendemos.

A nossa academia tem por finalidade estudar e pesquisar, definir e interpretar fatos, fenômenos e problemas da educação e do ensino na sua acepção geral, competindo-lhe, como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional.

São membros beneméritos da Academia Baiana de Educação o acadêmico José Carvalho, que empresta o seu nome para uma conceituada Fundação Educacional, cujos integrantes nos elegeram conselheiro titular, e o confrade José Nilton Pereira, que nos proporcionou o privilégio da convivência em incontáveis reuniões, no Plenário e na Câmara de Educação Básica do Egrégio Conselho Estadual de Educação da Bahia.

Nas palavras do mestre Edivaldo Machado Boaventura “a academia é antes de tudo um elemento enriquecedor da comunidade educacional baiana. Constitui-se em um apoio à educação no momento em que ela precisa do concurso de todas as forças vivas, além de reverenciar os vultos do ensino pelo estabelecimento do fio condutor da tradição pedagógica. Se educação é passado, a história da educação, é também presente e mais ainda futuro pela projeção de novos cenários como a educação a distância. A educação é um saber prático e aplicado a campos concretos de aprendizagem, fundamentado nas ciências da educação,” conclui o emérito acadêmico Edivaldo Boaventura.

A Academia Baiana de Educação criou o prêmio Educador do Ano o que permitiu às confradeiras e aos confrades elegerem os educadores José Carlos Almeida em 95, Zilma Parente em 96, Divaldo Franco em 97, Edivaldo Boaventura em 98, Olga Mettig em 99, José Carvalho em 2000, Dirlene Mendonça em 2001, Jair Santos em 2002, Lêda Jesuino em 2003, Antonio de Pádua em 2004, João Fernandes em 2005, este professor que vos fala em 2006, Maria Augusta Abdon em 2007, Josué Mello em 2008, Francisco Senna em 2009 e Liliana Mercury em 2010.

Somos infatigáveis cultivadores das velhas e novas amizades, mormente nesta fase imprecisa e nevoenta da vida em que sentimos, com os encantos que findam e os afetos que não morrem, sentimos que, se é tarde para vivê-la, é cedo para deixá-la. Porque deixá-la seria perdermos instantes como este, e a vida de instantes é feita e num instante passa.

Estamos convencidos, senhoras e senhores, de que, para tudo nesta existência, há uma hora certa, inexoravelmente marcada. Seja boa ou seja má. Estamos convencidos disto porque cremos no destino, com a obstinação de um oriental. Quer se chame fatalidade, quer seja ele o nosso Deus.

Antes de citarmos os presidentes da Academia Baiana de Educação, permitam-nos lembrar a mestra Leda Jesuíno dos Santos, presidente de honra da nossa academia e “Dama da Educação Baiana”:

. Raymundo Gouveia conduziu os destinos da nossa academia no início da sua construção e do seu funcionamento, sendo, conseqüentemente o primeiro presidente do sodalício.

. Hermano Gouveia Neto foi um dos maiores entusiastas pela criação da Academia Baiana de Educação, sendo o secretário geral nos quatro primeiros anos do seu funcionamento e presidente em dois mandatos sucessivos.

. Edivaldo Boaventura foi o terceiro presidente da Academia Baiana de Educação com mandatos consecutivos, empenhando-se em consolidar a instituição como pessoa jurídica, visando os títulos de utilidade pública municipal, estadual e federal.

. Jair de Oliveira Dantos reformou o estatuto e o regimento da Academia Baiana de Educação, publicou os boletins e as revistas da academia e confirmou na sua gestão a história da instituição.

. Hildérico Pinheiro de Oliveira foi o quinto presidente de nossa Instituição, por um mandato de 2 anos, mantendo o funcionamento regular da academia com prestação de serviços à comunidade e reverenciando a memória de vultos da história da educação na Bahia.

. Alírio Fernando Barbosa de Souza dirigiu a academia durante dois mandatos – 2000 a 2004, completando o quadro de acadêmicos e enfrentando um período de mudança do espaço que a nossa entidade ocupava no palacete Catharino, por força da chegada do museu Rodin, transferindo-se para o Colégio Apoio, inicialmente, e depois para a Fundação João Fernandes da Cunha.

. Roberto Figueira Santos conduziu a Academia de 2004 a 2008 com um laborioso programa de formação de professores, destacando o sentido das licenciaturas, reunindo confrades, confradeiras, professores, educadores e alunos para o debate sobre problemas e soluções do ensino e da aprendizagem, realizando os 3 ciclos dos seminários que planejou.

. José Rogério da Costa Vargens reestruturou a Academia Baiana de Educação levando os confrades e as confradeiras a um amplo debate sobre o novo estatuto e o novo regimento do nosso sodalício, além de promover uma concorrida mesa redonda que teve como tema “a educação física e os desafios da modernidade”, dando início ao ciclo de oficinas para professores de educação física.

A vice-presidência da Academia Baiana de Educação, durante a gestão dos presidentes citados anteriormente, foi ocupada pelas acadêmicas Leda Jesuíno dos Santos e Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon e pelos acadêmicos Germano Dias Machado e Hermano Augusto Palmeira Machado.

A indicação para falarmos na sua data aniversária, foi a mais alta láurea que recebemos da Academia Baiana de Educação, além da escolha dos nossos pares, para ocuparmos a cadeira número 26, dirigirmos o cerimonial do sodalício, e recebermos o título de educador do ano, em 2006, por indicação do benemérito acadêmico José Nilton Carvalho Pereira

Vimos por um motivo sentimental. É que, se maior é a honra, maior é também a alegria de falarmos em nome dos nossos pares acadêmicos, pela passagem do vigésimo nono aniversário de Fundação da Academia Baiana de Educação, entidade que goza do maior prestígio, do maior respeito e da maior admiração no seio da comunidade educacional da Bahia. Aos dirigentes, colaboradores, confradeiras e confrades da academia prende-nos antigo e profundo sentimento de gratidão.

Acreditamos ser oportuno, neste momento, agradecer aos acadêmicos, às acadêmicas e aos colaboradores da Academia Baiana de Educação pelo empenho em apoiar e divulgar os projetos e eventos de nossa entidade educacional, seja em nome do dever, seja pelo gosto de realizar algo mais, seja em nome do amor e da solidariedade que esperamos conquistar ou ousamos desejar para a academia, seja por desígnio de deus. Somos sonhadores de sonhos humildes, de sonhos possíveis.

Nunca o reconhecimento excedeu tanto, de maneira tão pródiga, o mérito premiado. A verdade é que estamos aqui, confrades, confreriras e colaboradores, através do consenso superior de doutores, mestres, professores e especialistas em educação, para vivenciarmos instantes como este. Como este em que comemoramos os 29 anos de existência da Academia Baiana de Educação, no palácio do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Instituição Secular, liderada pela nossa anfitriã, Acadêmica Consuelo Pondé de Sena.

Conhecemos e exaltamos o papel do professor. Exercer esse papel exige saber profundo. Admiramos extremamente os que sabem muito e se dedicam a ensinar o que sabem, sobretudo porque a eles compete, como obra de sublime escultura, a amoldagem do espírito, do cérebro, da alma, da consciência da juventude, da mocidade que é a observadora do presente e a dona do futuro. Admiramos e exaltamos os professores pela proficiência com que abarcam todos os ângulos dos conhecimentos humanos.

Agradecemos ao presidente Rogério Vargens e aos seus antecessores Roberto Santos, Alírio Souza, Jair Santos e Edivaldo Boaventura, à presidente de honra Leda Jesuíno, à vice-presidente Maria Augusta Abdon e aos seus antecessores Germano Machado e Hermano Machado, aos diretores Eurico Matta, Rosa Levita, Marcelo Rocha, José Nilton Pereira, Francisco Pinheiro e Vanda Cunha, aos confrades, às confreriras e

aos colaboradores da Academia Baiana de Educação que apoiaram esta homenagem à nossa entidade educacional, no dia dos seus vinte e nove anos de idade.

a academia hoje é parte de nossa vida e de nossa alma, parte dos nossos nervos e do nosso sangue.

Estamos todos homenageados.

Muito obrigado.

Acadêmico Astor de Castro Pessoa, orador oficial nesta solenidade comemorativa dos 29 anos da Academia Baiana de Educação.

Livro comemorativo dos 30 anos desde a fundação da Academia Bahiana de Educação

Contribuição do titular da cadeira 28

Roberto Figueira Santos

O Patrono da Cadeira 28

Júlio Afrânio Peixoto, além de destacar-se na Medicina e nas Letras, exerceu com brilho múltiplas atividades como professor. Ao longo de várias décadas, acumulou títulos docentes que sobejamente justificaram a sua escolha para patrono da cadeira 26 desta Academia. Cito, entre eles: catedrático de Higiene e de Medicina Legal da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com vultosa obra internacionalmente reconhecida; Diretor da Instituição Pública, professor do Instituto de educação e Reitor da Universidade do Distrito Federal; presidente da Associação Brasileira de Educação; e outros.

Assim resumiu Deolindo Couto, autor de celebrada biografia de Afrânio, as múltiplas realizações do nosso patrono: “escreveu romances, ensaios, contos, crônicas, peças teatrais, artigos de crítica e de doutrina, monografia, empenhou-se na polêmica. Foi historiador, memorialista, psicólogo, psiquiatra, legista, discorrendo amiúde e cinzelando páginas sobre todos os correspondentes distritos do conhecimento”.

Espírito inquieto, Afrânio fundou o Instituto de Estudos Portugueses, no Rio de Janeiro, propôs a criação da cadeira de estudos Camonianos na Universidade de Lisboa, participou da inauguração do Instituto de Alta Cultura Luso-Brasileira, também em Lisboa. No campo da política, foi Deputado Federal pela

Bahia, oportunidade em que apresentou projetos de lei pioneiros sobre a atenção a ser dispensada aos alienados mentais e sobre os acidentes de trabalho.

Relatam os contemporâneos havia ido ele um dos mais aparecidos “causeurs” do seu tempo, no ambiente do Rio de Janeiro da primeira metade do século XX, no qual a arte de conversar era cuidadosamente cultivada. Em convívio nada provinciano, era essa arte enriquecida pelo fecundo intercâmbio intelectual, não apenas nos círculos da própria terra como em âmbito internacional. Vários dos seus livros de ficção registram conversas entre os personagens representativos do ambiente social descrito, em animados diálogos, construídos com enorme graça e agilidade.

Nasceu Afrânio na belíssima cidade de Lencóis, orgulho da Chapada Diamantina, à qual me prezo de haver dedicado toda atenção e carinho enquanto governei a Bahia. Obtive o título de doutor pela nossa tradicional Faculdade de Medicina em 1897, ao defender tese sob título “Epilepsia e crime”, trabalho que despertou grande interesse nos meios científicos do país e teve seu mérito reconhecido por especialistas internacionais. Poucos anos depois, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde assumiu a direção do Hospício Nacional de Alienados em substituição a Juliano Moreira, a cuja obra renovadora deu continuidade. Ávido por aprofundar-se nos estudos de Medicina, viajou para a Europa. Em cerca de dois anos visitou dez países e trabalhou ao lado de cientistas dos mais ilustres. Entre as honrarias recebidas na área médica, mereceu a eleição para a Academia Nacional de Medicina. E, em meio a várias atividades administrativas, dirigiu o Instituto Medico-Legal do Rio de Janeiro, ao qual, por justiça, deram o seu nome.

Tive o privilégio de conviver com muitos dos amigos de meu Pai, mesmo entre os nascidos várias décadas antes de mim. Infelizmente, não foi assim com Afrânio, a quem jamais tive ocasião de conhecer. Na minha adolescência, já me havia deliciado com alguns dos seus liros, a exemplo de “Fruta do Mato” e “Maria Bonita”. Mais tarde, saborei a leitura de muitos outros, inclusive dos elaborados nos últimos anos da sua existência, como o “Breviário da Bahia” e o “Livro de Horas”, verdadeiros hino à nossa terra. Mesmo após viver fora da Bahia durante tantos anos, a nitidez das suas descrições do ambiente físico e do clima social que o envolvem na juventude, estão entre as características que agradam, especialmente, aos leitores baianos.

Faleceu Afrânio do Rio de Janeiro, a 12 de Janeiro de 1947, após deixar mais de cem publicações, referentes aos mais variados campos do saber.

O meu antecessor na Cadeira 26

Pela primeira vez tomei conhecimento da atividade intelectual de Oldegar Vieira quanto tinha treze anos ou quatorze anos de idade e cursava o antigo “ginásio”. Era eu, então, leitor assíduo da revista “América” fundada por um dos meus professores, o médico João de Souza Pitangueira, e que circulou em Salvador entre 1939 e 1943. Nela se incluía uma seção de poesia, na qual se encontravam com frequência, versos inspirados na arte japonesa, os famosos “haikai”, em grande voga nos nossos meios literários, e dos quais muitos eram da autoria de Oldegar. Vim a conhecê-lo em pessoa muitos anos mais tarde, no

gabinete do Reitor Edgard Santos, de quem foi um dos mais ompetentes e leais colaboradores.

A cadeira número 26 desta Academia, ocupada pelo Professor Oldegar desde 1983, foi declarada vga devido à promoção do seu titular a emérito, em Agosto de 2003. Na cerimônia em que se comemorou a sua ascensão ao novo “status”, o confrade João Eurico Mata pronunciou brilhante oração, explicitando perante a comunidade baiana as razões daquele ato de justiça. As origens familiares do homenageado foram, então, comentadas com o apoio do livro intitulado “...Simplesmente recordando”, de autoria da Senhora Joanna Angélica Vieira Ribeiro, irmã de Oldegar. No mesmo discurso, o “currículum vitae” do meu antecessor foi criteriosamente analisado. Mas, a riqueza da vida e da obra de Oldegar permite que registremos aqui alguns aspectos, entre os mais relevantes, da sua personalidade.

Em face dos objetivos desta Academia, devo mencionar com prioridade, embora de forma resumida, as atividades de Oldegar relacionadas à Educação. Formado pela Faculdade de Direito da Bahia e, posteriormente, em Ciências Sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia da UFRJ, foi nomeado Técnico em Educação do Governo Federal, em 1942. Mais tarde, assumiu o cargo de Diretor de Educação do Território do Guaporé, (atual Estado de Rondônia). Conheceu, então, a Senhora Edith Tolentino de Souza, natural de Santa Catarina, com quem veio a casar-se e de quem teve dois filhos, Paulo e Fernando, ambos profissionalmente muito bem sucedidos. De volta à Bahia, depois ao Rio de Janeiro e, definitivamente, mais uma vez a Salvador, exerceu várias funções docentes na UCSal, no sistema SENAI e na UFBA. Entre tantas tarefas que estiveram a seu cargo, talvez a mais importante haja sido a organização da Escola de

Administração, na qual colaborou com o ex-Reitor Lafayette Pondé. Competentemente planejada, valendo-se de moderna metodologia de ensino desde a sua implantação, contando com professores muito bem preparados, essa nova unidade universitária ofereceu curso profissional até então inexistente em nosso meio e que teve pronta aceitação na comunidade baiana. Em poucos anos, tornou-se essa escola uma das mais dinâmicas do nosso “campus”, condição até agora preservada. Datam do período em que exerceu a diretoria da Escola de Administração, várias viagens de caráter cultural, tanto à Europa como aos Estados Unidos e ao México.

A intensa atividade literária de Oldegar, valeu-lhe a escolha para a Academia de Letras da Bahia, onde ocupa, desde 1964, a cadeira número 11, da qual é patrono o visconde de Jequitinhonha. Além de publicar interessante ensaio sobre a natureza e a história dos “haikai”, preencheu dois dos seus livros mais aplaudidos – “Folhas de chá” e “Gravuras ao vento” – com exemplo dessa “antiga forma popular-erudita de poesia japonesa”.

A dedicação de vida inteira à poesia japonesa levou-o a desenvolver numerosas atividades de intercâmbio cultural daquele país com o nosso. Em 1955 foi Oldegar merecidamente agradecido por Sua Majestade, o Imperador do Japão, com a comenda da Ordem do Tesouro Sagrado.

Assim como Afrânio Peixoto, Oldegar exerceu múltiplas atividades na vida pública, além da de professor. Durante muitos anos ocupou o cargo de procurador do Estado da Bahia. Várias das suas publicações versam temas do campo do Direito e lhe valeram a escolha para a Academia de Letras Jurídicas da Bahia. São, ainda, trabalhos seus publicados sob a forma de livros: “A propósito do Direito Agrário no Brasil”, assunto no qual a sua

competência é internacionalmente reconhecida; “Estado de Direito e Estado de Cultura”; “Federalismo e Unidade Jurídica”; uma coletânea da “Bibliografia brasileira do Direito do Trabalho; e “Vocações da Bahia”, volume no qual traça o perfil de sete baianos eminentes “cujas vidas e obras contribuíram, com significativa diversidade, para afirmação ainda mais decisiva do que se poderia chamar “civilização baiana”. Entre os sete biografados, incluiu Edgar Santos, a respeito de quem Oldegar assim se pronunciou: “Distante, pela inteligência e pela formação, de certos padrões bacharelescos que lamentavelmente nos dominam, mas, em vez disso, intuitivo e penetrante, Edgard apossava-se rapidamente do sentido real das coisas. Orientava-se em coerência com o modo essencial do mundo em que vivia...”.

JOSÉ CARVALHO: A VISÃO DE UM EDUCADOR

Leda Jesuino

Aquele jovem engenheiro que, desde os 13 anos já estava inserido na força de trabalho, já se havia entrosado nas atividades de minas de carvão mineral, no Paraná, já trazia consigo a experiência de construir pontes e viadutos, chegou aos 67 anos como empresário, cumprindo com a Ferbasa o papel a que esta se propôs: o de se especializar em cromo e ligas, detendo 80% da reserva de cromo do País e estando situada entre as 500 maiores empresas brasileiras. Não causa espanto o fato de o Governo federal lhe ter conferido a Ordem Nacional do Mérito Científico, por sua contribuição na área metalúrgica.

Na época em que foi criada a Ferbasa, a indústria de aço inoxidável consumia cerca de mil toneladas de ferro cromo por ano. Hoje, esse número é oitenta vezes maior.

Essa alquimia industrial, que levou o engenheiro de minas a transformar sua empresa numa considerável potência e, logo depois, numa Fundação – a famosa Fundação José Carvalho –, foi apenas o começo de um processo alquímico em busca da Pedra Filosofal, ânsia de encontrar o famoso Adamo, ou seja, o elixir procurado para transformar metais em ouro. E, por incrível que apareça, os metais que saíram das minas da Bahia e passaram por um laboratório especial, também sofreram alterações no crisol das retortas, pipetas, da acurada bioquímica anímica, transmutaram o apego, a ambição, no precioso ouro do humanismo e da solidariedade humana.

É nesse processo transformador alquímico que o empresário José Carvalho inicia sua ascensão a um patamar tão elevado que fez jus às honrarias que lhe foram prestadas ao longo da sua trajetória existencial, dentre elas, o título de Educador do Ano, concedido pela Academia Baiana de Educação.

O passo inicial da sua jornada educativa foi aplicar em educação todo o lucro obtido pela empresa Ferbasa. Debruçou-se sobre a educação da área rural onde vivia e até hoje vive, a sua cotidiana labuta em busca de pessoal qualificado, percebendo claramente, o nosso Alquimista, que a Pedra Filosofal era a Educação, afirmando com clareza o papel social das organizações, ao declarar que “não basta pagar impostos: a empresa tem de fazer a sua parte, porque, sozinho, o Governo não tem condições de resolver os problemas”.

O pioneiro nos negócios, que foi balconista e um humilde menino que desejou, um dia, abraçar o sacerdócio, no Colégio Santo Inácio, no Rio de Janeiro, foi tocado pela problemática da desigualdade social e pelos problemas que impedem a tão desejada educação para todos, e decidiu atuar na prática e não permanecer elucubrando.

Se a Ferbasa, a Companhia de Ferro e Aço da Bahia, contribuiu para o equilíbrio da balança comercial brasileira, a Fundação José Carvalho, como um todo, contribui, com o Complexo Educacional que a engrandece e a diferencia, para o salto qualitativo que a educação brasileira precisa dar com urgência urgentíssima, a fim de evitar ser um disfarce e atender os indignados que, com razão, bradam por seriedade e comportamentos éticos.

Atuando no Conselho Estadual de Educação como Conselheira, analisei o processo de criação das Escolas Rurais de

Alternância, projeto inovador, que necessitou de esforço do Conselho no sentido de adequá-lo às normas vigentes.

Entusiasmo dedicado e visão de um educador alquimista levam-nos a **ver** para **crer** nas potencialidades existentes nos corações que vibram em uníssono com os apelos dos que realmente não só desejam, mas realmente querem ser cidadãos produtivos, aos quais só uma educação não apenas de alto gabarito cognoscitivo mas plena de valores permitirá um conviver sadio, valioso e ético entre os seres humanos.

**DISCURSO COMO ORADORA DA 1ª TURMA DE
ASSISTENTES SOCIAIS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL – 1948**

Leda Jesuino

Homenagem ao Prof. Dr. Thales de Azevedo
(Fundador da Escola e que muito desejou a
publicação deste discurso).

Não. Nem da inata vaidade humana, nem do desejo condoreiro de alçar aos pássaros, nem da mirífica visão da transcendência e beleza deste significativo momento, está feita a dinâmica espiral que aos alcândores desta tribuna me transportou. Vim por veredas nem suaves ou atapetadas até este dignificante posto onde tenho de representar, nesta solenidade, os primeiros diplomandos da Escola de Serviço Social da Bahia, por um especial tropismo, por essa irresistível, potente e enérgica ânsia de cumprir um dever, principalmente quando a nós ele é imposto por uma escolha feita toda e exclusivamente fundamentada neste sentimento que foi, para o velho Epicuro, de todos o mais louvável e digno das mais elevadas considerações de La Bruyère: a amizade. Dessa amizade que surge do cotidiano e prazenteiro convívio que brota do companheirismo e da compreensão dos mesmos ideais

Vim, pois, como é tão próprio do Assistente Social, PARA SERVIR a esse ideal comungado, que fez frutificar essa amizade mesma que aqui me trouxe e nos colocou na vida, perante a Pátria e o Mundo, como batalhadores por esta tão almejada, tão secularmente sonhada harmonia social.

Vim para servir, para que não ficasse a escolha dos meus companheiros sem a homenagem merecida. Entretanto sinto, como nunca antes acontecera, que a palavra se desfaz às minhas tentativas, como folha seca na ventania, desintegra-se ao toque do meu pensamento, e triste e ensimesmada, como Kant e Hegel, o pobre obscuro na Alemanha, que a palavra fria, inexpressiva e vã foge esquiva e não se adapta consentaneamente ao pensamento já obnubilado pelo sentimento que desperta este momento.

No momento em que, na curva biológica do ser, o homem, na incoercível aspiração do melhor, se sente preso aos grilhões da palavra, percebe, então, como nunca, a fugaz momentaneidade do presente e a construtiva e amarga distância que separa o Real da Vida e o Ideal do Sonho. Mas não esmorece ou desanima e sim, crê, vive a ânsia de atingir esse Ideal, usando dessa mesma palavra que limita seu pensamento e simboliza tão mal o seu profundo estado anímico por não poder transmutar as frases frias que se volatilizam num símbolo mais significativo, mais profundo, mais produtivo, talvez.

Aqui estando, honrada pelo convite e agradecida pela assistência para vos falar dessa tão novel e incompreendida atividade humana, que surge fortificada pela crença de muitos, essa forma de ação que vem integrar-se nas medidas outras propugnadoras da Paz Social, para vos falar, enfim, do Serviço Social. Afirmo, antes que sobre vós pairam laivos de incompreensão, que dessas duas premissas verdadeiras e insuspeitáveis, a conclusão é daquelas que, por irrefutáveis que são, tornam-se inolvidáveis.

Porque tem o homem, dentro de si mesmo, como inospitável ânsia a de progredir e, porque têm sido centro de elucubrações nas últimas décadas do nosso século, os Problemas Sociais, justamente por esses fatos, existe como realidade

admirável uma preocupação humana no sentido de resolver as tão proclamadas e discutidas questões sociais.

Felizmente que assim é...

Quem negará que a ação oficial e a particular despendem energia e realizam trabalhos com o fito de procurar dar um sentido, uma orientação mesmo, a essas questões, pugnando pela felicidade universal, por uma organização social que realiza o supremo ideal da justiça social? E se dificuldades têm existido é que surgiram há milênios elas próprias, não são novas e vêm, desde antanho, embaraçando os economistas, sociólogos, estudiosos do assunto. Não por tantos anos, os homens trabalharam a terra, como disse Michelet, sem possuí-la, mas sendo por ela possuído na Idade Média?

Não eram bestas humanas os escravos em Roma e neles não ensaiava Cleópatra o poder de seus venenos? Não ardiam como tochas para iluminar os jardins de Nero? Pelo menos, desses tamanhos horrores nos fala Santonja.

E não é verdade, então, que, como dissera Donoso Cortés, é o problema social, o problema da humanidade e da história? E não é indiscutível que a questão social seja uma questão de educação, como a viu Bourgeois e Posada, uma questão de moral, como a encarou Ziegler, uma questão jurídica, como a considerou Gianturco, uma questão de salários, segundo Willey, uma questão de produção, como a viu Novicow, enfim, seja ela uma questão religiosa, conforme Leão XIII, ou, para Stein, uma questão imensamente complexa, não é verdade que, no sentido de extingui-la, de trazer ao mundo a felicidade sonhada, Bellamy escreveu *El año 2000*, Zola lançou *O Trabalho*, Hertzka deu ao mundo *Uma viagem à terra livre* e Owen, *A nova harmonia*?

E a *Utopia* do inglês famoso More, e a *Civita solis*, de Campanella, fruto do espírito renascentista e *A República* do divino Platão? E *Platonopolis*, a famosa tentativa plotiniana, e *Nova Atlântida* do famoso chanceler inglês Francis Bacon? E as revoluções? Que são elas, como já se diz, senão baionetas a serviço de uma ideia? Enfim, luta-se ou não pelo *suum cuique tribuere* [dar a cada qual o que lhe é devido]?

Não nos esqueçamos de que o homem é o único animal cujas necessidades aumentam à medida que estão satisfeitas, e o único animal que nunca se farta, como disse Henri George, e que na verdade tem havido a luta pelo sonho tão bem e assim focalizado por Santonja, já citado, uma organização social que evite as injustiças e produza, com a satisfação geral, o fim das dores e das lutas sociais.

Não há dúvida de que, apesar da filáucia dos homens e do egoísmo s dos povos, apesar de esse egoísmo haver atingido o deprimente egocentrismo, apesar do interesse de se alçar aos píncaros da tão almejada posição social e, assim, transformar os pés humanos em animais escas patas esmagadoras, apesar do desejo imenso de ter posse daquelas coisas que dão a ilusão de um prazer real, daquelas coisas que são *Maya* no Budismo, fantasia no Cristianismo, prazeres estéticos entre os Socráticos, perturbações da alma entre os Estoicos, fazendo com que o homem, superestimando a moeda, pois com esta se adquirem aquelas, fuja das suas responsabilidades.

Quem mais tem razão do que Faguet – *O culto da incompetência* – o horror à responsabilidade? Com as moedas que lhe chegam às mãos, é verdade, o homem constrói muralhas intransponíveis entre si e o seu próximo, com elas canalizam seus interesses para que proliferem. Falta-lhe, como costume dizer, o sentido do próximo. Consideram-se erros impiedosamente o que,

na verdade, são virtudes, pugna-se por vícios sociais, sob o pretexto de bárbaros preconceitos.

A ânsia psicológica da fama traz consigo aterrorizadora hipocrisia, e o capital e o trabalho digladiam-se e torturam a humanidade inteira.

Mas, se o problema social é hoje mais agudo, não é verdade que por ele tem crescido o interesse dos homens. Há uma tonalidade social em todos os ramos da atividade humana. Há, sem dúvida, u'a magia, um encantamento e uma esperança em torno desse tão clamoroso e generalizado adjetivo, que é o social.

O homem tem sentido a necessidade de tomar os fenômenos sociais no centro das suas elucubrações e creio que chegou, assim, através de uma lenta incubação secular, até onde o cristianismo muito antes alcançara.

Assistimos à derrota do individualismo da Revolução Francesa e vimos Leão XIII escrever a sua admirável *Rerum Novarum*, pois, em face do grande terror, desajustaram-se os homens, as peças de engrenagem social davam, à pan-ritmia universal, notas desarmônicas, contrapondo-se à maravilhosa beleza da harmonia sideral.

Mas, por quê? Indiferença religiosa? Não dissera Le Play que a primeira condição para a reforma social, era a restauração do Decálogo nas consciências e na vida? A ostentação, a ânsia de prazer? Fatores econômicos? Crise de consciência, como se proclama? Crise material, espiritual? Dir-vos-ei apenas que, se não for fator precípua, preponderantemente há crise – mas de AMOR.

José Silveira

A concretização de um significativo ideal

Por que Medicina? Nunca soube explicar. Meu pai engenheiro agrônomo, meu tio padre, meus tios-avós negociantes e lavradores. Por que médico? Sei apenas que, desde o momento em que o problema se me apresentou – afora um rápido e transitório namoro com as matemáticas –, só uma idéia me acudiu: a de ser médico.

José Silveira

Mais do que um nome marcante e significativo no cenário médico da Bahia, Dr. José Silveira passou a ser um referencial teórico-prático da tuberculose na Bahia, e seu trabalho ultrapassou as fronteiras nacionais e chegou ao mundo científico europeu.

Eu o conheci na juventude, ouvindo os jovens estudantes de medicina pronunciarem o seu nome com admiração e respeito, creditando, àquele homem alto, magro e lépido, algo mais que o título de professor. Naquela época, já era considerado um cientista, um pesquisador apaixonado, por analisar, experimentar e descobrir algo raro na sua especialidade, também raro naqueles idos do século passado.

Contaminado por uma infância tumultuada e sofrida, longe da presenças paterna e do carinho materno, fortificou-se numa adolescência vivida, em Santo Amaro e Feira de Santana, com alegria, entre jovens saudáveis e garotas bonitas, deixando

de ser, como ele mesmo afirma, “cascabulho” para ingressar na pretensiosa categoria de acadêmico.

Nessa condição, procurou usufruir do melhor que a gloriosa Faculdade de Medicina da Bahia lhe tinha a oferecer. De acordo com as chistosas categorias que se atribuíam, era agora “calouro”, passando sequencialmente a “calouro enfeitado”, no segundo ano, “calouro de hospital” no terceiro, “doutor do quarto”, numa alusão ao urinol, “[...] também chamado ‘doutor’ na vida caseira”, “merda de doutor”, como apelidavam os quintanistas, e, finalmente, “doutor de merda”, que, no último ano do curso, já se considerava “[...] um sábio, via doentes, contestava os mestres, operava e receitava, clandestinamente, bem se vê”¹.

Mas, desde o início de sua vida acadêmica, absorve, dos grandes mestres, seus ensinamentos e seus valores. A análise crítica que faz de todos eles evidencia o quanto pôde aprender com aquela plêiade de professores com quem teve a sorte de conviver na condição de “animal cáqui”, como o chamava Dr. Diniz, por ele estar sempre abusando dessa “indumentária pobre e única”. Assim ele entendia o porquê da sátira carinhosa.

Circulou José Silveira por entre os meandros das personalidades de Mário Andréia, Augusto Viana, Couto Maia, Aristides Novis, Adriano Gordilho, Prado Valladares, Sabino Silva, Jorge Valente, Diniz Gonçalves, o grande Fernando São Paulo, Adolfo Diniz, Leôncio Pinto e muitos outros. A respeito desses consagrados médicos, conta, no seu admirável livro *Vela Acesa*, episódios interessantes acontecidos entre eles e os estudantes, revelando desse modo como era divertida a vida

¹ SILVEIRA, José. *Vela acesa*: memória. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1980. Os trechos aspeados ao longo do texto pertencem a essa obra.

acadêmica, que ele viveu intensamente, mergulhado na sua determinação de ser médico.

As suas vivências como estudante de medicina representam um documentário excepcional do curso médico da época, quando se deparava com os mestres que tinham a volúpia da reprovação e os que adotavam o regime do “passa tudo”. Descreve seus grandes mestres, categorizando-os, tentando sempre compreendê-los, penetrar melhor nas suas características pessoais, descrevendo muitas vezes suas metodologias, sua maneira de examinar nas provas orais, de se comportar perante a timidez de certos alunos e a arrogância de outros, inclusive analisando a sua petulância de quintanista, “doutor de merda” como se chamava, enfrentando Fernando São Paulo.

Não raro descreve as características físicas de seus mestres e as alcunhas com que os alunos os identificavam: “Dr. Sopro de Ponta”, “Professor Sudorese” (suava demais para ouvi-lo, pois falava baixo e rouco). Com destaque, Dr. Silveira refere-se aos cirurgiões, ao ensino da cirurgia com Fernando Luz, Caio Moura e Antônio Borja de quem narra uma artimanha para contentar os pais, as mães principalmente, que aguardavam ansiosos a definição do sexo do filho a nascer: dizia menino (ou menina) e anotava, num pequeno caderno, os dados “dos genitores, data provável do nascimento” e justamente o sexo oposto ao que expressara verbalmente. Assim, se não coincidia, argumentava que talvez se tivesse enganado, mas que iria rever ali as anotações feitas por ocasião da consulta. Desse modo, mostrava a anotação com a “previsão correta”, alertando para a possibilidade de o nervosismo e a ansiedade do momento terem levado a um engano dos interessados.

Também se refere aos temporais violentos de Dr. Fernando Luz e à grande resposta de Albino Leitão quando lhe aplicaram o provérbio latino *Verba Volant*. Responde ele: “As

palavras na verdade voam, menos as minhas, porque a elas empresto o peso da minha dignidade”.

Teonilo Amorim, Martagão Gesteira, o grande pediatra que perpetuou seu nome no nosso grande hospital, Sepúlveda e Valladares ganham um destaque especial na sua narrativa: “Se Valladares foi o meu mestre, no sentido de abrir para mim amplos e ambiciosos horizontes, estimular-me na busca de solução e resposta a sérios e intrincados problemas científicos, conduzir-me pelos caminhos ásperos do magistério científico, ajudar-me, enfim, na sua clínica privada como na vida pública, foi Sepúlveda o guia verdadeiro dos meus primeiros passos, meu timoneiro firme nas procelas que tanto ameaçavam a vida, meu amigo franco, leal, sincero e sempre fiel, nos momentos graves e mais difíceis da minha existência”.

José Silveira tinha a ânsia do por que das coisas, e esta peculiaridade o acompanhou por toda a sua vida. Vivendo solteiro e livre em plena juventude saudável, morou durante 17 anos (de 1921 a 1937) em pensões familiares e em algumas “repúblicas”. Considerou essa fase de sua vida como risonha e franca.

Sempre bibliófilo, ligava pouco para a indumentária, embora não fosse mais “animal de cáqui”. Na pensão de D. Mimi, no Tororó, viveu anos e encontrou amigos, personagens ricas de sua vida, como José Fiel que, ao morrer, deixou dividido em partes iguais seu reduzido patrimônio para ele, Orlando Gomes, Godofredo Filho e Eugênio.

Narrando episódios interessantes que ocorreram nesse período de sua vida, consegue retratar uma época de juventude saudável e bem vivida.

Sobre ele, também exerceu grande influência seu tio padre, cuja vida tumultuada e cheia de percalços não o impediu de se sagrar *sacerdos in aeternum* e conseguiu ser vigário da

Purificação. Tendo vivido em ambiente religioso, vivenciou em tons fortes a célebre festa de 2 de Fevereiro em Santo Amaro, para homenagear Nossa Senhora da Purificação. A detalhada descrição que faz desses festejos demonstra claramente o quanto amava a sua família, além da profunda ligação com sua terra.

Sua veia científica o levou à Europa, aproveitando, na Alemanha, todas as oportunidades que se apresentaram para se dedicar mais à Tisiologia do que à Radiologia, preparar-se para enfrentar, com eficiência e coragem, a complexa e urgente proposição de ser verdadeiramente um médico dentro de um ideal humanístico.

Tímido e inexperiente, mas corajoso nas iniciativas tomadas para conviver tanto quanto pôde com médicos alemães, frequentou serviços de radiologia e até mesmo assistir cirurgias, mesmo que às vezes tivesse de sair de Berlim para Berlitz para ver operar o grande Kremer. Havia incluído um pedido-ordem de seu mestre Valladares, para se interessar pela cura da tuberculose. Seu tempo na Alemanha foi bem cronometrado, pois, entre a frequência regular e exaustiva aos serviços hospitalares e conferências científicas e a convivência com as *fräuleins* loiras e interessantes, os passeios e os contatos agradáveis com o sexo feminino, chocando-se com os arroubos brejeiros dos homossexuais entregando flores à empregada como se fosse à dona da casa, preparava-se o jovem médico para enfrentar, no Brasil, um monstro: a tuberculose.

Voltou com um trunfo nas mãos. Havia feito, na Alemanha, uma palestra, tendo sido aplaudido no mesmo momento em que seu colega alemão não havia recebido palmas. Aprendeu duas coisas ao término de sua fala: que os alemães aplaudem de modo diferente e, o mais importante, que é preciso ter coragem para enfrentar **como visitante** (*als Gast*) uma palestra em alemão no Universität Institut para radiologistas.

Ao retornar, estava seguro da sua vocação científica, dos “rumos do seu futuro”, conforme escreveu no seu livro *Vela Acesa*, já citado. Foi livre-docente no Rio de Janeiro e catedrático na Bahia, através de concurso da nossa Faculdade de Medicina, em um daqueles concursos que se tornaram famosos pelos hilariantes e/ou trágicos episódios que marcaram uma época. Tive a oportunidade de presenciar alguns deles, quando se aplaudia realmente os candidatos e era divertido assistir às famosas arguições. Entrando sozinho para disputar a cátedra, apresentou a tese *Poder protetor do BCG nos alérgicos*.

Enveredou o Dr. José Silveira pela tisiologia e, num pedido-ordem de Dr. Valladares, procurou então se aperfeiçoar no Rio de Janeiro e no exterior. Em 1934, o 3º Congresso Pan-americano de Tuberculose, realizado em Montevideu, reuniu grandes tisiólogos, e ele percebeu, então, a “extensão epidemiológica, social e humana da doença”, e, no convívio com médicos de alto nível, compreendeu a necessidade de ir além do seu consultório, que começava a ser muito procurado. A tuberculose assustava as pessoas que temiam o contágio.

Nessa fase de sua vida, aconteceram numerosos episódios que revelam as dificuldades de um tisiólogo diante de uma clientela cheia de dúvidas e receios quanto a uma doença ainda contagiosa e fatal, temida naquela época, obrigando o paciente ao isolamento.

Mas continuava o anseio de ser professor e de encetar uma luta aberta para debelar a tuberculose. Era necessário esclarecer, divulgar as estatísticas, lutar contra a doença. E, nessa luta, ele se empenhou tenazmente. E desse *élan* tão forte quanto a sua própria vida, nasceu o Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose (IBIT). A sua amizade com o Dr. Brauer em 1934, no Uruguai, onde se impressionou com o nível dos colegas do Prata, foi decisiva para isso, pois ele lhe

incentivou a ideia da fundação, no Brasil, de um Instituto para a investigação da tuberculose.

Aí é o começo da sua saga, das suas lutas, das suas derrotas, mas também das suas vitórias. No 1º Congresso Regional de Medicina, relatou o tema “A Campanha Regional Anti-tuberculose na Bahia e deu seu grito de protesto e alarma: ”Na Bahia, é um flagelo de tão extraordinárias proporções que, se não lhe opusermos uma barreira forte, em combate enérgico, tenaz e bem orientado, seremos responsabilizados, nas gerações vindouras, pelo crime de lhes haveremos legado o maior fator de degeneração e miséria”.

Começa aí o IBIT, o início de uma jornada laboriosa, necessitando de união, de esforços e de sucessivas ações sinérgicas. Na época, o secretário de Saúde era o Dr. Barros Barreto, sendo governador o General Juracy Magalhães. Surgiram, então, algumas ações e associações importantes que o animaram a prosseguir na luta.

Surgiu a Inspeção de Tuberculose da Bahia, o Ramiro de Azevedo entrou em Reforma para ser o Dispensário Central, deu-se início à construção do Hospital Santa Terezinha, revitalizou-se a Liga Baiana da Tuberculose por Alfredo Britto, Alfredo de Magalhães, Gonçalo Muniz, Adeodato de Souza e Pedro Celestino, foram criadas a Fundação Antituberculose Santa Terezinha e a Sociedade de Tisiologia da Bahia.

Sua aproximação com o Dr. Arlindo Assis e sua passagem pelo Departamento de Saúde do Estado foram frutos significativos e representaram um mergulho numa realidade lamentável. Alarmado com o que viu, procurou realizar uma administração sensível às necessidades imediatas dentro do possível, no período de 1º de julho a 21 de dezembro de 1947.

Então, procurou oferecer o máximo que lhe foi possível ao Instituto Osvaldo Cruz, ao Hospital Juliano Moreira, ao

Hospital Couto Maia, aos Centros de Saúde, ao Centro de Tratamento Rápido das Doenças Venéreas, ao Hospital Santa Terezinha, sem esquecer o atendimento de saúde no interior do Estado.

Precisava, naquele momento, concentrar todo o seu energético potencial para, através do IBIT, concretizar o seu ideal: combater a tuberculose. Os esforços posteriores foram acolhidos. Já havia demonstrado muito da sua capacidade de articulação e habilidade administrativa. Precisava agora de muita união, de concentração de esforços, de demonstração contínua de firme e inabalável vontade para buscar, com seu entusiasmo e poder associativo, bagagem de conhecimentos e os caminhos para a concretização de seu ideal – o IBIT.

Participou de inúmeras sociedades como a prestigiosa Sociedade de Medicina da Bahia, a Sociedade Médica dos Hospitais da Bahia e a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, tendo no Rotary Club da Bahia desencadeado o processo para fundar a Sociedade dos Amigos da Cidade. Esteve sempre cercado de médicos renomados, homens capazes de entender a sua luta por um ideal comum.

Devo ainda ressaltar o amor que o Dr. José Silveira devotou a sua querida Ivone, o qual, como é da essência de um amor verdadeiro e forte, expandiu-se e envolveu o IBIT e a Bahia.

Leda Jesuino

O Colégio de Aplicação da UFBA: Internet, costura de sonhos e sobrevivência de utopias

Mariluce Moura

Imaginem uma escola com indiscutível qualidade de ensino, em razão do alto nível de seus professores, capaz de introduzir incessantemente inovações em seu planejamento didático e que se afirma como campo fértil de pesquisa das melhores e mais avançadas práticas pedagógicas que se conhece.

Imagine uma escola que passa por uma certa flutuação entre períodos de liberação e outros um tanto autoritários, mas termina fazendo uma aposta maior num ambiente mais livre e criativo, em que se experimenta ampliar os limites da liberdade de ação de adolescentes e jovens, na faixa de 11 a 18 anos e cobrar firmemente deles responsabilidade na administração dessa liberdade.

Imagine uma escola em que, a par de um ensino avançado em ciências e matemática, estimula-se a criação literária, a aprendizagem de diferentes línguas estrangeiras, os vãos do pensamento crítico nas ciências sociais, o contato com a dança, o teatro, as artes plásticas... E que, para completar tudo isso, é gratuita.

Agora imagine um profundo e inexplicável incômodo que a existência dessa escola produz na instituição pública responsável por sua manutenção, de tal ordem que a instituição decide sem mais delongas fechá-la. Extingui-la. E não há argumentos capazes de demovê-la desse intento, apesar do alto conceito de que goza a escola na comunidade em que se implantou. Essa escola existiu. Era o Colégio de Aplicação da Universidade Federal da Bahia (UFBA), instituído em 1949. Depois de 27 anos

de inestimáveis serviços prestados à teoria e à prática da educação no ensino secundário em terras baianas, ele foi fechado em 1976 por decisão do reitor da UFBA, Lafayette Pondé, que determinou uma desaceleração melancólica da escola a partir de 1973. No último ano, havia só duas turmas: a do terceiro colegial daquele ano e a da quarta série de ginásio.

Façamos um corte cinematográfico: segunda feira, 26 de setembro de 2005. Às 20 horas, o enorme salão de festas do Hotel da Bahia, o mais antigo dos hotéis de luxo de Salvador, iluminado, preparado para um elegante jantar com umas tantas dezenas de mesas recobertas por toalhas brancas, uma mesa comprida sobre um tablado na frente, outras compridas mesas dispostas lateralmente, onde supõe-se que logo os garçons colocarão os acepipes encomendados, começa a se encher de gente. Homens e mulheres bem vestidos, perfumados, as mulheres, claro, em assumidíssimas toaletes de festa. Os homens um pouco mais despojados, encontram-se, animam-se, trocam abraços, beijos, sorrisos, olhares, gritos de surpresa, de exclamação, e falas, falas, falas... Há uma alegria impressionante, uma vibração física no ambiente, que se espalha, difunde-se, envolve todos francamente. Os rostos, os corpos, têm predominantemente entre 45 e 55 anos, mas há os de 60, 70 e mais, e de repente, numa expressão surpreendida, num riso, numa gargalhada, num segredo sussurrado parecem ter menos, muito menos.

O salão já está lotado e um dos principais organizadores da festa começa a falar sobre como se chegou a ela. Ninguém ouve. As pessoas continuam a chegar e fala-se incessantemente, produzem-se no enorme espaço todos os barulhos da alegria que não precisa de controle, não quer disfarces.

Pede-se repetidamente silêncio porque a doutora Zilma Parente de Barros, a última diretora do Colégio de Aplicação, autora de uma dissertação de mestrado sobre redefinição conceitual dos Colégios de Aplicação, vai falar. A pedido dos próprios organizadores da festa ela responderia a três indagações sobre a criação da escola, as razões de sua excelência e o seu processo de extinção. "Os Colégios de Aplicação surgiram, no panorama da educação brasileira, por força do Decreto-Lei n. 9053, de 12 de março de 1946, que obrigava a criação de uma escola anexa às Faculdades de Filosofia, onde deveriam ser realizados os estágios dos licenciandos que se preparavam, através de diferentes cursos, para o exercício do magistério no antigo ensino secundário". Ninguém ouve e até a palestrante compreende. Segue em frente. Depois as pessoas poderão recuperar o texto. "Os Colégios de Aplicação devem seu nome à função precípua que lhes ditou a existência: ser um tipo de estabelecimento em que os alunos do Curso de Didática pudessem fazer a aplicação prática — em uma situação real de ensino-aprendizagem — dos conhecimentos teóricos aprendidos nos respectivos cursos". Explique-se aqui que eram então alunos de Didática todos que estavam fazendo o quarto ano para concluir um dos cursos oferecidos nas Faculdades de Filosofia para formar professores, ou seja, Letras, Matemática, Geografia e História, Biologia, Física, Química, Ciências Sociais, Filosofia e Pedagogia. A festa, o barulho, a alegria. Zilma continua explicando que, ao regulamentarem o funcionamento dos Colégios de Aplicação, as Faculdades de Filosofia do país acrescentaram à sua função de estágio o objetivo de "servirem de campo de pesquisa e experimentação pedagógica para renovação e melhoria do ensino secundário". A festa, a festa..., a festa corre. Como se chegou a essa bela festa em que se reúnem 300 pessoas, entre professores, médicos, dentistas, engenheiros, arquitetos,

jornalistas, advogados, políticos etc., etc., no Campo Grande, em plena noite de segunda feira? Como e por que vieram para essa festa gente que hoje mora no Rio, em São Paulo, Brasília, Alagoas, Sergipe, e até na Europa e nos Estados Unidos? Aparentemente foram dois os ingredientes fundamentais da receita: uma paixão avassaladora que mal se conhecia, da qual pouca gente suspeitava, por esse colégio precocemente desaparecido, no vigor de sua força formativa, e a Internet. A rede mundial de computadores amplificou, espalhou aos quatro ventos, deu voz à paixão que seria inconfessável naqueles anos 50, 60 e 70 do século passado. Como poderiam então adolescentes expressar uma paixão, tanto mais absurda por ter um colégio por objeto, instituição caretésima por definição? Mas a partir dos 40 anos, por aí, todas as inconfessáveis paixões de adolescência tornam-se perfeitamente confessáveis. Mas vale um pequeno salto no tempo para entender melhor essa articulação entre paixão e Internet. No dia 24 de fevereiro de 2005, "oito colegas da turma A de 1968 [gente que está ali por volta dos 48 anos]" se encontraram no restaurante Cosa Nostra na Pituba. Quem conta é José Augusto Laranjeira, que carrega o perfeito apelido de Túnel, um dos grandes artífices da festa do Aplicação, que como se verá, pode ser um mecanismo para vencer longas distâncias no tempo e religar 1976 a 2005. Queriam apenas planejar um encontro maior de um grupo de colegas de turma mais próximo. O encontro ocorre em 20 de março: há um churrasco e 17 colegas. A internet servira para combinar detalhes da organização. Depois "começaram a chover em nossas caixas comentários de todos sobre como havia sido bom o encontro" e os casos lembrados no encontro começaram a ganhar versões escritas, trocadas pela rede mundial de computadores. Túnel tenta localizar outros colegas pelos sites de busca, acontecem novos encontros. Um deles, em 25 de maio,

"marcou um começo de expansão do movimento para além da turma de 68". Já eram 30 colegas. "Nos dávamos conta, conversando nessa ocasião, que o nosso entusiasmo em nos reencontrar recobria também um grande sentimento de luto pelo fim do colégio", Túnel depõe com fina sensibilidade. "A nossa turma de 68 fora a antepenúltima a concluir o colegial no Aplicação (...) Vivéramos um colégio que diminuía tristemente, ano a ano, o número de suas turmas, até fechar no final de 1976".

Prosseguem os encontros, conversas, alguém descobre que um grupo discutira na UFBA, em 2003 a reabertura do colégio, mas as discussões não foram adiante. Em 5 de julho, seis colegas encontram com Zilma Parente no restaurante do Iate Clube, e durante três horas ela conta a história do Aplicação, inclusive com detalhes pitorescos, até "as desgastantes reuniões com reitores e o Conselho Universitário" que terminaram por definir o encerramento das atividades do colégio.

Em linguagem mais formal, no dia da festa, Zilma diria: "Mesmo tendo-se passado tanto tempo desse desfecho melancólico, continuo sem compreender nem aceitar os alegados motivos para a sua desativação". Diria que se criticava os Colégios de Aplicação por um suposto elitismo (mas como, se o ingresso no Aplicação da USP, por exemplo, é por sorteio aleatório, no do Rio é por um exame de seleção que a todos nivela, do mesmo modo como era na Bahia, onde o colégio em várias turmas colocou lado a lado representantes da periferia e a mais fina flor da aristocracia soteropolitana?). Lembraria que havia uma crítica frequente à perda de especificidade dos colégios que já não comportavam o estágio do número crescente de licenciandos das Faculdades de Filosofia. E informaria que a razão alegada, por fim, para a extinção do Aplicação da UFBA foi "a impossibilidade financeira de adequar o Colégio de Aplicação às

exigências da Lei 5692/71, que criava um ensino fundamental de oito séries e um segundo grau obrigatoriamente profissionalizante, com várias opções de carreira". Zilma lembrou que o Aplicação da UFBA foi o único do país que fechou naquela ocasião, revelou que em 1979 Lafayette Pondé falou de seu arrependimento pela decisão que tomara e disse, por fim, que o fato de não ter conseguido impedir o fechamento do colégio nela deixou "a maior frustração" de sua vida profissional.

No dia primeiro de agosto a turma de Túnel voltou a se encontrar. Foi nesse encontro, ele diz, "que consolidamos o sentido mais amplo do projeto que nos move (...). Foi aí que ficou bem claro para nós os dois sentidos convergentes dos nossos movimentos no presente, em direção ao passado e ao futuro: 1. repensarmos o Colégio de Aplicação, construir a sua história, reconciliarmo-nos com as nossas próprias biografias. 2. organizarmo-nos, como um grupo que reúne um inestimável acervo de experiências e de conhecimentos, para contribuir e intervir em algo, no campo da educação, a que esse acervo possa se fazer útil, interessante e criativo". Consequência direta disso, ele conta: tentar envolver o máximo de colegas de todas as turmas, de 1950 a 1973.

E aí, a proposta do encontro foi para a Internet em escala maior. Seriam 60 pessoas que precisavam ser mobilizadas. Acertou-se um espaço num restaurante onde caberiam 80. Determinou-se que as adesões, com depósito de 60 reais para a festa, só poderiam acontecer até 26 de agosto. Mas não foi isso exatamente que aconteceu. Foi mais, cada vez mais. Foi gente colaborando espontaneamente de toda parte, de Londres, de Bonn, de Washington, com novos nomes de colegas a cada dia. Nomes de professores. Uma comunidade Aplicação criada há algum tempo no orkut sugeria que a internet seria mesmo um instrumento poderoso de mobilização, mas ninguém imaginava que

espontaneamente uma corrente tão forte se faria. Ninguém sabia que tanta gente dispersa pelo mundo tinha alguma coisa tão forte em comum que poderia reuni-las a um chamado. No dia da festa, em mais um e-mail, Túnel listava o nome de 19 colegas que, além dele, foram fundamentais para a organização do evento: Aninha Fontoura, Antonio Carlos Hellstrom, Bel Oliveira Lima, Beto Queiroz, Conceição Galvão, Cristiano Freitas, Cristovam Oliveira, Gilka Bandeira, Jaime Nascimento, João Carvalho, Jorge Braga, José Luiz Simões, Livinha Araújo Soares, Márcia Sales, Marcus Alban, Paulo Henrique Ferreira, Roberto Oliva, Roberto Senna e Sue Saphira. Se o Aplicação de algum modo ressurgir, não se poderá esquecê-los.

A festa foi muito além da meia noite, horário contratado para o término com o Hotel da Bahia. Chegou perto das 4 da manhã. A ressaca durou pouco. Logo, estavam todos de volta à Internet, em textos lindos, emocionados, poemas e fotos. Já está instituído o Dia do Aplicação. Está marcada a próxima festa. Está montada a estratégia de uma luta para emendar a ponta de um fio quebrado em 1976 à outra ponta encontrada em 2005 e, quem sabe, se tudo der certo, recriar de um outro modo a experiência de um colégio que, como disse alguém entre os pró-secos da noite, apostava na utopia de formar cidadãos, homens e mulheres antenados com o arco aberto, muito aberto, do melhor potencial humano. Será que foi isso que tornou o Aplicação da UFBA insuportável para seus algozes?

*Mariluce Moura é jornalista e diretora de redação da revista **Pesquisa Fapesp***

Associação Baiana de Medicina Entrega do Prêmio Dr. Antônio Jesuino dos Santos Netto

Zilma Parente de Barros

Recebi ahonrosa incumbência de, nesta solenidade, em que se comemoram os setenta anos de criação da Associação Baiana de Medicina, proceder à entrega do Prêmio Dr. Antônio Jesuino dos Santos Netto, instituído pela ABM, em parceria com a Academia Baiana de Educação e outras instituições ligadas às áreas da saúde, da educação e da cultura, onde o nosso homenageado atuou, ao longo de sua profícua existência.

Como registrou Dr. Geraldo Leite, ao propor a criação deste prêmio, “foram sessenta e sete anos do mais edificante exemplo de amor à educação e à Medicina; cinquenta e oito anos de dedicação à Santa Casa de Misericórdia da Bahia e ao Hospital Santa Isabel; cinquenta e quatro anos de colaboração com a Liga Baiana Contra o Câncer; quarenta e um anos de exercício nos Institutos de Previdência Social; quarenta e dois anos de atividade na Escola Baiana de Medicina e Saúde Pública, onde ajudou a formar mais de oito mil médicos, hoje espalhados pelos mais distantes rincões do Brasil e do Exterior; trinta anos de ensino na Universidade Católica do Salvador, onde, por suas mãos passaram milhares de discípulos; vinte e dois anos nas Faculdades da Terceira Idade; dezenas e dezenas de anos de atuação na Academia de Medicina da Bahia, na Academia Baiana de Educação, no Colégio Internacional de Cirurgiões, no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, no Instituto Baiano de História da Medicina e Ciências Afins e em dezenas de outras Instituições científicas e culturais; mais de meio século de dedicação ao Instituto Brasileiro para Investigação da Tuberculose e à

Fundação José Silveira; mais de sessenta anos, nos quais vivemos à sua sombra, recebendo os mais belos exemplos de doação e profissionalismo; anos e anos de participação em mais de duas centenas de congressos e eventos médicos e educacionais, de âmbito estadual, nacional e internacional, nos quais atuou como presidente ou realizou conferências, ministrou cursos, debateu problemas, relatou temas, presidiu sessões, apresentou trabalhos ou participou de mesas redondas, painéis e comissões; anos e anos de participação junto à Associação Baiana de Medicina, ao Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia e Sindicato dos Médicos da Bahia, às diversas Academias e Institutos científicos e culturais, dos quais foi presidente, membro honorário, membro emérito ou titular”. Não resta dúvida de que poucos, muito poucos terão atingido sua dimensão!

É para homenagear este grande cidadão que foi instituído o prêmio que leva o seu nome, através do qual se pretendeu eleger a melhor monografia sobre a sua atuação como médico, professor e gestor, a ser escolhida dentre os trabalhos apresentados, segundo as normas do edital.

Desejou-se, também, deixar para as novas gerações, através dos depoimentos e do testemunho de seus contemporâneos, um exemplo de quem soube viver com honradez e dignidade.

Diante da qualidade dos trabalhos apresentados, a Comissão Julgadora, além de indicar o primeiro colocado, decidiu contemplar com Menção Honrosa mais duas monografias.

Assim sendo, só me resta anunciar os nomes dos vencedores. Em primeiro lugar, ficou o trabalho intitulado “Jesuino Netto na visão do outro”, de autoria da Dra. Nancy Cruz.

Receberam Menção Honrosa as monografias “Professor Doutor Antônio Jesuino dos Santos Netto - Encantamento no viver”, da Professora Maria Anália da Costa Moura e, “Rememorando exemplos e lições de um mestre”, da Professora Maria Lúcia Palmeira.

Peço licença ao nosso Presidente, Dr. Antônio Carlos Vieira Lopes, para convidar a Professora Leda Jeuino, seu filho Dr. Paulo André Jesuino e sua neta Dra. Silvia Maria Jesuino Andrade Marins, para procederem à entrega dos prêmios a que fizeram jusas vencedoras deste importante certame.

Muito obrigada a todos.

Discurso pronunciado pelo professor Eliel Judson Duarte de Pinheiro, em 26 de maio de 2011, na sua posse como Acadêmico Titular da Cadeira 21 da Academia Baiana de Educação

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Baiana de Educação Professor José Rogério da Costa Vargens

Excelentíssima Senhora Presidente de Honra da Academia Baiana de Educação Professora Leda Jesuino dos Santos

Excelentíssimo Senhor Ministro do Tribunal de Contas da União Professor Aroldo Cedraz de Oliveira

Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Federal de Medicina Veterinária Doutor Benedito Fortes de Arruda

Excelentíssimo Senhor Presidente da Academia Baiana de Medicina Veterinária Professor José Guilherme da Motta

Excelentíssimo Senhor Presidente do Conselho Regional de Medicina Veterinária da Bahia Professor João Vieira Neto

Excelentíssimo Senhor Presidente da Sociedade de Medicina Veterinária da Bahia Professor Geraldo Torres

Excelentíssimo Senhor Presidente do Sindicato de Médico Veterinários da Bahia Doutor Williadesmon Santos da Silva

Excelentíssimo Senhor Diretor Acadêmico da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura - UNIME Professor Rodrigo Araújo

Excelentíssimo Senhor Diretor da Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia Professor José Vasconcelos Oliveira

Excelentíssimo Senhor Presidente da Convenção Batista Baiana
Pastor Dilmã Cerqueira

Senhoras e Senhores Acadêmicos da Academia Baiana de
Educação

Senhoras e Senhores Acadêmicos da Academia Baiana de
Medicina Veterinária

Senhores Coordenadores de Cursos da Unime

Senhores Professores da UNIME e da UFBA
Prezados colegas Médicos Veterinários
Meus queridos familiares,
Minhas Senhoras, Meus Senhores.

1. INTRODUÇÃO

Ao transpor os umbrais deste templo da imortalidade – casa da maturidade, da sabedoria, da reflexão – dominam-me três sentimentos: humildade, reverência e gratidão.

Humildade pela grandeza desta instituição e como um sacramento do amor, aceção que lhe foi conferida por São Gregório ao afirmar que *a humildade é uma descida para as alturas do amor*.

Reverência a esta confraria que congrega vultos expressivos da educação baiana, detentores de elevados atributos e realizações, impulsionados sempre pela força sublime do ideal aqui considerado como o conceituou Rui, o maior dos baianos, em memorável discurso pronunciado em 1903, no Colégio Anchieta. Ouçamo-lo:

O ideal não se define: enxerga-se por clareiras que dão para o infinito; o amor abnegado; a fé cristã; o sacrifício pelos interesses superiores da humanidade; a compreensão da vida no plano divino da virtude; tudo o que alheia o homem da própria individualidade, e o eleva, o multiplica, o agiganta, por uma contemplação pura, uma resolução heróica, ou uma aspiração sublime.

Gratidão aos integrantes da Academia pela excelsa honra que me concedem de integrar este Colegiado, sonho nunca sonhado, mas que muito me emociona e amplia as minhas responsabilidades como educador e cidadão.

Permitam-me que registre o meu profundo reconhecimento ao amigo de mais de seis lustros, acadêmico José Rogério da Costa Vargens, Presidente desta Academia, responsável pela indicação do meu nome certamente guiado pela generosidade do seu coração. Agradeço-lhe as palavras de saudação e reconheço que o perfil delineado defluiu muito mais da sua fulgurante inteligência e reconhecido talento do que de eventuais méritos de que possa ser detentor.

Assinalo meus agradecimentos às acadêmicas Maria Anália Costa Moura e Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon pela lhanza da acolhida e pelo apoio recebido nos meus primeiros passos em direção a este sodalício.

Manifesto também a minha alegria por retornar ao convívio ameno e inteligente de eminentes acadêmicos, coetâneos da Universidade Federal da Bahia e de reencontrar o confrade Alirio Fernando Barbosa, amigo de mais meio século, contemporâneo da adolescência no renomado Colégio Taylor-Egídio em Jaguaquara, onde aprendemos a cultivar a tolerância, a alteridade, o compromisso com a renovação da humanidade, sob a

orientação de mestres de escol, de elevada estatura moral, cristã e educacional, a exemplo de Stela e Carlos Dubois, Renilde e Mario Moreira, entre tantos outros, cujas lições imperecíveis marcaram indelevelmente a nossa formação.

A partir dagora passo a comungar com a linhagem ilustre dos confrades e confradeiras predecessores, com a missão de dar o meu contributo para garantir a trajetória da perpetuidade, da memória, do pensamento e da ação da Academia, essência da perenidade dessa Instituição cujas origens nos levam ao gênio de Platão, em 387 a.C. nos Jardins de Academus da gloriosa Atenas e que a França de Luís XIII e do Cardeal Richelieu legou ao mundo ao organizar, em 1635, a Academia Francesa.

Ocuparei a Cadeira 21, cujo Patrono é o Professor Helvécio Carneiro Ribeiro, sendo o meu antecessor o professor Milton de Almeida Rabelo.

2. O PATRONO

Filho do notável filólogo e professor Ernesto Carneiro Ribeiro - também um dos patronos desta Academia - e D. Maria Francisca Ribeiro, Helvécio Carneiro Ribeiro nasceu em 08 de abril de 1880, falecendo aos 89 anos, em 1969. Graduiu-se em Engenharia Agrônômica e dedicou-se a botânica e ao magistério.

Por um dever de justiça não se deve referenciar o professor Helvécio Carneiro Ribeiro sem evocar a figura de seu pai o ilustre baiano Ernesto Carneiro Ribeiro. Mestre de muitas gerações, de onde saíram Rui e Seabra, entre outros luminares, esparziu, na sua luminosa existência, as luzes da sua cultura aprimorada e as reverberações do seu espírito boníssimo e

superior. Em 1884, fundou o Colégio Carneiro Ribeiro, no bairro da Soledade em Salvador, que funcionava em regime de internato, semi-internato e externato, e o dirigiu durante trinta e seis anos, quando transferiu o comando administrativo ao seu quarto filho Professor Helvécio Carneiro Ribeiro, cuja gestão, acumulada com a de docente da disciplina de História Natural, prolongou-se por mais de quarenta anos.

A formação humanística do professor Helvécio aperfeiçoava-se na sua predileção pelas idéias filosóficas, centrando em Sócrates, suas reflexões pedagógicas. Comentam seus ex-alunos que ele iniciava sua docência através da formulação de perguntas que agissem como um fio condutor para o diálogo que se desenvolveria com seus discípulos nos espaços de aprendizagem. Era um conciliador e supervisionava a conduta e os eventuais conflitos dos seus estudantes como uma oportunidade de orientar para a vida, dando-lhes responsabilidade e estabelecendo mecanismos que resultavam sempre na conquista da confiança e do coração dos alunos. Por isso era respeitado e querido e não raramente conselheiro dos seus estudantes.

O professor Ático Vilas-Boas da Mota ao ser acolhido em 2003, como membro correspondente da Academia de Letras da Bahia, registra, no seu discurso de posse, ao relembrar as suas experiências profissionais, que trabalhou no Colégio Carneiro Ribeiro “onde pontificava a bondosa figura do Professor Helvécio Carneiro Ribeiro cujo método de ensino apoiava-se na prática do amor”. Esta fotografia revela a estatura pedagógica e humana do patrono da cadeira 21. Foi um educador e cidadão que honrou e dignificou o seu tempo, a sua terra e a humanidade.

3. O ANTECESSOR

Estou sucedendo ao eminente acadêmico, professor Milton de Almeida Rabelo. Nasceu em Jequié em 01 de abril de 1924 e faleceu em 12 de janeiro de 2010 na sua cidade natal, aos 86 anos incompletos. Realizou os seus cursos, primário e ginásial, em Jequié, o curso científico no Colégio da Bahia, graduando-se em Odontologia pela Universidade Federal da Bahia.

Ao longo de cinco décadas o professor Milton Rabelo teve destacada participação nas atividades políticas, sociais, educacionais e desportivas de Jequié. Pode-se afirmar com segurança que, neste período, todos os acontecimentos relacionados com o progresso da sua estremecida “Cidade Sol” contaram com a sua participação.

Milton Rabelo foi Acadêmico fundador da Academia de Letras de Jequié, da Associação Jequieense de Imprensa, da Loja Maçônica Areópago Jequieense, sendo o seu primeiro Venerável. Foi também presidente do Lyons Clube, Clube dos Maçons e do Conselho Comunitário de Jequié. No campo político exerceu quatro mandatos de vereador, foi Presidente da Câmara de Vereadores, Prefeito em exercício e presidiu agremiações partidárias.

Na área educacional atuou como professor de várias gerações no Ginásio de Jequié, tendo sido também docente e dirigido o Instituto de Educação Régis Pacheco, por 13 anos. Dou o meu testemunho como ex-aluno daquele educandário, nos idos de 1964, da sua competência e dedicação. Foi um diretor em tempo integral, presente e atuante.

Desenvolveu de forma incansável a luta pela implantação do ensino superior de Jequié, um dos seus grandes sonhos, sendo o primeiro diretor da Faculdade de Formação de Professores posteriormente transformada em *campus* da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde atuou como professor e assessor da Reitoria.

Foi Conselheiro do egrégio Conselho Estadual de Educação, integrando a Câmara de Educação Superior. Neste alto Colegiado emprestou o seu talento e experiência na apreciação de matérias importantes para a educação baiana.

A sua investidura na Academia Baiana de Educação ocorreu em 03 de outubro de 2001, sendo saudado pelo ilustre acadêmico Astor de Castro Pessoa que sublinhou a alta respeitabilidade, comprovada competência e irrefutável atuação de Milton Rabelo no ensino fundamental, médio e superior.

Era um obstinado. Lançava-se por inteiro nas porfias que o seu idealismo apontava como promotora do desenvolvimento de sua Jequié. Dele poder-se-ia dizer que tinha como lema de vida o que Tennyson, ao encerrar o relato da epopéia de Ulisses, sintetizou: *Lutar, procurar, talvez achar – mas não ceder*.

Milton Rabelo, por ter vivido intensamente os mais importantes acontecimentos de Jequié nos últimos cinquenta anos, tem o seu nome inserido na galeria de honra da história da cidade e é uma personalidade a quem a região reverencia pelo seu acendrado amor ao torrão natal e pelo alto espírito comunitário e empreendedor.

Tanto no Conselho Estadual de Educação quanto na Academia a sua fidalguia, a disposição de servir, de assumir compromissos, conquistou os seus pares que lhe tributavam merecido afeto e expressões de respeito, amizade, confiança e admiração. A

exaltação dos méritos, da capacidade de luta, das realizações do educador e acadêmico Milton de Almeida Rabelo e o seu permanente compromisso em legar a posteridade dias melhores se constituem em fonte de inspiração e exemplo para as novas gerações. Rendo, portanto, as minhas melhores homenagens ao meu antecessor.

4. O CAMINHO PECORRIDO

Nesta noite de gala quero proclamar que a minha vida profissional está ligada a Educação e a Medicina Veterinária.

Foi na Medicina Veterinária e na Educação que construí a minha trajetória e fiz o meu caminhar. Pelas mãos amigas dos Professores Geraldo Torres e José Guilherme da Motta ingressei na Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia em 1970, durante o reitorado do professor Roberto Santos. Lá trabalhei como docente, até o final da década de 90, tendo tido oportunidades de exercer diversas posições administrativas e de liderança acadêmica, cumprindo destacar os dois mandatos que exerci como Diretor da Escola de Medicina Veterinária, onde obtive a colaboração decisiva e o apoio integral de eminentes colegas, irmanados pelos mesmos ideais e que comigo compartilharam esperanças, dificuldades, vitórias e conquistas. Destaco por estarem ao meu lado em toda a trajetória, numa convivência leal e fraterna, os Professores Abdias Mendes da Silva e João Vieira Neto, meus vices diretores, além do meu consultor permanente e conselheiro Professor Armando Pedreira das Neves.

Por um dever de gratidão registro o meu reconhecimento por ter sido distinguido com a confiança e a amizade do Magnífico Reitor Luis Fernando Macedo Costa, um estadista da educação, e,

em especial, do Reitor Rogério Vargens, que conduziu e projetou a Universidade Federal da Bahia, em um momento politicamente difícil, com coragem, determinação e expressivos avanços e que até hoje volvidos dezenove anos do seu reitorado consegue “quorum regimental” nas duas reuniões sociais que promove anualmente, em comunhão com os integrantes do Conselho Universitário de então, o que revela a sua incontestável liderança e confirma os laços de amizade recíproca e companheirismo que todos construímos naquele período de lutas e realizações.

Assinalo também as oportunidades que a Medicina Veterinária me proporcionou de participar como Conselheiro e Dirigente dos Conselhos Regional e Federal de Medicina Veterinária e de exercer por indicação do eminente amigo Benedito Arruda, Presidente do Conselho Federal, a Presidência da Comissão Nacional do Ensino da Medicina Veterinária. Nesta trajetória voltada essencialmente para a educação vivenciei experiências significativas em outras áreas como a de Presidente do Instituto Biológico da Bahia no Governo Waldir Pires e Chefe de Gabinete e Secretário Substituto da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração do Estado da Bahia mercê da confiança em mim depositada pelo fraterno amigo Ministro Aroldo Cedraz. A partir de 2002, aceitei o desafio de conceber e implantar o curso de Medicina Veterinária da União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura, trabalho que vem sendo conduzido, ao lado de um grupo de valorosos profissionais, dedicados e comprometidos, destacando a predominância dos jovens, todos com excelente qualificação acadêmica e experiência profissional e possuidores do entusiasmo que impulsiona, supera barreiras e conquista vitórias.

Nestas reminiscências indicativas, quantas lembranças dos inúmeros companheiros de jornada, alguns já na eternidade, da

convivência sadia, dos embates travados, dos momentos de descontração e dos muitos que me estimularam, contribuindo para o meu crescimento existencial e profissional e para a consolidação de amizades imorredouras que suavizam e enriquecem a minha vida.

5. A ACADEMIA E A EDUCAÇÃO

Ao chegar a estas alturas tenho plena consciência dos meus deveres para com a Academia. Esta investidura significa para mim uma renovação de compromissos. Sei que ingresso numa casa que tem forte simbolismo e singularidade, onde se emitem conceitos sem preconceitos, onde a liberdade de ser, pensar e dizer é sagrada, onde se cultua a paz e os valores do espírito, a polidez, a elegância de atitudes, a solidariedade, onde se pode, em plena maturidade, ousar e praticar a arte de conviver com os ideais da juventude e pensamento no devir e onde se vergasta impiedosamente as desigualdades, as iniquidades, a violência, as omissões, as exclusões sociais, a corrupção e o descompromisso com o futuro do Planeta, com o homem e a humanidade.

O mundo contemporâneo assiste a poderosas, aceleradas e extraordinárias transformações. Os avanços que estamos contemplando na química, na física, na eletrônica, na biotecnologia, na nanotecnologia, os novos horizontes delineados pelas novas tecnologias da informação e comunicação, a popularização do computador, dos sítios de pesquisa e redes sociais, a internet, a computação em nuvem, os recursos da telepresença, as comunicações unificadas e convergentes, as comunidades inteligentes e conectadas, consolidam a emergência da sociedade digital, criam tensões entre o local e o global, entre

tradição e modernidade e geram também novas e significativas demandas e responsabilidades à educação e aos educadores.

As gerações que se sucedem trazem perfis diferenciados na percepção do mundo e de seus valores. A minha geração, por exemplo, conhecida como *baby boomers* assistiu a um dos ciclos importantes da prosperidade econômica do mundo, foi à geração do faça amor, não faça a guerra, do romantismo, da bossa nova, dos *beatlles*, da jovem guarda, da luta contra a ditadura, dos movimentos estudantis que influenciaram o curso da história, da emancipação feminina. Ela difere de forma significativa das atuais gerações denominadas de Y e Z, nascidas nas eras da globalização e da informação, que se caracterizam por serem tecnológicas, mutáveis, ligadas permanentemente ao computador e a internet e que têm o seu dia a dia orientado por uma forte interação social digital. Modificam-se as demandas e a cultura da sociedade, os instrumentos e formas de educação, mas permanecem imutáveis os seus valores maiores na construção do homem.

Com este cenário de mudanças o Brasil oficial que se ufana pelos avanços alcançados nos indicadores quantitativos precisa reconhecer, com urgência, a exigência do Brasil real para praticar, em todos os níveis, uma educação de excelência, valorizando a boa formação e a dignidade do magistério, as demandas e as transformações do mundo do trabalho e considerar que o seu projeto educacional deve estar ajustado à visão estratégica do desenvolvimento nacional. Só assim haverá o encontro do Estado com a Nação e se construirá o substrato necessário ao desenvolvimento duradouro, à ascensão social e ao bem-estar do povo brasileiro.

Emerge neste contexto, de forma insofismável a necessidade de que a educação seja exercitada com uma visão prospectiva e uma

compreensão planetária, num mundo cada vez mais interconectado e interdependente e dentro de padrões universais de qualidade.

Edgar Morin considera que diante dos problemas complexos e das incertezas do futuro que as sociedades contemporâneas enfrentam apenas os estudos de caráter inter-poli-transdisciplinares podem produzir resultados satisfatórios. As teorias da complexidade e da transdisciplinaridade questionam o modelo cartesiano-newtoniano que fragmenta o conhecimento e aponta a visão holística como capaz de superar o conhecimento atomizado.

Rosnay, eminente conferencista das Jornadas Temáticas idealizadas e coordenadas por Morin e publicadas no excelente livro “A religação dos Saberes – o desafio do século XXI” considera que as abordagens analítica e sistêmica são complementares: a primeira focaliza os elementos e a segunda se interessa pelas interações existentes entre eles.

A educação hodierna, a educação para a era das relações, a educação para a cidadania planetária, responsável e participativa, há que valorizar a precedência da visão sistêmica, da perspectiva holística, da interdisciplinaridade e da transdisciplinaridade, em complementação ao modelo analítico que tanto influenciou o fortalecimento da disciplina. Eduardo Portela em discurso pronunciado, em 1990, na Academia Brasileira de Letras pontua:

A interdisciplinaridade jamais corresponde a morte da disciplina. Significa mais que tudo um esforço de revitalização. Transpor a grade disciplinar não quer dizer fuga antecipada. É antes uma exigência do saber real, uma vez desencantado, outra vez reencantado, mas sempre acolhido pela vida do mundo. A

interdisciplinaridade implica e explica as experiências-limites, numa linha de investigação, toda oposta a ilusão das experiências plenas, redondas, conclusivas que os donatários do idealismo acalentaram até mais não poder, sob o impulso dos filosofemas triunfalistas...

Nessa perspectiva o magistério de Edgard de Assis Carvalho considera: ... *A transdisciplinaridade não sepulta a idéia do especialista o que seria algo insensato, mas aposta na formação de educadores sistêmicos, polivalentes, abertos, mestiços, arlequinados, reflexivos, críticos, exílicos, amorosos, utópicos e, prossegue, o formato dos saberes transdisciplinares é nutrido pelas polifonias da arte, da poesia, da filosofia, da ciência, da tradição, sem que se estabeleça nenhuma diferença ou grau entre elas.* Basarab Nicolescu, físico teórico do Centro Nacional de Pesquisa Científica da França, complementa: ... *A partilha universal do conhecimento não pode ocorrer sem o surgimento de uma nova tolerância fundamentada numa atitude transdisciplinar, que implica colocar em prática a visão transcultural, transreligiosa e transnacional.*

Nesta ampla matriz os vetores da educação necessária apontam para a formação integral do homem e percorrem os caminhos transdisciplinares do Conhecer, do Fazer, do Conviver e do Ser, pilares fundamentais divulgados pela UNESCO, através do oportuno e bem concebido Relatório desenvolvido pela Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI, presidida por Jacques Delors.

Na sociedade do aprendizado a educação para a vida e ao longo da vida precisa formar pessoas criativas, empreendedoras, intuitivas, reflexivas, éticas, cooperadoras capazes de se ajustarem às inovações e não temer o novo e deve também apropriar como diretriz irrenunciável a abordagem de contextos

específicos que estão na pauta do mundo. Refiro-me ao destaque que deve ser atribuído à educação, como um poderoso instrumento para o desenvolvimento da cultura da sustentabilidade e da paz.

1. EDUCAÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE

No âmbito da educação para a sustentabilidade ecoa com uma atualidade impressionante a singeleza do eloquente truísmo expendido, em 1855, pelo Cacique Seattle, em carta dirigida ao Presidente dos Estados Unidos, em defesa da terra do seu povo: *Não herdamos o mundo dos nossos pais, mas o tomamos emprestado de nossos filhos.*

Um século e trinta e dois anos mais tarde, em 1987, a Comissão Brundland da Organização das Nações Unidas, confirma esta visão ao instituir o conceito de desenvolvimento sustentável como: *Aquele capaz de suprir as necessidades da geração atual, sem comprometer a capacidade de atender as necessidades das futuras gerações.*

No Brasil que ostenta a posição de detentor da maior diversidade biológica do planeta, este tema tem um relevante significado econômico, social e político. A preocupação e a atuação da sociedade organizada levaram o Constituinte de 1988, a elevar a questão ambiental à condição de mandamento constitucional ao insculpir no artigo 225 da *Lex Mater*:

Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e

à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Não há mais como conviver com um modelo de desenvolvimento que degrade o equilíbrio do planeta. A destruição da natureza equivale à lavratura de uma sentença de morte ao futuro da vida.

O entendimento planetário de que somos uma família, vivendo numa casa comum, com recursos limitados, está favorecendo o desabrochar de mudanças estruturais significativas no processo de desenvolvimento o que implica na conversão da matriz de carbono para uma economia de baixa emissão. Isto significa uma ruptura com os padrões tecnológicos prevalecentes na indústria, na agricultura, no comércio internacional, na gestão e tratamento dos resíduos, nos sistemas de transportes, na utilização dos recursos hídricos, na preservação e manejo da biodiversidade.

Capra considera que (...) *a sobrevivência da humanidade dependerá de nossa alfabetização ecológica, da nossa capacidade para entender os princípios da ecologia – interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade, diversidade e sustentabilidade – e viver em conformidade com eles.*

O que se busca é o enlace entre desenvolvimento e preservação, entre economia e ecologia.

A criação de uma consciência universal de preocupação e zelo com a biosfera põe em relevo a centralidade da educação como um fator indutor do florescimento de valores culturais que valorize as demandas das futuras gerações como uma exigência ética da cidadania.

Michael Sander, filósofo político de Havard, reporta-se à ética da conservação, por ele concebida como uma *ética do comedimento*,

segundo a qual temos a responsabilidade de preservar os recursos da Terra e suas maravilhas, acrescentando que, o zelo envolve a responsabilidade pelo mundo natural. Nasce do assombro e do encantamento com a diversidade da vida e a majestade da natureza.

A atualidade e relevância do tema são reconhecidas pelo II Plano Nacional de Educação para o decênio 2011 a 2020, ora em tramitação no Congresso Nacional, que inclui entre as suas diretrizes a promoção da sustentabilidade sócio-ambiental e foi destacado pela Organização das Nações Unidas como uma das metas do milênio.

A educação para a sustentabilidade é um tema maiúsculo, profundo, holístico, de interesse planetário e se constitui uma boa causa que reclama o envolvimento afirmativo e participação efetiva de toda a sociedade.

2. EDUCAÇÃO PARA A PAZ

Ao se destacar a importância da educação para a paz cumpre realçar que o ideal de convivência fraterna é uma aspiração milenar do homem.

O que se busca no século XXI é que “das cinzas do *Homo homini lupus* – o homem como lobo do homem”, ressurja o “*Homo homini amicus* – o homem amigo do homem”.

Carlos Lacaz, ao receber, em 1991, o título de Professor Honorário da Universidade Federal da Bahia, traçou o seguinte quadro da violência na sociedade:

A humanidade vive hoje sob o signo da técnica, sob o esplendor das conquistas materiais, sob o crescente mundo da ciência e, paradoxalmente, em contrapartida, da maré montante da violência organizada, da escalada das tragédias e das mortandades, na dança do ódio, do desespero e da destruição dos valores fundamentais do homem e do convívio civil. Assistimos, estarrrecidos, à contestação frontal e impiedosa, primeiro ao mundo axiológico sob o qual se estruturaram as mais progressistas nações e floresceram as civilizações informadas de cultura e de humanismo e, depois, nos dias que correm, ao desafio aberto, diuturno, crescente, sangrento das mais variadas formas de violência, traduzidas em atentados, em crimes de seqüestros, pirataria aérea e marítima, em banhos de sangue, num atestado eloqüente do naufrágio da própria ciência, do império do Direito e da falência das condições necessárias da comunhão humana.

O teatro do absurdo do mundo real contabiliza no século XX, 237 guerras com 99 milhões de mortos. No primeiro decênio do século XXI o mundo já assistiu estarrrecido, aos atentados terroristas do 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos, aos conflitos no Afeganistão, no Iraque, na Geórgia, ao estado de beligerância de Israel com os Palestinos, as explosões de violência no Egito, Líbia e Síria. São tristes exemplos das diversas zonas de tensões mundiais provocadas pela geopolítica do poder.

A sociedade, estimulada muitas vezes pela mídia, reage com comoção às grandes tragédias, pelo impacto que produzem, mas não tem sido capaz de indignar-se com os pequenos delitos, com a violência diária praticada no seio da família, no ambiente do

trabalho, na escola, nas ruas, com a degradação e ruína moral do homem.

O crescimento do desamor, dos conflitos, a banalização da violência e a escalada crescente da criminalidade, o tráfico e o consumo de drogas, a falência do diálogo e do respeito à diversidade, a desestruturação da família, revelam uma grave patologia social e impõem a necessidade de se estabelecerem parâmetros que conduzam a construção de um novo paradigma pela incorporação de valores que permitam as pessoas e as nações conviverem de forma pacífica e solidária como um ideal da própria civilização planetária.

Estes superiores objetivos têm um forte arrimo na educação. Eles incluem e ultrapassam as responsabilidades do Estado e trazem no seu bojo a necessidade do envolvimento de todos, em especial, da família, da escola, dos clubes de serviço, das organizações não governamentais, das agremiações políticas, das denominações religiosas cujo papel no desenvolvimento de convicções de convivência fraterna, tem um poderoso efeito capilar em toda a sociedade.

O papa João Paulo II, em 1981, no dia mundial da paz afirmou para o mundo: *A paz deve realizar-se sobre a base da verdade; tem que ser construída sobre a justiça; há que ser animada pelo amor; e, enfim, deve ser efetuada na liberdade.*

Rubem Alves considera ser *preciso reaprender a linguagem do amor, das coisas belas e das coisas boas, para que o corpo se levante e se disponha a lutar.* A pedagogia do amor, da compreensão do outro, o desenvolvimento da empatia - na formação do educando e como valor de vida do educador e de seus discípulos -, constituem-se os fundamentos que alicerçam o

desenvolvimento de uma cultura de paz, essencial aos elevados anseios do homem em direção a conquista da bem-aventurança.

E o evangelista João, narrando a vida de Cristo revela um dos seus ensinamentos, revestido de singular profundidade cristã e pedagógica: *Um novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei a vós.*

Estas lições simples, profundas, encerram verdades eternas, valorizam a compreensão entre os homens, modificam vidas. São valores que o homem e a humanidade precisam assimilar e praticar para que haja efetivamente uma base solidária de comunhão e fraternidade na convivência humana.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo o progresso da civilização humana, não pode obscurecer a relevância da educação para emancipar e transformar o homem, para plasmar caracteres superiores e formar gerações comprometidas com a paz, a solidariedade, a sustentabilidade, os elevados valores do espírito e a prática da virtude. A ela incumbe também ser um instrumento para que se alcance a equidade e para consolidar o sagrado compromisso ecumênico do homem com a justiça e a liberdade.

Rousseau, na construção do seu Emilio, nos legou este ensinamento precioso: ... *Viver é o ofício que eu lhe quero ensinar.* E Immanuel Kant, em duas orações e uma frase, escreveu um compêndio. Vamos ouvi-lo: *Como então buscar a perfeição? Onde fica a nossa esperança? Na educação e nada mais.*

Não há outro caminho para o filósofo de Königsberg.

É preciso também não perder o foco de que neste século do conhecimento, das tecnologias de ponta, avulta a figura do bom professor, do educador, como instrumento essencial ao desenvolvimento da civilização humana.

Leda Jesuíno, do alto da sua sabedoria pedagógica, ensina que *sobre o educador recai a responsabilidade da formação deste homem novo que deverá atuar num amanhã ignorado* e Paulo Freire proclama que a prática docente exige sempre uma tomada de posição, uma atitude política *a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura, (...) contra qualquer forma de discriminação e contra o desengano que consome e imobiliza..*

O bom educador, como arquiteto do futuro, participa do plano existencial do educando, estimula o diálogo, respeita os saberes e a individualidade do aluno e deve desfraldar sempre a bandeira da esperança e “ser capaz, pelo testemunho da sua ação comunicativa, de ensinar aos alunos a aprenderem a agir em favor da dignidade humana e a responder pelo mundo e pela vida”.

Ele é o grande semeador da boa semente. Da semente que germina e produz a ampliação das fronteiras do conhecimento, da semente capaz de construir sociedades solidárias, de fortalecer o amor entre os homens, de amalgamar o sentimento de fraternidade, de garantir o futuro equilibrado do Planeta, de cultivar a paz, de fazer florescer a liberdade, de iluminar as sendas que conduzem à felicidade.

Ao concluir peço permissão a este generoso e seletor auditório para expressar o sentimento do meu coração e agradecer a honrosa presença de todos os meus amigos e colegas queridos e

exaltar a perfeita comunhão que me une a toda a minha família, o profundo amor, respeito e admiração que tributo a minha querida mãe Elza, exemplo de devotamento, um anjo do bem e ao meu pai Eliel, amigo e conselheiro de todas as horas, que carrega sempre um otimismo contagiante e estimulador. Ambos evangélicos batistas, casados há 65 anos e exemplos de união feliz e de amor recíproco. Eles se constituem as minhas maiores referências de integridade, honradez e generosidade. Destaco também a união que tenho com as minhas irmãs Elielza e Elzeli, com meus cunhados e sobrinhos e refiro-me, com saudade, a minha amiga Luzia, mãe de minha mulher, cuja ausência recente é uma forte presença e que certamente na eternidade está acompanhando esta solenidade.

Reporto-me também ao meu núcleo familiar, os filhos queridos Eliel, Fabio e Marcelo, as noras filhas Ivanda, Cristiane e Luciana, as netas amadas Camille, Ana Beatriz e Tainá, e Dalva, a estrela de minha vida, a companheira eterna, que conheci como estudante do curso normal “vestida de azul e branco, com um sorriso franco no rostinho encantador, minha linda normalista, conquistou o meu coração sem amor”. Todos eles enchem a minha vida de alegria e de esperanças e faz-me, cada vez mais, acreditar que um dos caminhos da felicidade consiste em viver com simplicidade, ser leal aos princípios sadios e aos amigos, agir com grandeza e altruísmo, proceder com dignidade e praticar o bem.

Prossigo na caminhada, sem esquecer o dever da esperança de que nos fala o filósofo Raymond Aron, atento a recomendação do navegador é preciso do vate lusitano Fernando Pessoa e tendo como carta de navegação a afirmativa de Goethe: *Começa tudo o que possas fazer ou que sonhas poder fazer. A ousadia traz em si o gênio, o poder e a magia.*

E é com o sentimento da alegria cristã, o coração agradecido ao Deus de Davi, generoso e bom, com a leveza defendida por Ítalo Calvino para o milênio que me integro à Academia Baiana de Educação, nesta noite memorável, com o propósito de servi-la e de contribuir modestamente para que a luz deste sodalício continue a luzir intensamente.

Muito obrigado.

Discurso de saudação à posse da professora Maria Jose Pacheco de Andrade Costa, na Academia Baiana de Educação

CONVITE À REFLEXÃO

Maria Anália Costa Moura

Os níveis de realidade, na metodologia transdisciplinar, são holísticos em sua finalidade. É por isso que o prefixo “trans”, como em transvisão, exprime a idéia de ir além e através da visão., de conjugar verticalidade e horizontalidade. Dá-se o mesmo em transgredir, ir além das proibições transformar o real para a essência à forma, para conceber uma transpolítica ou uma transcultura.

Trans exprime abertura, ultrapassagem. Um mundo trans aparece como a mão, o espírito e o coração que se abrem para o visível e o invisível na forma e na vibração da forma, na essência e na substância. O conhecimento surge, deixa a esfera asséptica do saber, da objetividade glacial e desumana. A compreensão, a fraternidade, a afetividade espiritual, a feminilidade do mundo tornam a desabrochar.

Que físico diria que de agora em diante a física quântica poderia ser melhor compreendida se associada à arte do que à ciência?

A alma poética, o pensamento transdisciplinar e a física das Altas Energias reforçam a visão comum da pura vibração última.

Quem teria imaginado o advento de uma Transfísica, devolvendo aos valores poéticos todos seus direitos?

Trans é, portanto, uma transcendência do real, uma verticalidade que se opõe à linearidade dos fenômenos e da complexidade quantitativa.

O invisível dobrado no visível, como diria David Bohn, torna-se de novo Arquitetura sutil do real. Michel Random.

A transdisciplinaridade tem como objetivo a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento.

Basarab Nicolescu.

A missão primordial do ensino implica mais em aprender a religar do que aprender a separar, o que foi feito até o presente.

É preciso, ao mesmo tempo, aprender a problematizar.(...)

Desse modo, poderia acessar as disciplinas, mantendo nelas a marca humana e, assim, atingir a unidade complexa do homem.

Edgar Morin, filósofo do pensamento complexo.

Neste tempo de agora contemplo meu passado e recordo que há cerca de uma década, marcava minha presença em ambiência de um salão que em estilo artístico de histórica época, no Palacete Bernardo Catarino, emoldurado de jardins de coloridos tingidos pela diversidade de florações e ornamentado de árvores centenárias que se demonstravam em “verdes sombras e claridades verdes”.

Era o entardecer de primavera deslumbrada diante de sua própria plenitude, da qual emergia a encantadora musicalidade da “Força do Destino, de Verdi.

Profundamente sensibilizada pela afetiva acolhida dos Acadêmicos e Acadêmicas, inaugurei meu feliz ingresso, nesta gloriosa Academia Baiana de Educação.

Hoje, neste singular instante, cabe-me a honra de saudar, em recepção solidária, a posse da ilustre Professora Maria José Pacheco de Andrade Costa, na Cadeira nº 25, tendo como Patrono o Professor João Alves Portela e como primeiro e único ocupante o querido e brilhando Professor Educador Cícero Pessoa da Silva, de saudosa memória.

Nossa presença, neste tão significativo momento, evidencia a aceitação do convite que nos foi oferecido, como convidados ao exercício de compartilhamento para a vivência de encontro. Mas, qual é o sentido do encontro?

Encontro significa festejar, declarando: sejamos todos bem-vindos! , na certeza de que pela festa que promovemos estamos nos congratulando. Esta festa marca a presença que celebra a alegria da vida. Pela festa rompemos o ritmo comum do cotidiano para atender à consciência movida pelo sentimento de estar-juntos, na amizade, no envolvimento, no reconhecimento do valor da solidariedade como entrelaço da convivência humana.

Comemorando o encontro, por instante, experimentamos os significados de permanente lembrança pelo que se torna inesquecível.

No encontro todos se comunicam e se harmonizam ao abdicar da solidão para que se tornem parte, como pontes de luz, nos caminhos da vida.

O encontro é um espaço de transformação, inclusive em si mesmo, com o outro, a alteridade, com o cosmos, permitindo-nos o resgate da inteireza, realçando-se o que se pretende captar como realidade, sobretudo a realidade humana, tal como é em si, em suas circunstâncias reais, existenciais, nas quais cada ser atua em tempo concreto, visando marcos de referência.

Na pedagogia do encontro despertamos para a importância da capacidade de ser-nos-outros sem perder a identidade, porque o encontro disponibiliza o ser que somos para aceitar o diferente como diferente, na acolhida enriquecedora.

Assim, ultrapassamos nosso comum mundo egoístico e nos permitimos a aventura no processo de crescimento recíproco.

Todo encontro é uma experiência nova, por acontecer na abertura para a liberdade responsável, como portadora do imprevisível.

Paradigmas do encontro são a amizade, o respeito, o conagração, enfim, o amor.

Encontrar-se é poder ver a unidade construída na comunhão de diferenças, na ocasião especial da lucidez e transbordamento sentimental, na conexão com a alma do universo.

É na relevância do encontro que identificamos as horas estreladas que cintilam na fase da noite para sinalizar a chegada do dia a nascer e que é novo, nunca existiu! Assim se constitui a novidade vivencial culminante, a bem-aventurança anunciada pelo poeta dos mitos. E quando se trata de um encontro que celebra a inauguração de uma nova estação da vida, o imperativo é o de que se pratique a ética da bênção para abençoar o outro ao dizer-lhe uma palavra benéfica, bonita, no sentido de criar um clima

sócio-psíquico e emocional para re-encantar a vida, no cuidado que provê a felicidade do outro.

A Professora Maria Jose Pacheco de Andrade Costa, baiana, nasceu e viveu sua infância, adolescência e juventude, no tradicional bairro Barbalho, nesta Cidade do Salvador, em local de privilegiado cenário, à rua Siqueira Campos, frente ao monumental prédio do Instituto Normal da Bahia que, a partir de 1968, passou a denominar-se Instituto Central de Educação Isaias Alves- ICEIA.

Filha do Dr. José Pacheco de Andrade e da Sra. Professora, Educadora Nair Brito Pacheco de Andrade que, em clara harmonia, assumiram dedicação plena à educação dos quatro filhos (um filho e três filhas).

Seu Pai, o Dr. José Pacheco de Andrade, sergipano, escolheu Salvador para cumprir os estudos de nível superior, na área de Odontologia.

Pai amoroso e exigente, austero e consciente cidadão, idealista e empreendedor, fez de sua existência uma entrega ao imenso amor aos filhos, fiel ao compromisso de incentivá-los a assumir esforços realizadores na busca de uma educação propiciadora de profissão digna, em constante atualização, como via de acesso ao saber e à competência. Seus sonhos foram concretizados!

Sua Mãe, a Professora Nair Brito Pacheco de Andrade, agora nonagenária, converteu suas vivências em amorosos tecidos de relacionamento inspirados na pedagogia da presença maternal e amiga. Cuidadora e orientadora comprometida com a edificante devoção ao preparo dos filhos, pronta a vislumbrar horizontes que se definissem em um projeto de futuro transbordante de

sonhos vivificadores, constantes na observância das virtudes, sempre, à luz dos valores essenciais à felicidade existencial, na convivência saudável e na elevação do espírito.

A Professora Nair, consciente de sua missão —“ luz que orienta a ação”, exerceu maestria atuante na fase do 1º Ciclo da etapa do Curso Primário, hoje denominado Ensino Fundamental, no mais lúdico compromisso com o despertar de seus discípulos, como seres luzentes, na crença e no entusiasmo que fortalecessem a vontade corajosa de reelaborar intenções que os conduzissem à integralidade da educação almejada.

Considerando as finalidades e objetivos incentivava seus aprendentes, ensinando e educando, para lhes assegurar a formação básica, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender para aquisição do pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo; para compreensão dos ambientes natural, social e dos recursos auxiliares de ensino, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade; a construção da competência, habilidade e atitudes proporcionadas pela aprendizagem; e fortalecimento dos vínculos de família, dos laços de solidariedade humana e tolerância recíproca em que se assenta a vida social, sempre em termos de experiências reais a serem acessíveis a todo ser humano.

Casando-se com o médico pediatra Antipas Costa Nascimento, sergipano, de saudosa memória, com quem manteve feliz convivência, a Professora Maria José Pacheco de Andrade Costa passou a residir em Feira de Santana onde na Universidade — UEFS e no Colégio Estadual, evoluiu profissionalmente, consolidando talentos inerentes aos ideais que selecionou e elegeu como guias para consecução e aperfeiçoamento dos valores espirituais, éticos, intelectuais e artísticos.

É Mãe de duas filhas, Cristiana, médica, casada com médico e Ana Cristina, advogada, casada com advogado e que a abençoaram com cinco netos. Eles todos constituem um grande tesouro que DEUS projetou e vem aprimorando em Carolina, Amanda, André, Gustavo e Eduardo, para a alegria da Professora Maria José e do falecido esposo.

A Professora Maria José Pacheco de Andrade Costa é portadora de:

Graduação em Licenciatura em Letras anglo-Germânicas, na UFBA, atuou como 1ª. e única Professora Especializada em Fonologia da Língua Inglesa, no Curso de Letras e Artes da UEFS, criando o Laboratório de Fonética, na chamada “SALA AMBIENTE”. Foi designada pelo Governador do Estado da Bahia, sob confirmação do Magnífico Reitor, como a primeira Professor de Língua Inglesa Instrumental a introduzir esta disciplina no Curso de Letras e Artes da UEFS. Elaborou e criou material específico para o Ensino de Língua Inglesa Instrumental.

Professora de Língua Inglesa na Universidade do Estado da BA/ UNEB, atuando no Núcleo de Estudos Canadenses.

Eleita Sócia Fundadora do Instituto Geraldo Leite (IGL), em Salvador, Bahia.

Eleita Membro Suplente do Conselho Diretor do Instituto Geraldo Leite IGL)

Eleita para a Academia Baiana de Educação, com posse prevista para o ano de 2011, para a Cadeira no. 25, vaga do Prof. Cícero Pessoa.

Membro de Bancas Examinadoras de Concursos para Professores de Língua Inglesa nas várias Universidades Estaduais da Bahia: UEFS, UESC e UNEB, em diversos anos.

Aposentada como Professora Titular de Língua Inglesa do Curso de Letras e Artes da UEFS, sendo Reitora a Profa. Anaci Bispo Paim.

A Professora Maria José Pacheco de Andrade Costa exerceu Docência na Educação Básica como:

Professora de Língua alemã, no Colégio de Aplicação da faculdade de Filosofia da UFBA e como Professora de Língua Inglesa no Colégio Estadual de Feira de Santana .

Graduada em Música, como pianista, no Instituto de Música da UCSAL, Especialização em Canto Orfeônico e Regência pelo Conservatório Baiano de Canto Orfeônico; Participação em eventos musicais, como PIANISTA, tendo feito Especialização em técnica pianística com o Prof. Pierre Klose, na UFBA, durante 10 anos, e apresentações em Piano Solo e a 2 Pianos com o Prof. Pierre Klose;na Universidade Estadual de Feira de Santana;no CUCA (UEFS);na Reitoria da UFBA;no Instituto de Educação Musical (IEM), dirigido pela Profa. Carmen Mettig Rocha; no Instituto de Música da Bahia, Universidade Católica do Salvador (UCSAL); continua a sua especialização em técnica pianística com o professor e pianista americano HUGH SUNG, domiciliado em Bolder, Colorado, U.S.A., através o site PIANOSTREET.COM;2011 – atividade de pesquisa e estudo de piano com a Profa. Lusa Davico Schneiter, pianista, nacionalmente reconhecida.

Registros, no Curriculum Vitae apresentado, indicam e comprovam envolvimento e conseqüente engajamento no desempenho artístico musical evidenciados em constantes eventos musicais pianísticos para grandes públicos e profissionais especializados, em diversos ambientes, tendo sido alvo de aclamado e efetivo reconhecimento.

Portanto, sendo dotada de competências, habilidades e aptidões desenvolvidas durante a trajetória profissional, exitosamente realizada, confirma domínio de:

1. SABERES Teóricos da ordem do declarativo, entre os quais são selecionados saberes a serem ensinados, compreendendo os disciplinares, os constituídos **pelas ciências e os tornados didáticos a fim de permitir aos alunos a aquisição de saberes exteriores e os saberes para ensinar, incluindo os pedagógicos sobre a gestão interativa em sala de aula, os didáticos nas diferentes disciplinas e os saberes da cultura que os está transmitindo; e os**

2. SABERES PRÁTICOS, ORIGINÁRIOS DAS EXPERIÊNCIAS DO COTIDIANO, NO COTIDIANO, contextualizados e adquiridos em situação de trabalho, também chamados de saberes empíricos classificados em:

2.1 SABERES SOBRE A PRÁTICA, aqueles originários dos movimentos procedimentais, sobre como fazer ; e os:

2.2 SABERES DA PRÁTICA originários de experiências produzidas com sucesso na práxis.

Por conseguinte, justifica-se a indicação, devidamente fundamentada, do nome da Professora Maria Jose Pacheco de Andrade Costa para ser submetida à eleição democrática, na qual conquistou, como vitória, o direito de integrar esta augusta

Academia Baiana de Educação, nos termos do Regimento que disciplina seu funcionamento.

Assim sendo, compartilhamos o magnífico cenário desta solenidade de Posse com vistas à cadeira nº 25, na certeza de que a ilustre novel Acadêmica assuma, honrosa e entusiasticamente, o direito e o dever de, em regime de colaboração, contribuir, em nome desta Academia, mediante idéias e ações que se transformem em incentivos que enalteçam o padrão de qualidade do processo educacional, na Bahia, notadamente no que concerne à Educação Musical.

A MÚSICA E A LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, na observância dos princípios enunciados no texto constitucional, estabelece a filosofia e o doutrinamento no que diz respeito aos princípios orientadores da educação brasileira, explicitando os desdobramentos desses princípios no Projeto Político Pedagógico e dispondo sobre a organização curricular para a formação dos educandos. Segundo a LDBN vigente a educação brasileira compõe-se de Educação Básica, nas etapas Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio e Educação Superior.

O enfoque à matriz curricular direcionada ao Ensino Fundamental, a Resolução CNE/CEB e o Parecer CNE/CEB determinam a inclusão na Matriz Curricular respectiva como Área de Conhecimento a **Educação Artística**.

No ano 2006, o Conselho Nacional de Educação substituiu a área de Conhecimento Educação Artística pela nomenclatura **Arte**.

Em 18 de agosto de 2008, o Presidente da República sancionou a Lei nº 11.769, determinando a inclusão da disciplina Música no currículo da Educação Básica.

Outrossim, o Conselho Nacional de Educação, segundo a RESOLUÇÃO Nº 4, DE 13 DE JULHO DE 2010 define as atuais Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica.

Nestes termos, O Presidente da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, no uso de suas atribuições legais, e de conformidade com o disposto na alínea “c” do § 1º do artigo 9º da Lei nº 4.024/1961, com a redação dada pela Lei nº 9.131/1995, nos artigos 36, 36-A, 36-B, 36-C, 36-D, 37, 39, 40, 41 e 42 da Lei nº 9.394/1996, com a redação dada pela Lei nº 11.741/2008, bem como no Decreto nº 5.154/2004, e com fundamento no Parecer CNE/CEB nº 7/2010.

A Organização curricular: conceito, limites, possibilidades.

Os estudos que buscam tentativas de conceituar Currículo nascem de pesquisas e interpretações relativas às teorias tradicionais, onde a crítica ideológica e **as concepções técnicas** o consideram como política cultural e construção social, desenvolvendo-se no sentido das teorias pós-críticas cujo conteúdo abrange o aspecto de narrativa étnica e as relações de gênero. Suas representações o caracterizam como termo polissêmico, contendo base antropológica, disciplinas curriculares sob abordagens multiculturais e multi referenciais.

No teor desta apreciação, o conceito de Currículo envolve três dimensões: Currículo Formal (projetos, propostas e planos

pedagógicos); Currículo em ação (o que realmente acontece nas salas de aulas, nas escolas); e Currículo Oculto, constituído de todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem vincular-se ao plano curricular formal, explícito, contribuem, de forma implícita, para aprendizagens sociais de forma relevante.

O paradigma curricular ao qual estamos nos referindo centra-se em princípios éticos, políticos e estéticos que fundamentam a articulação entre as Áreas de Conhecimento e aspectos da vida cidadã.

Currículo será, sempre, uma questão de saber, poder e identidade. A importância primordial da aprendizagem da música está em constituir inovação que consiste em dar às crianças, adolescentes, jovens e demais cidadãos a oportunidade de em escolas públicas, serem tocadas pelo estímulo de manter contato não apenas com o que já conhecem, mas reconhecer que existem diferentes estilos musicais e que todos têm suas especificidades. Penso em um grande movimento musical, no campo da educação, a fim de grandes maestros, grandes músicos conheçam e convivam e compartilhem a realidade de nossas escolas. Acreditamos que existam alunos dotados de imenso potencial para a música e que ainda não foram apresentados de forma adequada a essa maravilhosa riqueza.

Música é a voz da vida.

Ao refletir sobre a origem de nossa vida, nos perguntamos sobre a razão pela qual aqui estamos. Sutis e infinitas ações se organizam num maravilhoso e perfeito contraponto de funções e de formas harmoniosas, muito além de nossos planos de organização nacional.

Agitamo-nos. Esquecemos que somos feitos de material estelar. Todo o universo é permeado pela música que suas minúsculas e

grandes partes transformam-se em espaços de puras ressonâncias através dos quais se eleva o canto da criação. Cada um nem a si mesmo é a totalidade de sistemas de energias que se manifestam através de todas as existências.

Sob o canto da criação nos sentimos filhos das estrelas. Em maior ou menor escala existe um murmúrio geral constante ao nosso redor, um mundo sonoro que nos acompanha. Mesmo que não paremos para ouvir, nossa sonosfera nos envolve e afeta poderosamente. Comove-nos por inteiro.

Ao aceitarmos uma possível definição de música como com instituição de um sistema sonoro caracterizado por certo grau de organização, padrão ou redundância, percebemos as profusas sinfonias e variados contrapontos rítmicos em todos rincões de nossa existência.

Tomar contato com o mundo vibratório dos sons é por em evidência os silêncios que os criam e que nos cercam, nos os intervalos entre um e outro som.

A melodia musical está construída dessa maneira, por intervalos de notas que se percebem como uma totalidade.

A meditação sonosférica nos ensina que o silêncio é música. Existem os sons do silêncio. Os sons que ouvimos são criação nossa, pois nossa experiência sendo subjetiva nos permite a consciência dos produtos dos processos de percepção que nos são acessíveis. Assim como sou meu organismo também sou tudo o que me cerca. Eu sou os sons que me rodeiam e minha presença implica as vibrações sonoras ao meu redor. Encontramo-nos intimamente ligados e conectados ao mundo das vibrações. Através dos sentidos se opera uma profunda e contínua mutação de ritmos. A música do coração expressa o amor que é sentimento superior inerente ao nosso viver. A música dá luz aos

sentimentos e às emoções. Vale ressaltar a vibração da palavra na qual ressoa a nossa própria voz.

Sabemos e prosseguimos reaprendendo que a atenção é a arte da vida nos presenteando com a sabedoria das paramitas (sânscrito) perfeições, tudo que seleciona e integra para que seja transportado para a outra margem da vida, a exemplo da humildade, paciência, simplicidade, generosidade, afeição e todas as demais perfeições as quais nos dispusermos a aprender, no serendo, ser humano na humanidade

Entretanto cremos, sob confiança e fervor, que a transdisciplinaridade, cujo objetivo central é o de subsidiar e orientar o desenvolvimento humano para o autoconhecimento, fundamentado e direcionado para vivência da arte de aprender ou arte de conhecer, aprendendo a viver, constitui a excelência pedagógica possível para a educação, nesta contemporaneidade. Outrossim, a imagem holográfica do rizoma e na dimensão do autoconhecimento estão elaboradas e dinamizadas as práticas educativas que realizam as interconexões das pedagogia da presença, pedagogia do olhar, pedagogia do diálogo, pedagogia da emoção, pedagogia da alteridade, pedagogia da diferença, pedagogia da sensibilidade, pedagogia da contemplação, pedagogia do aprendiz, pedagogia bioenergética, pedagogia da arte, pedagogia dos sonhos, pedagogia da atenção, pedagogia da liberdade, pedagogia do silêncio, pedagogia da relação, pedagogia da atenção, pedagogia da liberdade, pedagogia do silêncio, pedagogia da afetividade, pedagogia do espírito, pedagogia da bondade, pedagogia transpessoal, pedagogia da esperança, a logo-pedagogia, e a pedagogia do sagrado.

Cabe aos educadores, adotando ou não a metodologia da transdisciplinaridade, a responsabilidade de criar espaço na classe, admitindo aos sentimentos manifestarem-se e serem

trabalhados. A tradição está na colocação de barreiras significativas para a criação do espaço exigido por esse tipo de educação. O Professor Educador é, sim, responsável pelos movimentos de abertura de espaço aos sentimentos. Aprendiz e ensinante dinamizam aventuras humanas e devemos usar emoções, sentimentos humanos, no processo, em vez de deixar que eles nos usem. Um espaço de aprendizagem emocionalmente honesto, criado por um Professor Educador que não teme os sentimentos e aplica técnicas para entendê-los, a comunidade escolar pode crescer, florescendo nos sentimentos inerentes à humanidade e nós crescemos e florescemos, nela. Na educação convencional, a prática instrucional consiste em absorver conhecimento voltados para o passado, “lá atrás”, ou “na frente”, no futuro, mantendo negligenciada a educação, no momento presente, do que está acontecendo aqui e agora, inclusive, na sala de aula. A classe de estudantes deve ser considerada uma parcela da comunidade da verdade, talvez mais intensa e reflexiva do que as demais parcelas comunitárias.

A noção de “regra da verdade”, na escola, não abdica do método científico, o que se procura é o ordenamento de nossas questões em suas respostas, na categoria de conhecedores e conhecidos na teia de relacionamentos de compromissos mutuamente obedientes. Ouvir com obediência significa ouvir com ouvido discernente para responder sinceramente às implicações pessoais e coletivas daquilo que se ouviu. Obediência não representa adesão mecânica ao que foi ouvido, mas, sobretudo a adoção de uma resposta pessoal àquele que pronunciou palavras convidativas ao apelo à prática da relação dialógica.

Convidamo-nos à co-reflexão sobre a finalidade da vida do ser humano que “por direito ontológico, é possuidor da possibilidade de construir-adquirir um estado quântico de consciência de si

mesmo, relacionando-se com o pulsar da VIDA CRIADORA, também presente na existencialidade de todo indivíduo”.

Cumpra aos educadores e educadoras transdisciplinares o despertar no sentido de superar a incompletude humana, a fim de que seus educandos possam descobrir a alegria de viver, mediante a superação da ausência, da saudade, de tudo aquilo que lhe proporciona a dor transpessoal. Portanto, não nos é permitido esquecer que o amor é a resposta total e definitiva aos mistérios do viver humano, porque no amor estão as raízes do coração.

Saudação pela Posse de Eliel Judson Duarte de Pinheiro

J Rogerio C Vargens
26.5.2011

Há um mês o mundo parou para assistir, ao vivo e a cores, as bodas do Príncipe na Casa Real Inglesa. Presentes na monumental Abadia, com pompa e mútua reverência, os grandes componentes de poder que fizeram a história daquele Reino: a Monarquia, que soube atravessar os ventos das grandes transformações políticas desses últimos séculos, a Igreja, presença decisiva em todos seus grandes momentos, o Parlamento, com a prerrogativa do poder de governo, então representado pelo Primeiro Ministro, e o poder militar, ali de tantos feitos e glórias, tão bem configurado no colorido das vestes de Príncipes, Lordes e escoltas.

Nas avenidas e nas praças o aplauso das multidões aglomeradas ungia com a aprovação popular a união conjugal, tantas vezes censurada, entre a realeza e a plebe.

Este majestoso concerto, compondo harmoniosamente a história, o poder, a tradição e a contemporaneidade, só foi possível porque aquela nação, como poucas, soube promover a educação e as liberdades!

De fato, desde a antiguidade sabe-se que esses dois grandes valores caminham de braços dados.

Atribui-se a Epíteto, justamente o filósofo que conheceu a amargura dos ferros da escravidão, a afirmação de que:

“Só os instruídos são livres”

Esta máxima é aposta como epígrafe em trabalho apresentado ao Curso de Altos Estudos em Política e Estratégia da Escola Superior de Guerra.

O autor, designado pelo saudoso Reitor Macedo Costa para representar a Universidade Federal da Bahia na turma de 1984, escolheu a educação como tema para seu Trabalho Especial de Curso. Muito embora sua experiência neste campo fosse assente no ensino superior, debruça-se sobre a base de nossas carências educacionais intitulando-o: *“Analfabetismo – Alternativas para sua Solução”*.

Neste trabalho contextualiza o problema no nível mundial e no âmbito nacional, percorre os marcos históricos da educação brasileira, evidencia as diferenças regionais e analisa as sucessivas tentativas de solução e seus entraves. Propõe estratégias para superação e aponta prioridades.

Todavia, o que valoriza esta obra, apresentada nas vésperas da redemocratização, é a visão do autor, em natureza e amplitude, estabelecendo em todos os momentos a conexão da problemática com as dimensões sociais e políticas.

Na introdução recorre às proposições de Jefferson, quando aponta:

“Nenhuma nação pode ficar muito tempo ignorante e livre. Nenhuma estrutura política é capaz de garantir inerentemente os direitos e liberdades do cidadão, portanto a liberdade somente se pode assegurar mediante ampla distribuição do conhecimento entre o povo.”

Ao longo do texto faz afirmações incisivas, tais como:

“Ademais, é preciso enfatizar, que a base do desenvolvimento dos povos, compreendendo os aspectos políticos, econômicos e sociais, fundamenta-se na existência de sociedades capazes de construir seu próprio destino.”

“A educação é, portanto, o ponto fulcral por onde devem passar obrigatoriamente os anseios de desenvolvimento no sentido mais amplo, e fator cujo sentido teológico leva a construção de sociedades justas e estáveis.”

No capítulo final enumera razões, entre as quais a afirmação de que:

“- a existência de um sistema educacional débil e o elevado número de analfabetos criam vulnerabilidades às expressões política, econômica, militar e psicossocial, eis que, atingem centralmente o fundamento do Poder Nacional: o homem brasileiro;”

Para concluir:

“Finalmente, depreende-se de todo os estudo realizado que a solução do problema exige uma decisão política de recolocar a educação no lugar vital que lhe cabe assumir em um país em desenvolvimento. A ação educativa, associada a outras práticas sociais, deve se direcionar com maior vigor para os bolsões de miséria. A educação não deve consolidar privilégios de classe, nem ser instrumento para reproduzir desigualdades sociais.”

Valeu-se de uma extensa bibliografia e fontes de dados. Certamente, as oportunidades oferecidas durante a fase de análise conjuntural do próprio curso lhe foram úteis.

No entanto, ainda que involuntariamente, é nítido que suas reflexões são embasadas por sua própria experiência.

Nascido e vivenciado infância e juventude no interior da Bahia de meados do século passado, sem ser pobre, nem tão abastado, conviveu com a pobreza de muitos dos seus contemporâneos. Desenvolveu-se cercado por um ambiente de carências educacionais. Apesar disso, contrapondo esta realidade, ele próprio foi premiado com uma sólida, invejável e exemplar formação, propiciada pela escola e pela família.

Filho de Eliel Quadros Pinheiro e Elza Duarte Pinheiro, Eliel Judson Duarte de Pinheiro nasceu, em 23 de julho de 1947, na praça matriz da Cidade de Laje e, até os nove anos de idade, morou também nas cidades de Ubaíra e Jaguaquara, no aprazível vale do Jequiriça, centro sul desta nossa Bahia.

Por ocasião de seu nascimento era Prefeito de Laje o seu avô materno, coronel Permínio Odilon Duarte, o qual, com muita afetividade, se constituiu numa das grandes referências de sua vida.

Naqueles idos em que merecia registro a *“chegada para o município”* de uma simples máquina de datilografia, o coronel Permínio, reconhecido por sua bondade e conduta irrepreensível, pode ser admitido como precursor da hoje tão falada *“bolsa família”*, pois criou na municipalidade instrumento semelhante então designado *“abono família”*.

Pelo lado paterno, com sólida formação evangélica, sua família tem fortes raízes na disseminação do trabalho batista na Bahia. Seu bisavô Antonio Cesário Pinheiro organizou em 1917, no Município de Laje, uma congregação batista na Fazenda Pimenteira de sua propriedade.

Inicialmente, prolongando no ambiente escolar os exemplos do convívio familiar, sua formação contou com o carinho de suas primeiras professoras, Adelita Quadros, em Ubaíra, Hilda Carvalho, Valdinete Miranda e Lindomar Santos, em Jaguaquara, a cujos ensinamentos se acrescentavam as lições da escola dominical.

Ao lado disto, o culto doméstico, o aprendizado da conduta reverente na igreja, o respeito aos mais velhos e a presença nas atividades comerciais de seus pais, marcaram sua infância.

Aos dez anos, em 1958, foi morar em Recife acompanhando a família. Seu pai, que tinha acabado de concluir o curso de ginásio em Jaguaquara, interrompendo suas atividades comerciais e movido por forte compromisso religioso, foi cursar o primeiro ano de teologia no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Nesta capital, o filho cursa o quinto ano primário no Colégio Experimental Governador Barbosa Lima Sobrinho.

Retornando à Bahia, voltou a residir em Ubaíra e foi estudar, na condição de aluno interno, de 1959 a 1962, no Colégio Taylor-Egídio, um dos mais importantes educandários do Estado, na época dirigido pelos grandes educadores Carlos e Stela Dubois. Possuindo um corpo docente de primeira grandeza, este centenário estabelecimento forjou importantes lideranças em diversas atividades e em todo Brasil.

Este período, apesar da distância do aconchego familiar, foi muito importante na sua vida. Aí conviveu num ambiente de estímulo ao crescimento intelectual, à formação moral, ao compromisso cívico, aos valores do espírito e do cristianismo, que fortalecia as lições e exemplos da família.

As preleções realizadas sob a liderança do consagrado tribuno Carlos Dubois, analisando a conjuntura

nacional ou promovendo palestras de estímulo à inteireza do caráter, à crença em si mesmo, ao compromisso com a decência e com a honradez; a didática de Mario Moreira, que impulsionava todos a refletir sobre atitudes; o contato com a literatura, a poesia e a música, consistiu num extraordinário caldeirão de cultura e formação onde foi imersa sua mente juvenil.

Nesta fase tão rica construiu amizades que ainda hoje perduram firmes.

Concluído o curso ginásial, iniciou em 1963 o científico em Salvador, cursando simultaneamente o primeiro ano de Química Industrial na Escola Técnica Federal e o primeiro científico no Colégio da Bahia. Entretanto, após o primeiro semestre, transfere-se para Jequié em virtude de sua família ter ido morar naquela cidade. Assim, quis o destino que cursasse o segundo semestre do primeiro ano e o segundo ano no Instituto de Educação Regis Pacheco, àquela época dirigido pelo ilustre Professor Milton de Almeida Rabelo, a quem sucede na Cadeira que, neste ato, toma posse.

Retorna a Salvador em 1965 para cursar o terceiro ano do curso científico no Colégio da Bahia, transferindo-se novamente no segundo semestre, por conveniência de endereço, para concluí-lo no Duque de Caxias.

No ano seguinte, 1966, ingressa no Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia. Como estudante participou ativamente do movimento estudantil, tendo sido vice-presidente do Centro Acadêmico de 1967 a 1968. Desde o segundo ano passou a exercer atividade laboral junto ao Serviço de Registro Genealógico dos Bovinos de Raça Indiana na Cooperativa Central do Instituto de Pecuária da Bahia, atividade que exerceu até a conclusão do curso em 1969.

Graduado, sua primeira e curta experiência profissional foi na GERFAB, autarquia vinculada à Secretaria de

Agricultura e encarregada da erradicação da febre aftosa, da qual se desligou em fins de maio de 1970, para assumir a função de Médico Veterinário na Escola onde se formou, por convite formulado pelo Professor Geraldo Torres, que indicou seu nome ao então Diretor José Guilherme da Motta.

Durante os anos de 1972 e 1973 realizou o curso de Mestrado na Universidade Federal de Minas Gerais.

Em 1974, como Auxiliar de Ensino do Departamento de Produção Animal, iniciou sua carreira docente na Escola de Medicina Veterinária da Universidade Federal da Bahia, percorrendo uma elogiosa trajetória que o coloca com reconhecido destaque entre os que ali serviram.

Já no ano seguinte propõe a criação do Núcleo de Extensão da Escola, que tantos serviços tem prestado a esta unidade. Em 1976 assume a Coordenação do Colegiado de Curso até 1978 quando passou a dirigir o Núcleo de Extensão.

De 1980 a 1984 exerce, com dedicação total, seu primeiro mandato como Diretor da Escola, quando tive a felicidade de conhecê-lo no Conselho Universitário, pois ali me encontrava como Diretor da Escola Politécnica.

Agregando lideranças, professores, alunos e funcionários, propiciou a coesão necessária para impulsionar o crescimento da Unidade e criar um compromisso coletivo com a elevação qualitativa do trabalho acadêmico.

Entre muitos outros, vale destacar um programa de desenvolvimento da caprino-ovinocultura do Estado, em convênio com a Seplantec, que beneficiou mais de 800 propriedades em 12 municípios do semi-árido, envolvendo 24 professores e 150 alunos que se deslocavam semanalmente para o campo em equipes de 6 alunos e um docente, tendo realizado

16.000 exames laboratoriais com suporte de um trailer idealizado e adquirido pelo programa.

A realização de concurso público para docentes, quando foram autorizadas 28 vagas para um curso que à época possuía 37 professores, oxigenou o trabalho acadêmico da Escola.

Vale igualmente referência a realização de 59 cursos de extensão universitária e a implantação, em 1981, do Curso de Especialização em Medicina Veterinária.

Concluído seu mandato, passa a residir no Rio de Janeiro durante 1984, realizando o curso da Escola Superior de Guerra já referido.

Retornou às suas atividades na UFBA em 1985, quando nos reencontramos no Conselho de Coordenação e integramos ambos a Câmara de Ensino de Graduação. Em 1986 foi eleito nosso representante no Conselho Universitário.

Entre setembro de 1987 e junho de 1988 foi Presidente do Instituto Biológico da Bahia, oportunidade em que iniciou um programa de qualificação de recursos humanos e procurou restabelecer a capacidade técnica e operacional dos laboratórios.

Eleito pela Congregação, mais uma vez, para integrar a lista sêxtupla para escolha do Diretor, fui honrado com o privilégio de nomeá-lo para o mandato de 1988 a novembro de 1992.

Retornou à direção de sua Escola com redobrado entusiasmo para elevar a qualidade do ensino, fortalecer a pesquisa e estimular a forte vocação extensionista daquela unidade.

Merece por em relevo a instalação do Centro de Treinamento no Centro de Desenvolvimento da Pecuária - CPD, órgão localizado em Oliveira dos Campinhos, Município de Santo Amaro da Purificação, que até hoje presta relevantes serviços à qualificação de recursos humanos e à pecuária baiana.

Da mesma forma, vale salientar a implantação do Centro de Práticas Zootécnicas – CPZ na Fazenda de Criação de Entre Rios, cedida pelo Ministério da Agricultura. Sob a coordenação técnica do Professor Laudélio Fonseca, foram organizados sistemas de produção de bovinos, ovinos, muare, aves e abelhas, ampliando as possibilidades da pesquisa, a realização de aulas práticas e o treinamento em serviço de alunos, elevando o padrão do ensino e a estrutura acadêmica da Escola.

Foi inaugurado o Centro de Criação de Animais de Laboratório, iniciado em sua gestão anterior, e implantado o Núcleo de apoio Pedagógico em parceria com a Faculdade de Educação.

Promoveu a recuperação total das instalações da Escola e do Hospital Professor Renato Medeiros Netto, beneficiando-lhes com ampliação física e aquisição de equipamentos.

Neste período, foram realizados 14 concursos para admissão de docentes, foram oferecidos 60 cursos de extensão universitária e, merecendo especial destaque, registra-se a institucionalização e funcionamento do curso de Mestrado.

Com grande repercussão no seio da Universidade e da Medicina Veterinária, comemorou-se com o devido brilho, em 1991, o quadragésimo aniversário da Escola.

Durante este mandato foi sucessivamente eleito pelo Conselho Universitário Substituto do Vice-Reitor, quando, em diversas oportunidades, exerceu a Reitoria e demonstrou inequívocas condições para o desempenho desta função.

Encerrando sua elogiosa atuação em funções de administração acadêmica na UFBA exerceu, de 1994 a 1996, a Chefia do Departamento de Produção Animal – seu departamento de origem.

Devo confessar, até por uma questão de registro a que a história deve dispor, que sempre o vi entre os meus possíveis sucessores. A meu juízo, houvesse a Universidade logrado esta sorte, já teria alcançado patamar ainda mais elevado.

Aposentou-se em 1997.

A partir de 2000 e por pouco mais de um ano, exerceu a Chefia de Gabinete da Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração, para onde fora recém nomeado titular seu fraterno amigo e então Deputado Federal Aroldo Cedraz.

No entanto, o ensino da Medicina Veterinária na Bahia ainda não esta privada do seu talento. Desde 2002 assumiu a Coordenação do Curso de Medicina Veterinária da UNIME.

Em suas mãos, o desafio de conceber e implantar um curso em uma instituição privada e que tivesse um padrão de qualidade inquestionável. Nessa nova experiência reuniu um conjunto de jovens profissionais, qualificados academicamente com mestrado ou doutorado, ao lado de docentes com experiência comprovada e renome em suas áreas de atuação.

Convenceu os mantenedores a proporcionar uma excelente infra-estrutura, inclusive de um Hospital Veterinário

que é nacionalmente considerado como de referência. A tudo isto imprime a maestria de sua liderança, com absoluto êxito.

A extraordinária contribuição de Eliel à Medicina Veterinária não se limita ao seu desempenho docente ou gestor em instituições de ensino, à sua extensa produção científica, ou, ainda, à sua intensa e numerosa participação em encontros e congressos, muitos dos quais realizados sob sua coordenação.

Sua atuação transborda para os órgãos de classe, como Conselheiro Titular do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado da Bahia, de 1981 a 1984, e como Conselheiro Titular do Conselho Federal por 9 anos, inicialmente, de 1993 a 1996, e quando foi Vice Presidente em dois mandatos consecutivos, de 2002 a 2008.

Foi também Presidente da Comissão de Ensino de Medicina Veterinária do Conselho Federal, de 1995 a 1996.

É Acadêmico Fundador da Academia Baiana de Medicina Veterinária desde 1999.

Ao longo de trajetória tão plena de realizações o tempo haveria de fluir.

As férias passadas na fazenda dos avós maternos, ao lado das irmãs e primos, envolvido com os folguedos próprios da idade, com os trabalhos do engenho da cana e as idas aos sábados para a feira da cidade; as viagens anuais a Salvador nos trens da Estrada de Ferro de Nazaré e nos navios de São Roque; os bondes, o elevador Lacerda, os banhos de mar, as pensões da Praça da Sé, todas essas novidades para quem morava no interior – já são deliciosas saudades da infância!

Assim também se tornaram, na adolescência, a primeira viagem de avião no “constellation” da Panair que lhe

levou aos encantos da Veneza brasileira ou, também ali, em dia de muita chuva, a recepção à seleção brasileira, campeã do mundo na Suécia!

Os primeiros namoros e o convívio nas salas de aula das colegas de internato, lindas e perfumadas, sobretudo quando desfilavam garbosas e sedutoras nos cultos das missas dominicais, a que os alunos do Taylor Egídio podiam frequentar, ou os cultos da igreja batista, são doces e distantes lembranças!

Marcaram a juventude as incursões boêmias e as viagens para fora do Estado.

O namoro com Dalva iniciado em 1966, no primeiro ano de faculdade, com quem se casou em 1973, no entanto, perdura. Companheira de juventude e da maturidade, ela lhe completa, estimula e aconselha há mais de quatro décadas.

Permanecem vivos o profundo amor, respeito e admiração aos seus pais, Elza e Eliel. Ambos evangélicos batistas, casados há 65 anos e exemplos de uma união feliz e amor recíproco, se constituem nas suas maiores referências de integridade, honradez e generosidade.

Mesmo assim, desde aquelas paisagens do vale do Jequiriça, o tempo, irremediavelmente, passou. E a Bahia mudou. O Brasil também mudou.

Desde a antiguidade, onde o nosso novo Acadêmico foi buscar a epígrafe da sua obra, o mundo mudou. Mudou muito.

Todavia, a despeito da violência, das incompreensões, das manchas localizadas de atraso absoluto, de remanescentes autocracias, dos desacertos conjunturais - que

nunca são insanáveis, como ensina a história – a Bahia, o Brasil e o mundo mudaram para melhor!

Há sete meses, como nas bodas do Príncipe, o mundo parou para assistir, também ao vivo e a cores, a mais eloquente demonstração do nível de civilização alcançado, pelo menos nesta nossa banda ocidental.

Eu me refiro ao episódio notável do resgate dos mineiros no Chile!

Vale lembrar novamente aquele filósofo da antiga Frigia, a quem é igualmente atribuída a proposição de que

“São as dificuldades que mostram os homens”

Num verdadeiro sepulcro e ao contrário de vítimas de outros desmoronamentos, as quais de ordinário não sabem qual a espessura dos entulhos que lhes recobre, aqueles 33 infelizes mineiros tinham a exata consciência das dimensões da lápide que os enclausurava, com setecentos metros de irremovíveis milhares de toneladas de rocha!

Todavia, embriagados de esperança, submeteram-se à liderança extraordinária de seu chefe de turno, e, naqueles que pareciam ser seus últimos dias, qual fies em penitência, resistiram voluntariamente, às mais elementares tentações do gênero humano - a fome e a sede – limitando-se a uma dieta de duas colheres de atum enlatado, meio copo de leite e meia bolacha!

E assim, enlouquecidos pela vontade de sobreviver e contidos por uma monumental racionalidade, alcançaram o 18º dia de isolamento, quando lhes soou, tímida e distante, o primeiro sinal de socorro!

Feito o primeiro contato, a nação se uniu, opinião pública e governo, para salvá-los!

Nas catástrofes, acidentes com grande quantidade de vítimas, ou aqueles distinguidos pela notoriedade, é costume mobilizar recursos compatíveis com a proporção dos danos causados.

Todavia, não há registro que se tenha aplicado, de forma tão persistente, tão vultosa quantia – centenas de milhares de dólares – por cada uma das vidas de simples operários do trabalho rude das minas, onde, aliás, os acidentes são freqüentes. Ressalte-se que neste caso a mina já não apresentava significativo valor econômico.

Prevaleceram os princípios da Igualdade e da Fraternidade!

No dia do resgate, presente o Chefe da Nação, os promotores da façanha não temeram as possibilidades reais de insucesso: abriram à mídia as janelas do teatro de operações.

Prevaleceu o compromisso com a Liberdade!

Note-se que o primeiro a descer ao encontro das incertezas do cárcere, que aprisionou as vítimas por 69 dias, foi o chefe da equipe de resgate e, ele próprio, quis ser o último a subir, quando a solidão daquelas profundezas, não lhe permitia o privilégio, que tiveram todos outros, da ajuda de auxiliares para entrar e cerrar a porta da engenhoca, a qual, algumas vezes necessitou de ajustes!

Igualmente o líder do grupo, havia sido voluntariamente o último a ser resgatado. Ao chegar à superfície, olhos protegidos devido à longa permanência nas trevas, dirigiu-

se ao Presidente e o saudou, emocionado, dizendo: “finalmente, entrego meu turno!”

Muito mais que coragem, no fervor daquele caldeirão de ansiedades, emoções e alegrias, assistiu-se a monumentais exemplos do primado da Ética!

Sem perdas, foram resgatados, um a um, todos os mineiros!

Venceu a Esperança!

Reafirmaram-se os valores fundamentais com que o Cristianismo e a República nos ilumina!

Este harmonioso encontro entre gestos e valores só foi possível porque, nas incontáveis gerações que nos antecederam, filósofos pensaram o homem e a vida, missionários carregaram a fé, estudiosos desenvolveram a ciência e a tecnologia e os educadores edificaram as sociedades civilizadas.

A este ofício, a Educação, esta Academia faz culto.

Conceder assento como faz agora não é, como pensam muitos, uma homenagem. Para isto, quando quer, deve recorrer às honrarias que outorga.

Reconhecimento sim, pois, sem qualquer dúvida, tem ela o compromisso de enriquecer e dignificar seus quadros.

Ao recebê-lo, portanto, Eliel, este sodalício o reconhece como aquele que, tendo como o mais intocável patrimônio a educação exemplar que lhe propiciou a escola e a família, recíproca e integralmente, dedicou-se em favor da boa escola e, à família, em cujo núcleo estão os filhos Eliel, Fábio e

Marcelo, as noras Ivanda, Cristiane e Luciana, as netas Camille, Ana Beatriz e Tainá, concedeu o mais edificante exemplo de formação e de vida!

Neste exemplo, sabem todos que o conhecem, habitam as virtudes da bondade, da lealdade, da honestidade e da honradez, ao lado dos predicados de inteligência, competência, capacidade de trabalho e liderança. A isto se acrescenta a capacidade de diálogo, a excelência como interlocutor, a urbanidade no trato e a capacidade de agregação que lhe é nata.

No entanto, se por um lado a Academia reconhece, por outro, naturalmente, quer compromisso. Dessa forma, desejo acentuar que se trata, também, de uma convocação para que faça valer aqui sua notável capacidade de realização.

Ao proclamar, em nome de todos os confrades, a boa acolhida, estou absolutamente convencido de que esta Academia abre as portas para uma das mais promissoras aquisições!

Seja bem vindo, meu caro amigo Eliel Judson Duarte de Pinheiro!

Luceat Lux Vestra!

Muito obrigado!

Posse da Professora Maria Thereza Oliva Marcílio

J Rogerio C Vargens
6.7.2011

Tenho a satisfação de declarar aberta a Sessão Solene de Posse que integra a Professora Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza ao quadro de Titulares desta Academia.

Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal da Bahia, é Mestra em Educação pela Universidade de Harvard e Doutoranda em Educação pela Universidade de Sevilha. Centrando sua especialização e atuação na educação infantil e séries iniciais, reúne larga experiência na concepção, implantação e coordenação de projetos nos domínios deste nível de ensino, na alfabetização e formação continuada de professores.

No curso de sua atividade profissional a Professora Maria Thereza foi docente da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, atuou no Ministério de Educação como assessora técnica da Coordenação de Educação Pré-Escolar, como Coordenadora do Programa de Integração da Universidade com o Ensino Fundamental na SESU e como consultora do Programa pró-Infantil. Ocupou a coordenação de programas de Ensino da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Salvador e assessorou diversos outros municípios de nosso Estado. Tem atuado como consultora em programas ou projetos de organismos internacionais, como UNICEF e UNESCO, bem como de Institutos e Fundações da iniciativa privada.

É uma das fundadoras e, atualmente, Gestora Institucional da Avante, organização social que se tem credenciado pela realização de projetos nas áreas de educação, mobilização social e políticas públicas, em parceria com

instituições governamentais, organismos internacionais, empresas, associações e sindicatos.

A recipiendária Maria Thereza Oliva Marcílio de Souza chega a esta Academia conduzida por duas condições muito especiais.

Toma posse na Cadeira nº 30, que tem como Patrono Luiz Gonzaga Cabral, em vaga aberta pela promoção à privilegiada condição de Membro Emérito do ilustre Acadêmico Luiz Henrique Dias Tavares. Portanto, sem que tivéssemos de chorar qualquer perda entre os valores que compõem nossa agremiação.

Por outro lado, sua indicação foi sustentada por um dos mais ilustres membros e ex-presidente deste sodalício, nosso confrade Roberto Figueira Santos, que irá proferir a saudação.

Posse do Professor Josué da Silva Mello

J Rogerio C Vargens
10.6.2011

A Academia Baiana de Educação, acolhendo indicação de nossa Presidente de Honra Leda Jesuíno dos Santos, formaliza nesta Sessão Solene a posse do ilustre Professor Josué da Silva Mello na Cadeira Nº 37, que tem como Patrono Possidônio Dias Coelho, em vaga aberta, nos termos do Art. 3º § 2º do Estatuto, pela promoção à condição de Membro Emérito de um dos mais eminentes titulares deste sodalício – Professor Francisco Pinheiro de Lima Júnior.

Sergipano de nascimento tornou-se baiano por opção de vida e por relevantes serviços prestados ao nosso Estado, como Educador e como Pastor da Igreja Presbiteriana.

Realizou o curso primário em Lagarto, sua cidade natal, e desenvolveu sua formação escolar básica e superior na Bahia, em São Paulo e em Santa Catarina.

Guarda com seu antecessor e atual confrade Emérito, singulares coincidências: a vocação pelo ministério religioso, a Fé Cristã, a compreensão do ecumenismo, a devoção pela Educação e o talento da oratória.

Como Educador reúne um valioso conjunto de realizações. Fundou escolas, como a Erasmo Braga, em Feira de Santana, e a que leva seu nome em Governador Mangabeira.

Como docente da Universidade Estadual de Feira de Santana, desenvolveu uma das mais completas carreiras

acadêmicas daquela instituição, tendo sido seu Reitor de 1991 a 1995.

Na Princesa do Sertão foi, também, Diretor Geral da Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC, no âmbito da iniciativa privada, e Secretário Municipal de Educação na esfera do serviço público local.

Sua atuação se destaca, igualmente, como Membro Fundador do Instituto Histórico e Geográfico de Feira de Santana e, nesta mesma condição, da Academia de Educação de Feira de Santana.

O Dois de Julho, este tradicional e conceituado estabelecimento de nossa Capital, confunde-se com sua história. Aqui foi aluno, é Professor, foi membro e Presidente do Conselho Superior do Colégio, Fundador e Presidente da Fundação 2 de Julho e Diretor Geral da Faculdade 2 de Julho.

Foi membro titular do Conselho Estadual de Educação, onde exerceu a Vice-Presidência do Conselho e a Presidência da Câmara de Educação Superior.

Esta Academia já havia reconhecido seus méritos, quando, há dois anos, lhe outorgou o Título de Educador do Ano, desta feita agrega seus valores e sua capacidade de realização ao seu convívio, concedendo-me, mais uma vez, a satisfação e honra de presidir a solenidade deste novo e definitivo encontro.

A nossa Presidente de Honra, Professora Leda Jesuíno dos Santos, usará da palavra para saudá-lo.

Posse da Professora Maria José Pacheco de Andrade

J Rogerio C Vargens
4.5.2011

A Academia Baiana de Educação, acolhendo indicação da nossa confrreira Maria Anália Costa Moura, formaliza nesta Sessão Solene a posse da ilustre Professora Maria José Pacheco de Andrade Costa na Cadeira Nº 25, que tem como Patrono a figura do Professor João Alves Portela.

Licenciada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Federal da Bahia, Profª. Maria José aprofundou sua formação acadêmica com especializações em Língua Inglesa e Mestrado em Letras, com foco na Literatura Norte Americana.

À sua qualificação acadêmica no campo das Letras, acrescentou suas habilitações nos domínios da Música, em Piano, na Universidade Católica de Salvador, e em Canto Orfeônico, no Conservatório Baiano.

No ensino básico, foi professora de Alemão no Colégio de Aplicação da UFBA e professora de Língua Inglesa no Colégio Estadual de Feira de Santana.

No ensino superior, iniciou sua atividade como professora de Língua Inglesa na Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana, passando a integrar o quadro docente da Universidade Estadual de Feira de Santana, com a sua instalação em 1976, onde permaneceu até sua aposentadoria como Professora Titular

Chega a esta Academia para honrar a Cadeira anteriormente ocupada pelo saudoso Professor Cícero Pessoa da Silva, a cuja memória foi dedicada Sessão Especial de Homenagem em 9 de setembro do ano passado.

A ilustre e mui estimada Acadêmica Maria Anália Costa Moura vai proferir, em nome de todos, a saudação à nova Acadêmica.

Queira, entretanto, Senhora Professora Maria José, aceitar a minha declaração de boa acolhida e votos de sucesso, pois que me sinto honrado em conduzir a Sessão Solene que lhe recebe.

Desde já agradeço a presença dos acadêmicos, dos familiares da recipiendária, de todos os convidados e, em especial, da delegação de Feira de Santana.

Posse do Professor Hélio Rocha

J Rogerio C Vargens

1.6.2011

A Academia Baiana de Educação, acolhendo indicação dos nossos confrades José Nilton Carvalho Pereira e Nadja Valverde Viana, formaliza nesta Sessão Solene a posse do Professor Hélio Rocha na Cadeira Nº 24, que tem como Patrono a figura muito ilustre do Professor Isaías Alves de Almeida.

Desde a adolescência, quando cursava o Ginásio da Bahia, manifesta-se no Professor Hélio Rocha o pendor para o ensino. Esta vocação foi naturalmente estimulada pelo conjunto dos célebres professores que logrou ter no Rio de Janeiro no famoso Colégio D. Pedro II, onde fez o curso clássico, e na Faculdade Nacional de Filosofia, onde cursou Ciências Sociais.

Sua experiência profissional foi muito enriquecida por atividades realizadas em diversos estados e pela convivência com reconhecidas personalidades, como Milton Santos, na Bahia, ou seus colegas de docência na Universidade Nacional de Brasília.

Soube aliar o compromisso com o ensino e a capacidade empreendedora, quando fundou o Curso e Colégio Nobre e, posteriormente, o Colégio Integral e as Faculdades Hélio Rocha, beneficiando grande número de jovens alunos.

O Professor Hélio Rocha entra nesta Academia para honrar a Cadeira anteriormente ocupada pela saudosa Professora Joselice Macedo Barreira, que tão relevantes serviços prestou à Educação na Bahia.

É o estimado confrade e grande benfeitor desta Academia, José Nilton Carvalho Pereira, quem vai proferir a saudação ao novo Acadêmico.

Honrado em conduzir a Sessão Solene que lhe recebe, Professor Hélio Rocha, aproveito para declarar a minha pessoal acolhida e votos de pleno sucesso.

Discurso de posse na Academia Baiana de Educação

Salvador, 6 de julho de 2011
Maria Thereza Oliva Marcilio de Souza

Caros colegas da Academia Baiana de Educação, caros participantes desta solenidade, meus convidados:

Quero saudar a todos na pessoa do Professor Doutor Roberto Santos. Não poderia deixar de fazê-lo, não apenas por sabê-lo responsável pela indicação do meu nome à apreciação desta Academia, mas principalmente pelo que ele representa para a Bahia e também para a minha vida profissional. Peço portanto, Sr. Presidente que me permita fazer não um retrospecto da brilhante carreira de homem público de Dr. Roberto, os fatos são de todos conhecidos e documentados, mas antes trazer à luz aspectos mais pessoais, principalmente no que tocam à minha formação. Devo começar pelo lado do coração, trazendo as figuras de meu pai e de meu marido: caloura ainda da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, nos idos de 67, anos de chumbo da ditadura, participei como ouvinte atenta dos acontecimentos relacionados à eleição para o Reitorado da UFBA em decorrência da vacância pela morte prematura e inesperada do Magnífico Reitor Miguel Calmon. Meu pai, Zitelmann de Oliva, era o chefe de gabinete de Dr. Miguel em um dos momentos mais extraordinários e gratificantes da sua vida profissional. Com seu temperamento apaixonado e leal a seus afetos, gozava da confiança e amizade do chefe que, no papel de líder acadêmico, lhe delegou a governança da Universidade. Com o desaparecimento de Dr. Miguel, assumiu, de fato e com a coragem e decisão de sempre, a liderança da Universidade Federal e não titubeou em compor a lista para a sucessão com nomes que ele sabia poderiam dar continuidade e avançar no

projeto de fortalecimento e renovação da Universidade, mantendo o compromisso com a sua origem desde o Reitorado de Edgard Santos. A lista, portanto, tinha os nomes de Roberto Santos, Orlando Gomes e Hernani Sobral, cada um deles representando o que de melhor havia no seio da academia. Dr. Roberto, o mais novo deles, de quem meu pai dizia ser um sábio que disfarça a sabedoria, foi eleito e presenciei a alegria e entusiasmo de Zitelmann por ver na sólida formação intelectual e na vocação acadêmica do escolhido as características fundamentais para exercício do cargo, além de pressentir a capacidade gestora, inovadora e aberta tão necessárias para o florescimento de idéias.

A outra lembrança do coração vem por Marcílio, meu marido e companheiro de vida. Quando nos conhecemos, ele era auxiliar de ensino na Faculdade de Medicina da UFBA na Segunda Clínica Médica, cuja chefia havia sido exercida por Dr. Roberto. O laboratório de pesquisa –NUMEX- criado por este, era um centro de produção de conhecimento e atraía aqueles jovens, como Marcílio, interessados no desenvolvimento da ciência médica, devotados à vida acadêmica. Desde que nos conhecemos, e este foi um aspecto que muito me atraiu, ele demonstrava seu temperamento inquieto intelectualmente, curioso, criativo, dotado do que hoje se conhece como pensamento divergente. Já noivos, Marcílio se preparava para aperfeiçoar-se em centros mais avançados, Dr. Roberto fora sempre um incentivador e mais que isso, apresentou e recomendou Marcílio a Dr. Alexander Leaf, Jackson Professor of Medicine e chefe do setor de Nefrologia do mundialmente reconhecido Massachusetts General Hospital, afiliado à Harvard University. Dr. Leaf e Dr. Roberto haviam trabalhado juntos e construíram uma sólida amizade que extrapolou os limites da produção acadêmica, nutrida pela admiração e respeito mútuos.

A partir deste contato, Dr. Leaf fez o convite para Marcilio ser Research Fellow e trabalhar no seu laboratório, o que se configurou como uma experiência fundante não só na formação como no desenrolar da sua vida profissional. O convite chegou quando tínhamos um ano de casados e um filho, Daniel, recém-nascido. Eu estava no último ano do curso de Pedagogia da recém-criada Faculdade de Educação, resultado da Reforma Universitária conduzida por Dr. Roberto. Como integrante da última turma do curso de Pedagogia ainda na FFCL, pude optar entre o currículo antigo ou o novo com as novas habilitações. Minha pretensão era ensinar, portanto optei pelo currículo antigo com a licenciatura. Faltava-me, então, apenas um semestre para licenciar-me, todos os cursos teóricos haviam sido cumpridos, restava o estágio docente. Como Marcilio tinha que se apresentar imediatamente e por sequer cogitarmos em iniciar este período separados, solicitei à Coordenação da Faculdade, na pessoa da ilustre Professora Leda Jesuino, uma declaração anexa ao meu histórico em que se atestasse o término do meu curso, embora sem o licenciamento para ensinar. Anexei cartas de recomendação de alguns professores que destacavam não só o meu rendimento como também a participação em atividades de representação estudantil e de monitoria acadêmica. Pelo que conhecia do sistema educacional americano - havia morado um ano como estudante de intercâmbio em Connecticut - intuía que seriam menos burocráticos e mais atentos ao substantivo do que nós, portanto poderia apresentar-me para estudos de pós-graduação. Mesmo com as responsabilidades relacionadas aos cuidados de um bebê, imaginei que aquela seria uma oportunidade impar para mim e tive todo o apoio de Marcilio. Assim fomos em junho de 1970 para Boston. Ao longo do verão, enquanto nos adaptávamos à nova vida, Marcilio com uma rotina extremamente demandante, visitei várias instituições localizadas

em Boston, cidade conhecida pela qualidade da vida acadêmica. Fui a Boston University, Lesley College e a Harvard Graduate School of Education, esta, por todas as razões, a minha preferida. Deixava o currículo, submetia-me a entrevistas e testes e aguardava a resposta. Quando ela chegou, confesso que me surpreendi: havia sido aceita pela última na categoria de Aluna especial para o Mestrado em Educação. Fiz o primeiro semestre e encantei-me com o que estudava e com as possibilidades que se abriam. Elegi, racional e afetivamente a área de educação infantil como área de concentração. Racionalmente pois naquela época, início dos anos 70, estava sendo feita a primeira avaliação nacional do Programa Head Start que havia sido criado pelo governo federal americano como suplemento ao ensino das primeiras séries para crianças que não tinham sucesso na escola. Estávamos em plena época da teoria de carência cultural, abordagem teórica que surgiu em consequência dos movimentos anti-segregacionistas da década de 60 que tinham como um dos seus objetivos a integração racial nas escolas públicas. O sistema escolar nos Estados Unidos é organizado e financiado localmente e a qualidade das escolas é diretamente proporcional à renda dos municípios e da participação da comunidade. Como os grupos mais pobres eram formados por negros e moravam nos centros das grandes cidades, as escolas que eles freqüentavam não tinham as mesmas condições que as localizadas nos subúrbios afluentes e com população branca. Como resultado do movimento integracionista as crianças das cidades eram levadas de ônibus para as escolas dos subúrbios. Apesar do enorme valor simbólico desta medida, ela se mostrou pouco eficaz, pois era impossível fazer isto com toda a população. Como o fracasso dos menos privilegiados tende a ser explicado culpabilizando as vítimas, lá como cá, a resposta às exigências de melhores escolas para os pobres, negros majoritariamente, veio não pela mudança da

escola, mas pela explicação de que essas crianças eram carentes culturais e precisavam de um programa de enriquecimento cultural, lingüístico e nutricional e assim formatou-se o Head Start. Por ser um investimento alto do governo federal e uma aposta de que poderia ser a solução para o baixo desempenho das crianças foi concebido como experimental e submetido à avaliação. Os resultados não foram os esperados e houve uma indicação de que era necessário intervir precocemente, este resultado impulsionou os estudos e pesquisas com a primeira infância, área que vinha crescendo devido ao tardio reconhecimento dos trabalhos de Piaget que inspirava estudiosos como Jerome Bruner, professor de Psicologia Cognitiva na Harvard. Os debates na Harvard Graduate School of Education eram intensos e instigantes, a perspectiva de ser aluna de Bruner, de Lawrence Kohlberg, que desenvolveu os estudos sobre o Desenvolvimento Moral nas crianças e de Burton White, coordenador de pesquisa abrangente sobre o desenvolvimento social das crianças de 0 a 3 anos foram os principais motivos da minha escolha racional pela primeira infância. Do lado afetivo havia o fato de ser mãe de Daniel, primeiro filho, longe da família e dos modelos de maternagem conhecidos, com 22 anos e querendo cumprir bem o meu papel de mãe. Assim, mergulhei fundo nos estudos e foi uma experiência fascinante. Ao término do semestre, tendo alcançado bons resultados, fui convidada para cursar regularmente o Mestrado. Conversando com Marcilio, vimo-nos diante de um impasse: o curso era muito caro para nós que contávamos apenas com a bolsa de estudos dele. Vendo que todo o esforço de ser aceita e poder cursar em uma instituição do porte da Harvard poderia ser perdido, escrevemos para Dr. Roberto, à época ainda Reitor da Universidade. Ele imediatamente respondeu relatando que escrevera para a Ford Foundation expondo a minha situação e me informando que

deveria escrever para o Institute of International Education, ligado àquela Fundação para submeter-me a seleção para bolsas. Assim o fiz, anexando o resultado das disciplinas cursadas como aluna especial e uma declaração do professor Burton White. O resultado foi positivo, recebi a bolsa que cobria os custos de matrícula e mensalidade, permitindo que desse continuidade ao meu projeto de estudos.

Assim, posso dizer que Dr. Roberto teve participação fundamental não só na formação profissional de Marcilio como também na minha.

Na minha trajetória profissional, já na Bahia, voltei a gozar da proximidade com ele, primeiro quando governou o Estado nos idos de 1975 a 1979, época de muitas realizações e crescimento para o Estado. Ivete Oliveira,

que havia sido Diretora da Escola de Enfermagem e Pró Reitora durante o Reitorado de Dr. Roberto, fora por ele chamada para ocupar a Secretaria do Trabalho e Bem Estar Social. Mulher dinâmica e realizadora, Ivete imprimiu um ritmo intenso de trabalho na Secretaria. Como integrante do que ficou identificado na Universidade como o grupo de Dr. Roberto, ela e Marcilio se conheciam muito e também conhecia meus pais. Durante uma viagem acadêmica aos Estados Unidos, quando ainda estávamos lá, ela nos visitou. Muito interessada por tudo que dizia respeito a estudos e pesquisas, mesmo que não fosse na sua área profissional, perguntou-me sobre meus trabalhos e minhas impressões do curso. Na época comentei sobre um projeto que havia feito junto com Iara Della Senta- colega brasileira que veio a ser grande amiga e comadre- para a conclusão de uma disciplina cujo tema era o planejamento de um Centro de Pais e Filhos para o Nordeste de Amaralina. A idéia era de um centro que fosse uma âncora comunitária onde houvesse creche, pré-

escola, atividades no contra-turno para as crianças maiores e atividades para as famílias, inclusive com a possibilidade de geração de renda. Ao assumir a Secretaria, Ivete encontrou um programa nacional recém lançado para a área social: os Centros Sociais Urbanos, com recursos federais e com a proposta de se constituírem em locais de encontro e prestação de serviços para a população. Imediatamente lembrou-se da nossa conversa, chamou-me para uma entrevista e convidou-me a integrar a sua assessoria com a responsabilidade de elaborar o projeto dos Centros Sociais Urbanos para a Bahia. Foi um convite irrecusável: era a oportunidade de trazer para a prática muito do que tinha aprendido e do que tinha sonhado com um impacto na sociedade. Nesta época estava na coordenação da educação infantil da Escola Pan Americana já há dois anos, desde a volta dos Estados Unidos, e muito feliz com o trabalho. A Escola tinha acabado de se mudar para Patamares, um projeto arquitetônico arrojado que correspondia a uma proposta pedagógica de escola aberta. Fora convidada pelo diretor que havia assumido com a responsabilidade de inovar a proposta e expandir os horizontes da escola. Com muito entusiasmo, com a autonomia necessária, dediquei-me de corpo e alma à tarefa de montar esta nova proposta para a educação infantil. Posso dizer sem sombra de dúvida que minha vida profissional tem se constituído em oportunidades privilegiadas de dar forma a sonhos e idéias assim como de aprender muito. Deixar a Escola, portanto, não foi uma decisão fácil, porém, mesmo dividida, optei pelo desligamento em função da possibilidade de atuar em dimensões mais amplas do social. Assim integrei a equipe da Professora Ivete na elaboração e implementação de um fascinante projeto, inaugurando o meu trabalho no setor público sob a condução política de Dr. Roberto.

Finalmente, mais recentemente, já como integrante e membro fundador da Avante-Educação e Mobilização Social, uma associação que tem como missão conceber e implementar projetos de **educação e mobilização social**, por meio de parcerias estratégicas, da formação e participação em redes, de ações de assessoramento e apoio técnico e do desenvolvimento de tecnologias e processos de intervenção social, voltei a privar da proximidade profissional com Dr. Roberto pois ele integra o nosso Conselho Consultivo e, nesta condição, tem sido uma presença ativa e inspiradora para todos nós.

Feita esta introdução, que se foi longa deve-se a importância da referencia, quero dizer que fico feliz e agradecida a todos que me trouxeram até aqui para ocupar a Cadeira número 30 desta Academia.

Esta cadeira tem como patrono o Padre Luiz Gonzaga Cabral e como predecessores dois outros Luizes que muito brilho a ela conferem: os professores Luiz Augusto Navarro de Brito e Luiz Henrique Dias Tavares, este hoje na condição de membro emérito.

A vinda do Padre Luiz Gonzaga para o Brasil deu-se no contexto de uma segunda expulsão dos jesuítas de Portugal. Nascido em 1 de outubro de

1866, na Foz do Douro, no Porto, foi educado pelos jesuítas desde 1883. Em 1897 ordena-se sacerdote e em seguida passa a lecionar no Colégio Lisboeta de Campolide, tendo sido seu reitor de 1903 a 1908. Em 1908 foi designado Provincial da Companhia de Jesus, em Portugal e nesta condição viu a expulsão dos jesuítas deste país em outubro de 1910, quando da proclamação da República. Assim, pela segunda vez, a Ordem sofria um revés, desta vez de alcance limitado ao país sede, em

comparação com a primeira a mando do Marquês de Pombal, pouco mais de um século atrás.

Exilou-se primeiro na Bélgica e de lá escreveu e publicou o livro *Passado um Ano de exílio, Carta aos padres e irmãos da Província Lusitana*. Nele faz referencia às perseguições sofridas pela Ordem ao mesmo tempo em que afirma o modelo evangelizador jesuítico e seu profundo sentimento de fidelidade à Ordem. Já ai se revela a força de ânimo, a fê inabalável e a vocação de pregador e educador.

Após o período na Bélgica, em 1917 vem para o Brasil e se estabelece na Bahia onde ensinou Filosofia, Apologética, Língua e Literatura Portuguesa e Latina no Colégio Antonio Vieira. Aqui continuou o trabalho de recuperação da história da Ordem, restabelecendo a figura do padre José de Anchieta como paradigma pelo seu trabalho missionário e intelectual. Grande orador sacro, não abria mão de atribuir ao Marquês de Pombal as características de mesquinhez e despotismo, responsáveis, segundo ele, pela perseguição que resultou na expulsão dos jesuítas do Brasil. Foi uma voz ativa na defesa de seus irmãos de fê, tendo escrito diversos trabalhos sobre a presença dos jesuítas no Brasil.

Sua grande vocação, no entanto, foi a de formador de jovens, tornou-se diretor do Colégio em 1930, permanecendo nesta função até 1933 e ao morrer em 1939, depois de longa enfermidade, era a figura mais popular e querida do Colégio Antonio Vieira. Foram seus alunos, entre outros, Anísio Teixeira e Jorge Amado. O primeiro chegou inclusive a cogitar assumir a vida religiosa como jesuíta, com certeza inspirado na figura do mestre, o que pode ser confirmado pela correspondência trocada pelos dois. Para mim, o fato de Anísio Teixeira, por quem tenho a maior admiração e cuja vida é fonte de permanente inspiração

para todos que militam na área de educação, ter sido influenciado por Padre Luiz Cabral é o atestado do brilho e da densidade das idéias deste religioso por isso, merecedor da minha admiração. Mesmo não tendo se tornado religioso, a veemência e o fervor com que Anísio defendia suas idéias e o compromisso com que encarava o trabalho na perspectiva de transformação da sociedade podem ter sido alimentados na convivência com o seu orientador de juventude. Jorge Amado, em que pese sua distancia da religião e sua militância no partido comunista, também fez referências positivas, revelando-se um discípulo agradecido, segundo alguns dos seus biógrafos.

Já do Professor Luiz Henrique Dias Tavares posso falar de viva voz e com o coração. Títulos, livros publicados, formação acadêmica, presença no cenário cultural, tudo isto ele tem e é do conhecimento de todos: Doutor em História do Brasil, Pós Doutorado pela Universidade de Londres, Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, Professor Honoris Causa da Universidade Estadual da Bahia, Sócio Emérito do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Sócio Emérito do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Sócio Emérito da Academia Portuguesa da História, membro da Academia de Letras da Bahia, Integrante do Conselho Estadual de Cultura, diretor do Arquivo Público em diversas gestões, são alguns deles. Da pequena Nazaré das Farinhas onde nasceu a 25 de janeiro de 1926 chegou a Salvador trazendo na bagagem sinais da sua militância profissional e política posterior e da sua inquietação intelectual. Havia fundado com o colega Clóvis Neiva Naya um jornal, o Parlapatão. Aqui chegando, teve uma experiência no Teatro, participando do Teatro de Estudantes da Bahia –TEB. Ainda estudante do Colégio da Bahia, foi convidado para trabalhar no jornal O Momento, órgão do Partido Comunista Brasileiro, à

época ilegal. É daí que veio o conhecimento com João Batista de Lima e Silva e Alberto Vita, todos militantes e que se tornaram grandes amigos. Jovens idealistas que lutavam não só pela participação do Brasil na guerra contra o nazi-fascismo, mas também pelo fim da ditadura Vargas e pela democratização do país. Mais adiante, em 1958, já professor de Ensino Médio e da Universidade Federal da Bahia, integrou o grupo que fundou o Jornal da Bahia, fruto do desejo de muitos daqueles que haviam militado no Partido Comunista e lutado pela democracia na década de 40, de oferecer à população um jornal independente, insubmisso e inovador na forma. No Jornal da Bahia ele assinava uma seção de crônicas com o título: Cidade, Homens e Bichos. Dessas crônicas saiu o seu primeiro livro de literatura, *Moça sozinha na sala*, apadrinhado por Jorge Amado, seu amigo, que por iniciativa própria, selecionou as que considerava melhores e publicou pela sua editora em São Paulo. Outros livros se seguiram, novelas e peças de teatro.

Da época do Jornal da Bahia guardo muitas lembranças dele, de d. Laurita, sua esposa e dos filhos. Conheci-os ainda menina nas inúmeras reuniões de amigos e correligionários na casa de meus pais: Batista, Ari, Luiz Henrique, Vita, Godofredo Filho, Carvalho Filho, Milton Cayres de Britto, Jorge Amado, James Amado, Calazans Neto, José Calazans, entre outros. Era uma turma animada e os encontros aconteciam em torno de mesa farta, com conversas mais ou menos acaloradas, com novos participantes chegando, todos ligados pelas idéias, pelo desejo de fazer e transformar e pelo clima culturalmente estimulante. O professor Luiz Henrique se destacava para mim pela tranqüilidade, um temperamento afável, suave e discreto.

A estas memórias de infância somou-se o conhecimento na juventude e maturidade do extraordinário trabalho do historiador.

Extraordinário pelo rigor da pesquisa histórica, pela dedicação a temas regionais, no caso história da Bahia e pelo entendimento do papel da história para o presente. Neste particular, cito respostas dadas por eles em diferentes momentos a diferentes entrevistadores: Perguntado se o Movimento de 1798 ainda era pouco estudado, ele respondeu: *ainda não é estudado*. Sabendo que a este tema ele havia se dedicado com afinco, sendo tema do seu concurso para professor e para o Doutorado, a pergunta foi se ele havia esgotado o assunto. A resposta foi: *ainda está aberto*. *Em história não há tema fechado*. E mais: *Todo o livro de história pede o estudo, que o leitor raciocine e abra um horizonte para novas interrogações. Assim como meus trabalhos sobre o 1798 não são a última palavra, todos os temas de história estão permanentemente abertos*.

A idéia do conhecimento como um constructo, como sendo um território de perguntas, questionamentos, muito mais do que de respostas e afirmações, está na base da ciência didática. Pode-se encontrar sua origem na Grécia, com Sócrates e a maiêutica o que é hoje confirmado pelas pesquisas cognitivas e aí temos nomes como Jerome Bruner e Howard Gardner entre outros. Entre os educadores e estudiosos da didática, são muitos os que trabalham para vencer a idéia tão arraigada nas práticas docentes de premiar a resposta certa em detrimento de saber perguntar, começando com nosso Anísio Teixeira, passando por Paulo Freire e para trazer alguns nomes internacionais, cito David Perkins, Phillipe Perrenoud, Delia Lerner. Pelo que ele expressa nas suas respostas e na sua prática, podemos acrescentar a esta relação o nome do Professor Luiz Henrique.

Sua veia de professor se revela mais uma vez quando afirma reescrever muito os seus trabalhos com o objetivo de torná-los mais claros. Segundo ele: “O propósito é que minhas

colocações sejam mais bem entendidas pelos leitores – não só pelos colegas profissionais de história, mas por todos aqueles que se interessam pelos assuntos que abordo.”

A Bahia é um tema permanente na vida e no pensamento do meu predecessor e este é um aspecto que fala muito ao meu coração e à minha curiosidade intelectual. Seus livros *História da Bahia*, com várias edições, e *Independência do Brasil na Bahia*, premiado pela Academia Brasileira de Letras, são obras indispensáveis. Nelas, assim como nas que tratam da chamada *Conjuração Baiana*, cumpre-se o papel do conhecimento histórico: conhecer e analisar o passado para se entender o presente e preparar o futuro. Considero-me uma apaixonada pela cidade do Salvador da Baía de Todos os Santos, aí incluído todo o Recôncavo. História, lutas, tradições, riquezas naturais, belas paisagens convivem com miséria, descaso, atraso, o que enseja a criação de um imaginário ora intrigado - o enigma baiano- ora depreciativo – a indolência baiana, povo festeiro. Ler os seus livros ajuda a entender as origens do nosso atraso e a abandonar estereótipos. Ele nos mostra como a antiga capitania foi produtora de artigos de grande circulação, o fumo, o açúcar, a madeira e nos mostra também como ela não foi capaz de sustentar a riqueza e de caminhar no sentido do desenvolvimento. Ao analisar esta situação ele não hesita em dizer que um dos principais fatores para esse atraso foi a manutenção do trabalho escravo. As consequências da escravidão, ainda segundo ele, permanecem até hoje entre nós propiciando um atraso crônico sentido por todo o país, porém mais aguda e fortemente pela Bahia, o que, de novo, o conhecimento histórico ilumina. Conhecer os fatos da nossa história, compreendendo os contextos em que se deram e suas consequências significa entender a dinâmica da sociedade, as forças que lutam para avançar e para

retroceder, as contradições. Desta forma o conhecimento favorece a construção do pensamento crítico, o desnudamento de preconceitos e, quiçá a formação de pessoas comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa. Sintetizando, posso dizer que quem quiser conhecer a história da Bahia e o lugar que ela ocupa na história do país, há que ler obra do Professor Luiz Henrique.

Por tudo que foi mencionado, afirmo que muito me honra ocupar a Cadeira número 30, sucedendo a este admirado professor.

Finalmente, preciso afirmar minha alegria por ser recebida nesta Academia e agradeço a generosa acolhida. Espero, com convicção e humildade com ela contribuir, junto a tão ilustres companhias, para a causa da educação.

Neste momento, preciso também agradecer, lembrar e louvar a tantos que contribuíram para que eu aqui chegasse.

Em primeiro lugar, uma referencia a meus pais –Zitelmann e Lygia – ele já não mais entre nós, responsáveis pela criação do ambiente afetivamente rico, intelectualmente estimulante, fundado nos valores do trabalho, da honradez, da justiça e da solidariedade. Com eles aprendi que a vida é curta e é para ser vivida intensa e dignamente, que temos que fazer o melhor sempre, que a nossa medida será dada pelo que fizemos para deixar o mundo melhor. Que vale a pena nos indignarmos e que a família e os amigos são o bem maior. Com os irmãos aprendi a conviver com as primeiras diferenças e a saber lidar com elas em um contexto amoroso. As primeiras disputas, os primeiros embates ao lado de muito companheirismo e do sentimento de identidade construída. Hoje, maduros, junto aos companheiros escolhidos, filhos e netos formamos uma comunidade

participativa, vibrante e mantendo o afeto, mesmo quando há divergências.

Marcilio, meu companheiro de vida, com quem tanto empreendi, parceiro na realização de sonhos. Um incentivador permanente, sempre apoiando minhas atividades profissionais, e para mim exemplo de professor, de acadêmico e de pesquisador. Pai presente de nossos cinco filhos, mesmo com todas as demandas profissionais, nunca se omitiu do papel de guia e orientador, de incentivador da formação acadêmica, estimulando os vãos de cada um, seja para viagens de intercâmbio quando adolescentes, seja nos cursos de graduação e de pós-graduação.

Mestres tive muitos, daqui da Academia quero lembrar D. Leda Jesuino, diretora da Faculdade no meu último período como estudante. Zilma Parente de Barros que me convidou para fazer parte da sua equipe quando foi chamada pelo Ministro Eduardo Portella para ser Secretária do Ensino de 1 e 2 Graus. Naquele momento eu era professora da disciplina de Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, satisfeita com a docência, porém nem tanto com o ambiente da UnB ainda muito autoritário e com resquícios dos tempos negros de perseguição. O convite chegou e graças a ele, integrei a equipe da Coordenação do Pré-Escolar, nos momentos iniciais do entendimento da responsabilidade da União para com este segmento, e em um Ministério em que já se respirava os ares da distensão e da abertura. Foi uma época de muito trabalho, muitos embates, verdadeira militância. Lá conheci uma pessoa admirável a quem muito se deve das conquistas em educação infantil. Stela Napolini, grande companheira, grande mulher que nos deixou prematuramente. Ainda na Academia, Edivaldo Boaventura, amigo de meus pais, amigo nosso, tem uma parcela significativa de responsabilidade

no lançamento do livro que organizei em memória de meu pai – *Um livro para Zitelmann*. Insistiu, colaborou na coleta de material, ajudou a dar forma, agradeço muito a sua perseverança e seu apoio.

Ao longo da minha trajetória profissional tive grandes companheiros com os quais compartilhei idéias e ideais e muito aprendi: ainda no Ministério, agora na Secretaria de Ensino Superior, sob a liderança de Tarcisio Della Senta, com Marilu e Gilberto Medeiros, coordenadora e Sub-Secretário respectivamente, ocasião em que coordenei o Programa de Integração da Universidade com o 1 Grau. Uma bela oportunidade de aproximação entre a Academia e o cotidiano do ensino básico, proporcionando grandes encontros e apontando perspectivas de solução, colocando a prática docente das séries iniciais e a situação concreta das escolas como objeto de reflexão dos cursos de formação na Universidade. Fora do MEC, como consultores do Programa ou coordenadores de projetos tive a felicidade de conviver com Maria Rita Dantas, Lucia Lins Browne Rego, Terezinha Nunes, Antonio Carlos Caruso Ronca, Regina Zilbermann, Ana Mae Barbosa, José Clemente Pozzenato entre outros. Nos encontros de avaliação e nas produções que deles resultaram muito contribuíram para o avanço das práticas.

Já de volta a Salvador, integrei a equipe de Eliana Kértész na Secretaria Municipal de Educação, onde estive na Coordenação de Programas de Ensino. Reputo como das experiências mais enriquecedoras e demandantes que tive. De novo, a possibilidade de trazer para a realidade concreta tantas idéias e experiências inovadoras que havia visto no Programa de Integração. A educação pública municipal de Salvador naquela época era quase uma ficção, e com certeza mais para conto de terror do que para conto de fada. Diante do cenário, tudo estava por fazer e uma

pequena e valente equipe, “não sabendo que era impossível, foi lá e fez.” Valentes e corajosas mulheres: Eliana, Lucia Carvalho, Ieda Santana, Maria Helena Silva, Janete Lima, Angela Gordilho Barbosa, Ana Brasileiro, Kadja Guedes, entre outras.

Neste painel não pode faltar o meu trabalho dos últimos 20 anos: a Avante-Educação e Mobilização Social, organização não governamental, constituída como associação, da qual sou uma das associadas fundadoras. Ela é a tradução de sonho e de ideal, e como já dizia Raul Seixas, sonho que se sonha só é só um sonho e sonho que se sonha junto é realidade, a Avante é fruto de um sonho coletivo. Quero agradecer especialmente a estes meus companheiros de sonhos e lutas pelo apoio e pelas aprendizagens cotidianas.

Finalmente, caro Presidente José Rogério Vargens, peço licença para mencionar o que considero a minha fonte de energia e de esperança: os meus filhos Daniel, Pedro, Matheus, Izabel e Ana. Acompanhar a trajetória de cada um, me faz repetir como o poeta libanês Gibran Khalil Gibran :

“Vossos filhos não são vossos filhos.
São os filhos e as filhas da ânsia da vida por si mesma.
Vêm através de vós, mas não de vós.
E embora vivam convosco, não vos pertencem.
Podeis outorgar-lhes vosso amor, mas não vossos pensamentos,
Porque eles têm seus próprios pensamentos.
Podeis abrigar seus corpos, mas não suas almas;
Pois suas almas moram na mansão do amanhã,
Que vós não podeis visitar nem mesmo em sonho.
Podeis esforçar-vos por ser como eles, mas não procureis fazê-los
como vós,
Porque a vida não anda para trás e não se demora com os dias

passados.

Vós sois os arcos dos quais vossos filhos são arremessados como flechas vivas.

O arqueiro mira o alvo na senda do infinito e vos estica com toda a sua força

Para que suas flechas se projetem, rápidas e para longe.

Que vosso encurvamento na mão do arqueiro seja vossa alegria:

Pois assim como ele ama a flecha que voa,

Ama também o arco que permanece estável.”

Ao círculo que eles formam, se juntaram Silvana, Patricia e Nina, companheiras amorosas enriquecendo, animando e colorindo o grupo familiar.

Para encerrar, não posso deixar de fazer referencia a uma grata convergência: na esfera profissional me vejo de volta, com intensidade e paixão ao trabalho com a primeira infância na condição de Coordenadora da Secretaria Executiva da Rede Nacional Primeira Infancia e na vida pessoal, sou abençoada pela existência de cinco maravilhosos pequenos grandes homens, meus netos: Rafael, Pedro, Gustavo, Lucas e Thiago.

Pela causa e por eles, encerro a minha oração com um poema de Gianni Rodari, artista, filósofo e professor, encantado pela infancia:

O homem da orelha verde

Um dia num campo de ovelhas

Vi um homem de verdes orelhas

Ele era bem velho, bastante idade tinha

Só sua orelha ficara verdinha

Sentei-me então ao seu lado

A fim de ver melhor, com cuidado

Senhor, desculpe minha ousadia, mas na sua idade

De uma orelha tão verde qual a utilidade?
Ele me disse, já sou velho, mas veja que coisa linda
De um menino tenho a orelha ainda
É uma orelha-criança que me ajuda a compreender
O que os grandes não querem mais entender
Ouço a voz de pedras e passarinhos
Nuvens passando, cascatas, riachinhos
Das conversas de crianças, obscuras ao adulto
Compreendo sem dificuldades o sentido oculto
Foi o que o homem de verdes orelhas
Me disse no campo de ovelhas

Muito obrigada!

DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

Maria José Pacheco de Andrade Costa

4/5/2011

*Exmo. Prof. José Rogério da Costa Vargens, M.D. Presidente da Academia Baiana de Educação.

*Exma Sra. Profa. Leda Jesuíno dos Santos, M.D. Presidente de Honra deste sodalício.

*Exmo. Prof. Acadêmico Dr. Roberto Figueira Santos, Membro Titular e ex-Presidente desta Academia Baiana de Educação.

*Exma. Sra. Secretária desta Academia, Profa. Acadêmica Rosa Levita.

*Exma. Profa. Anaci Bispo Paim, M.D. Presidente da Academia de Educação de Feira de Santana.

*Exma. Profa. Acadêmica Maria Anália Costa Moura, minha madrinha de honra nesta Academia.

*Autoridades aqui presentes ou representadas.

*Senhores Acadêmicos e Acadêmicas.

*Senhores e Senhoras Convidados.

De minha alma, mente e coração fluem sentimentos e pensamentos que envolvem meu ser em um fluxo de

emoções transbordantes da consciência de que é imprescindível compartilharmos, doando-nos, através da disponibilidade espontânea da solidariedade, em atendimento aos nossos deveres essenciais.

Confesso-lhes que, ao iniciar este excepcional encontro, sinto-me tocada por uma inspiração nobre, bela e útil: Invocar a DEUS, o nosso DEUS Onipotente e Onisciente!

*“Senhor, enchei os nossos corações de PAZ e AMOR!
Iluminai a nossa mente e o nosso espírito.*

Abençoaí todos que a esta CASA acorreram.

Esta CASA que abriga a Academia Baiana de Educação, fundada em 09 de setembro de 1982, cujo lema é: LUCEAT LUX VESTRA (Luza Vossa Luz), termo latino, inspirado na Escritura Bíblica: “Que a sua luz brilhe diante dos homens, que eles possam ver as suas boas ações e louvar ao Pai no Céu.” Matheus, 5:16

Bendito seja o Vosso Nome.

Assim seja!”

Consciente da relevante honraria que me está sendo conferida, nesta excelsa noite, honraria emergente da decisão dos ilustres pares, Confrades e Confreiras, cumpre-me o dever de, em ato declarativo, firmar sincero agradecimento a todos que me aceitam, no ser que eu sou. Aos Acadêmicos, o penhor de minha amizade, admiração afetiva.

Na verdade, no refúgio misterioso do meu espírito, deixo-me, agora, invadir pelo sentimento de sublimação da grandiosa beleza materializada no som do magnífico concerto de BRANDENBURGO, sob a autoria do magistral alemão compositor Johann Sabastian Bach.

Neste inaugurar de noite outonal, onde as folhas das árvores caem, na expectativa de dias frios que advirão, ingresso nesta abençoada Casa - Fundação João Fernandes da Cunha, cuja gênese se define no supremo sonho emanado e construído pela fidelidade, coragem e persistência da grandeza do homem empreendedor, educador magistral Professor João Fernandes da Cunha, onde se localiza a Academia Baiana de Educação. Sinto-me revestida de pensamentos, sentimentos e emoções que

emergem do vislumbre de um recém-despertar de consciência no sentido de novos e complexos objetivos a serem realizados em um renovado projeto de viver. Neste singular momento, idéias nascem, buscando florescimento, conforme a conquista de vivências pessoais, interpessoais e profissionais, confirmadas pelos ideais que se traduzem no singular congraçamento que se efetiva na interação dialógica.

PATRONO: Prof. João Alves Portela

Cumpre-me referenciar o uso estabelecido por esta Academia Baiana de Educação, dirigindo a atenção àqueles que foram os detentores da cadeira no. 25, a exemplo O PATRONO desta cadeira, Professor João Alves Portela, na qual tomo assento, nesta memorável noite.

Rememorando a história da educação, na Bahia, convém-me fazer referência à organização do sistema provincial de ensino.

Pelo Ato Adicional de 1834 (Lei Geral nº 16, de 12 de agosto de 1834), foram instituídas as Assembléias Legislativas Provinciais, responsáveis, desde então, pelo ensino elementar e secundário em cada província. A Lei Provincial nº 37, de 14 de abril, instituiu a Escola Normal a fim de que formasse mestres.

Registrar o nome do Professor João Alves Portela, naturalmente nos conduz a rememorar a história do Instituto Normal da Bahia, instituição responsável pela formação de professores para desempenho, no denominado à época, Curso Elementar, cuja preparação para o exercício da função justificou ter sido o Prof. João Alves Portela enviado para a França, na 3ª década do séc. XIX, junto ao Prof. Manuel Correia Garcia, com o objetivo de se graduarem na Escola Normal de Paris e, assim, voltarem habilitados em Métodos de Ensino Mútuo e Simultâneo. A grande razão era a organização da Escola Normal, em 1836.

O Prof. JOÃO ALVES PORTELA tornou-se Diretor da Escola Normal, a qual, naquela época, funcionava na antiga Rua do

Colégio, dividido o seu funcionamento em dois turnos: um para homens e outro só para mulheres.

A Escola Normal da Bahia passou a denominar-se Instituto Central de Educação Isaías Alves, no ano de 1968.

1º. OCUPANTE: Prof. Cícero Pessoa da Silva

O 1º ocupante da Cadeira no. 25 e meu antecessor foi o inesquecível, brilhante e, por excelência, PROFESSOR e EDUCADOR dos nossos tempos, nos séculos XX e 1ª década do século XXI, **CÍCERO PESSOA**. A ele, dirijo o meu panegírico, com entusiasmo e louvor.

O Prof. Acadêmico **CÍCERO PESSOA DA SILVA**, filho caçula do Sr. Arquimedes Pessoa da Silva e da Sra. Elibia Margarida Pessoa da Silva, mais conhecido como Cícero Pessoa, nasceu em Salvador, capital do Estado da Bahia, em 15 de maio de 1922 e faleceu em 14 de maio de 2010. Viveu, portanto, 88 anos, dos quais mais de sete décadas foram, ativamente, dedicadas à EDUCAÇÃO na Bahia.

Inicialmente, desenvolveu estudos na área do Direito e Ciências Sociais pela Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, contudo, ao entrar em contato com a carreira de magistério, abdicou-se das outras, dedicando-se, plenamente, aos estudos e ao ensino da Língua Portuguesa, com abrangência à Literatura e Gramática. Notabilizou-se, sobretudo e principalmente em 1954, quando fora aclamado como aprovado em 1º.lugar em um concurso para Professor Catedrático da Língua Portuguesa, composta a banca examinadora por mestres renomados, na área profissional específica, da Bahia e de outros Estados brasileiros.

Seus estudos foram realizados, inicialmente, no Colégio Liceu Salesiano e, posteriormente, no conceituado Colégio Estadual da Bahia (Colégio da Bahia), passando, mais tarde, passaria a ensinar, dentre outros, no Liceu Salesiano, Colégio da Bahia, Colégio Sofia Costa Pinto, Colégio Coelho Neto, Colégio Santo Antonio, do qual fora fundador e Diretor, Colégio Antonio

Vieira, Instituto Normal da Bahia,(hoje ICEIA), Instituto Social da Bahia e Colégio Maristas.

Deslocando-se da capital da Bahia, atuou, como professor, em cursos da CADES, em municípios baianos: em Ituaçu, Itabuna, Vitória da Conquista, e Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Exerceu o cargo de Diretor do Instituto Central de Educação Isaias Alves, (ICEIA), por algumas gestões, nunca, porém, afastando-se da sua paixão: a **docência**.

Sua atração pela literatura e artes o motivou a produzir várias obras literárias e teatrais, participando das mesmas também como ator. Entre outros sucessos no teatro, aqui enumeramos: *A Estrada*, *A Estátua viva*, *A Comédia das Mulheres*, *O Carcaça*, *Pax Vobiscum*, *Viva Satanás* (comédia), na década de 50.

Aos 18 anos de idade, conheceu aquela que viria, seis anos depois, a ser a sua esposa, intensamente amada e idolatrada, a Sra. Helena Pessoa, a grande paixão de sua vida, com quem tivera 11 filhos,(09 mulheres e 02 homens). Estes filhos lhe deram 14 netos e 03 bisnetos. Neste momento, nomeio os filhos nascidos, por ordem decrescente, pedindo-lhes a fineza de levantarem aqueles que, por ventura, estejam presentes a esta solenidade: Elibia, Selma, Márcia, Marcos, Sônia, Marília, Teresa. Roberto, Rosângela, Maria Auxiliadora e Mônica.

Grata a todos vocês constituintes da felicidade da família Pessoa Silva.

O Prof. Cícero Pessoa fora, ainda criança, gradativamente, influenciado pelo seu avô materno, no que diz respeito à EDUCAÇÃO, desde que sua mãe, então viúva, voltara a morar com o seu pai. Tendo perdido seu pai quando ainda muito criança, teve uma infância calcada de dificuldades financeiras, faltando-lhe mesmo os meios para comprar os seus livros escolares, porém, a dificuldade era vencida através de soluções inteligentes de Cícero como a de utilizar ar papel de embrulho, construindo cadernos para suas anotações de todas as aulas, visando cumprir seus deveres de estudante.

A vida de Cícero Pessoa, o 1º. e único ocupante titular da Cadeira no. 25 deste notório sodalício, e, repetindo as palavras do ilustre Confrade, Dr. Edivaldo Boaventura, ***“este sodalício é o encontro pela prática da convivência para a construção e disseminação do conhecimento”***, contribuiu, sem sombra de dúvidas, para a formação de centenas ou mesmo milhares de cidadãos baianos, através não só do seu profícuo trabalho como também do seu exemplo de CIDADÃO e MESTRE. MESTRE, portador de perfil marcado pela responsabilidade, ética, sabedoria e atualizada cultura, simplicidade, competência, humildade, sensibilidade, senso de justiça, integridade moral, compromisso e lucidez ao que se alinham conteúdos e procedimentos pedagógicos, a valorização da amizade, na interação com os colegas que se converteram em grandes amigos e com os alunos, no binômio professor-aluno, relações eivadas de compreensão, de carinho e expressivo amor.

Na qualidade de prorecto mestre, ainda exerceu a função de Presidente do Conselho de Técnicos do Colégio Anchieta, amado e respeitado por todos que o circundavam, sendo este seu cargo considerado vitalício.

Sua vocação para as lides educacionais nunca o abandonara, pois, havia decidido trilhar os caminhos da EDUCAÇÃO, caminhos estes tortuosos, estreitos, mas, às vezes, assemelhando-se a um campo verdejante anunciador de esperanças. Nas suas horas de lazer, não dispensava a leitura de seletivos livros, transformando os temas em compartilhamento em horas de edificante convívio com seus filhos, netos e demais parentes e amigos e descendentes, principalmente, depois da partida da sua companheira esposa tão amada. À ela, dedicou-lhe um poema de sua autoria, em 20.02.1943, cujo título é

Os Cabelos de Helena

Como são belos os teus cabelos,

Emoldurando a tua fonte grega!

Como são belos os teus cabelos

Negro, como a noite negra

Sonhos, mistérios... Quisera vê-los

Sempre negros na cabeça tua...

Sofro ao pensar que teus cabelos

Serão brancos como a luz da lua...

Quantos sonhos na tua mocidade!

Orgulham-te os cabelos negros?

Um dia, bem brancos, oh grande pena!

Quando os anos mudarem a tua idade,

E cansarem os teus olhos negros,

Alguém te dirá: Vovó Helena!

Parafraseando a sua neta, Liane, o Professor Acadêmico Cícero Pessoa era um ser humano sempre disposto a aprender e ensinar. ENSINAR, amando! AMAR, ensinando! Para ele, o mais importante e expressivo verbo da língua portuguesa era o verbo AMAR, na sua concepção essencial. Amar a família, seus discípulos, seus amigos e companheiros de vida, os professores e funcionários das escolas nas quais exerceu o magistério, seus Confrades e Confreiras! AMAR a natureza! AMAR a VIDA! AMAR JESUS! AMAR DEUS, o sublime criador de tudo e de todos! “*Navegar é preciso*”... dizia ele. E os Natais? “*Como maravilhoso era vê-lo feliz com toda a sua família reunida... sem dispensar o seu discurso e ensinamentos sobre a vida de JESUS, a Sua vinda ao* Pessoa:” *para educar é preciso cativar, e para cativar é indispensável o conhecimento, é indispensável a sabedoria, e, acima de tudo, a educação com humor*”.

Confrades e Confreiras! Falar a respeito do Prof. Cícero Pessoa significa falar de uma referência educacional e cultural da Bahia, do Brasil.

Em 1981, aos 59 anos de idade, ele participou da fundação do Colégio Anchieta, relata-nos, mais uma vez, Liane, dirigindo-o, brilhantemente, fiel aos ideais que nutriam sua inteligência, alma, vocação e pleno

amor pela Educação. Sua história de vida é um hino dedicado à formação de gerações e gerações!

No âmbito de sua vida particular, tinha como “hobby” colecionar selos, vinhos e moedas, mas a sua grande devoção era ser um veemente torcedor do Esporte Clube Bahia, do qual se tornara Conselheiro, no seu quadro social.

A ação educacional preenchia seus anseios de realização. Quis o destino preservar-me a distinção em explanar e exaltar os méritos de sua vida como construção monumental, Prof. e Acadêmico CÍCERO PESSOA DA SILVA!

Eu, quando adolescente, residia no mesmo bairro de Cícero Pessoa, um bairro simples e tradicional, situado no centro histórico desta Capital da Bahia: o bairro de Santo Antonio. Morava eu, na esquina do Barbalho, mais exatamente, na Rua Siqueira Campos, no. 65, bem em frente ao Instituto Normal da Bahia, atual Instituto Central de Educação Isaias Alves. Assim, me permitiu a vida ver o Professor Cícero Pessoa percorrendo, diariamente, aquela rua, sempre portando livros embaixo do braço, lentamente, caminhando em direção à nossa escola. Flui à minha mente lembrança esta lembrança incentivadora de renovação de ideais.

A sua recepção ao estabelecimento de ensino se fazia por merecer, pois era sempre bem-vindo e aclamado por todos que lá se encontravam.

Outrossim, cumpre-me a honra por ter sido eleita pelos Confrades e Confreiras, exatamente, para o assento no. 25, ao qual fora integrado o inesquecível, enaltecido e louvado Prof. Cícero Pessoa da Silva. Seria o destino o responsável pela decisão referente à escolha do meu nome para sucedê-lo na Cadeira nº 25? Eu, que na essência da palavra, fui e sou professora/educadora de várias gerações, exercendo, também, minha profissão com vívido e devotado amor.

Enfim, “ *a Academia segue o ciclo vital da frágil existência humana*”, como disse o nosso eminente Confrade Dr. Edivaldo Boaventura.

Prof. Cícero Pessoa, descanse em muita PAZ, na glória do nosso SENHOR DEUS!

Senhores e Senhoras,

Repetindo, mais uma vez, as palavras do Acadêmico Emérito Prof. Edivaldo Boaventura, “*Academia é honraria, mas é também serviço, que pede assiduidade, trabalho e produção... Não ceda aqui a tentação do repouso previdenciário...*”, abordaremos, de forma sintética, as minhas vivências na seara da Educação.

Educar vem do Latim “educare”, por sua vez ligada a “educere”, verbo composto do prefixo “ex” (fora) + “ducere” (conduzir, levar) que, literalmente, significa “conduzir para fora”, desvelando o potencial dos aprendizes de modo a preparar o indivíduo para o mundo, garantindo-lhe a realização.

Trata-se de um aprendizado que, na qualidade de instrução educativa, deve-se dar na interação do aluno com o professor, em suas devidas mediações, com vistas ao exercício da cidadania plena e ativa.

Ao EDUCAR, pratica-se o testemunho do dever de cidadania.

Kant dizia:” Como, então, buscar a perfeição? Onde fica a nossa esperança? Na EDUCAÇÃO e nada mais”

Pesquisando “Fontes para o Estudo da Educação”, editado pela UNEB, de autoria de LUIS HENRIQUE DIAS TAVARES, também Membro Acadêmico e Emérito desta Academia identifiquei-me com o registro: **“ Penso que devo salientar 4 situações na história deste livro. Primeiro a sua concepção, toda ela gerada pela inteligência criadora do maior pensador da EDUCAÇÃO brasileira naquele século XX, Anísio Spínola Teixeira, a quem se deve o título de criador de bibliotecas de educação e de centros de documentação da memória da educação em nosso país”.**

E na sua Introdução de Texto, revisto em 2000, o autor diz:

“Tudo o que se tem escrito até agora sobre a história da Educação entre nós é trabalho individual, incompleto, que alcança o conjunto do país, no tempo e no espaço”.

Nos primórdios da colonização portuguesa, a Educação, na Bahia, esteve subordinada ao sistema jesuítico, a princípio com a finalidade de catequese, ampliando-se, depois, com a participação de padres Carmelitas, Franciscanos, Beneditinos e padres Seculares.

A partir de 1759, a Bahia viveu 5 fases no que diz respeito à Educação. A primeira fase, chamada de Pombalina, com a criação e nomeação de professores leigos para o ensino de Latim, Grego, Retórica e até Geometria.

A segunda fase, de 1835 a 1860, foi estruturada pelos ensinos primário, secundário e normal. Houve, então, a predominância de colégios particulares, na grande parte do século XIX, e de ensino secundário.

A terceira fase, a Republicana, começou em fins de 1889, instituindo-se o ensino leigo e obrigatório, seguido pela reforma de Sátiro Dias, em 1895, o Patrono da cadeira no. 40 desta nossa Academia.

A quarta fase é a da reforma de 1925, lei orgânica responsável pelas linhas gerais do sistema educacional baiano.

A quinta e última fase, com 2 etapas: a 1ª etapa referiu-se à revolução de 1930, criando-se a Secretaria de Educação e Saúde. Assim, a 2ª etapa marcou-se pelo centralismo autoritário do Estado Novo. O Patrono da cadeira n. 08, nesta Academia, o Imortal Anísio Spinola Teixeira, na Secretaria de Educação e Saúde do Governo de Dr. Otávio Mangabeira (1947-1951) sugere o capítulo

da Educação na Constituição Estadual. Assim, o Dr. Anísio Teixeira, em 1949, como Secretário de Estado, acentuava “*a situação pouco satisfatória*” dos serviços educacionais do Estado, lamentando a ineficiência da Assembléia Legislativa no que concerne à instauração do movimento de reformas que se impunham. Defendeu Dr. Anísio Teixeira, entre as mais mantes de decisivas reformas centradas na qualidade da educação pública, as Atividades das Instituições Culturais: a Superintendência de Educação e Música, o Museu do Estado e a Biblioteca Pública (IGHBa).

Acreditemos, pois, Senhores e Senhoras, Confrades e Confreiras, no poder transformador do processo educacional.

Descerrando horizontes de um novo tempo, no vislumbre de uma educação re-conceituada e comprometida com práticas inovadoras, foi sancionada, em 20 de dezembro de 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, objetivando nortear preceitos genéricos e fundamentais que se definem no teor das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação.

Sistematizando os princípios e as diretrizes gerais contidas na LDB, evidenciam-se os desdobramentos destes princípios no projeto político pedagógico, e dispõe sobre a organização curricular na formação dos educandos.

Cumpre-me solicitar atenção para a síntese do ideário aqui apresentado que se circunscreve no enfoque na Educação Artística, nomenclatura substituída para ARTE, em 2006, segundo Resolução e Parecer do Conselho Nacional de Educação.

Em 24 de abril de 2007 o Presidente da República e o Ministro da Educação aprovaram o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) com o objetivo de melhorar a Educação no País, em todas as suas etapas, em um prazo de quinze anos. A prioridade é a Educação Básica, que vai do Ensino Infantil ao Ensino Médio.

Com vistas à implantação, implementação e operacionalização do Plano, as matrizes curriculares vigentes, na abrangência das mencionadas etapas, foram submetidas às reformulações necessárias e, no caso concernente ao foco ao qual pontuamos, – a ARTE já havia sido corrigida, anteriormente.

Foi sob aplausos de alegria que os educadores receberam a notícia de que, no dia 18 de agosto, fora sancionada a Lei 11.769, que determinou a inclusão da música no currículo da educação básica (ensino infantil, fundamental e médio). A disciplina já foi obrigatória entre 1932 e 1971 e, após 37 anos, a música volta às escolas depois de uma campanha de quase dois anos entre entidades, criando-se até o site “queroeducacaomusicalnaescola.com.br”, em decorrência de um baixo assinado.

Em 18 de agosto de 2008, a Lei 11.769, alterando o artigo 26 da Lei 9394/96, passou a vigorar acrescida do §6º determinando música como conteúdo obrigatório da composição curricular de que trata o § 2º deste artigo; aditando, também os artºs 3º, determinando que os sistemas de ensino terão 3 (três) anos letivos para se adaptarem às exigências estabelecidas aos artºs 1º e 2º .

Ao indicar meu nome, como candidata à vaga da Cadeira nº 25, a Acadêmica Maria Anália Costa Moura adotou como fundamento e justificativa o realce à minha formação e vivência

como musicista, o que foi identificado na análise do meu Curriculum Vitae.

Passo, neste momento, a apresentar uma rápida consideração sobre algo que me toca, profundamente, aliás, não só a mim, mas também à minha querida madrinha, Profa. Maria Anália: **a Música**, fato este testemunhado pela nossa Presidente de Honra, a Profa. Leda Jesuíno dos Santos, quando disse no seu discurso de Saudação à Maria Anália, em sua posse, na Cadeira nº 8, ” *ser sabedora do encantamento da candidata pela música, declarando que ” naquele momento, posso testemunhar que, sempre foi inspirada na música erudita e que sua preferência especial sempre foi e é a de ouvir Bach e Beethoven....*,” Que bela inspiração, Profa. Leda!

A palavra MÚSICA não provém do Latim, mas do Grego “MOUSIKÉ”, que significa a ciência de compor melodias, “arte das musas”, que, na mitologia grega, representavam seres celestiais, divindades que inspiravam as ARTES.

ORFEU, filho de Apolo, era o deus da música e da poesia.

A música estava presente na Grécia em todas as manifestações da vida pública, tais como, festas religiosas ou profanas, jogos esportivos, teatros, funerais e, até mesmo, guerra.

Na Bahia, em 1848, através a Lei 335, criou-se uma cadeira de Música Vocal e Instrumental na cidade de Santo Amaro.

Em 1917, pela Lei 1.193, é desanexado da Escola de Belas Artes o Conservatório de Música. E, em 1918, pela Lei 1.244, considera-se de utilidade pública o Conservatório de Música, com a denominação de INSTITUTO DE MÚSICA da BAHIA, reconhecido, em 1951, pelo Decreto no. 29.180, onde me graduei no ano de 1956, com a especialização em instrumento específico: PIANO.

Mas, foi em 1938, pelo decreto no.10.636, que se cria o Serviço de Música e Canto Coral nas Escolas, que obteve prosseguimento pelo incentivo do grande e inesquecível educador, Professor Anísio Teixeira, em 1949.

Para finalizar, acrescento que a MÚSICA e o meu espírito estão integrados e sintonizados. As LETRAS e a MÚSICA ERUDITA fazem parte da minha vida, espargindo a luz que renova e realiza meu sentido do viver.

Iniciando os meus estudos de música, aos 4 anos de idade, com as minhas tias paternas, prosseguindo com a renomada professora Francisca Barros, no Instituto de Música da Bahia, UCSAL, encontrei, depois de graduada, aquele MESTRE, a quem me é imperioso, agora, reverenciar a sua memória, o pianista internacional de nacionalidade suíça, professor Fritz Pierre Klose, o qual me incentivara a aperfeiçoar a técnica pianística, e, por fim, fora o meu “partner” em Duo pianístico, em Recitais, atuando juntos, durante uma década.

Foram realizadas apresentações em Piano Solo e a 2 Pianos com o Prof. Pierre Klose: na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS); no CUCA (UEFS); na Reitoria da UFBA; no Instituto de Educação Musical (IEM), dirigido pela Profa. Carmen Mettig Rocha; no Instituto de Música da Bahia, Universidade Católica do Salvador (UCSAL). Em 2010, continuo a minha especialização em técnica pianística com o professor e pianista americano HUGH SUNG, domiciliado em Bolder, Colorado, U.S.A, através o site PIANOSTREET.COM; 2011 – atividade de pesquisa e estudo de piano com a Profa. Lusa Davico Schneiter, pianista, nacionalmente reconhecida.

Sendo assim, disponho-me, solene e honrosamente, sob compromisso de, em nome desta colenda Academia, dedicar-me à Educação e, sobretudo, especificamente à Educação Musical, oferecendo idéias e ações que enalteçam o desenvolvimento da educação, onde e quando se tornarem indispensáveis e pertinentes.

PREITO DE GRATIDÃO

Agradeço a Deus por me ter proporcionado oportunidades ímpares no percurso da minha existência, por tudo que me tem oferecido, fortalecendo-me na FÉ, pelas SUAS bênçãos que transbordam do Sagrado Coração e me iluminam.

Reminiscência é um sentimento de gratidão. Assim, agora, recordo os meus pais, *José Pacheco de Andrade, sergipano, de saudosa memória que já habita nos páramos celestiais* e minha querida e nonagenária mãe, *Nair Pacheco de Andrade*, a quem devo, também, a vocação para o magistério e gosto de trabalhar pesquisas sobre os problemas educacionais, o desejo de crescer e crescer sempre, enfim, o gosto pelas letras. Obrigada, MÃE.

Recordo, e recordar é trazer de novo ao coração, o meu esposo e companheiro de 45 anos de vida conjugal, de intensa felicidade, o médico pediatra, sergipano, *Antipas Costa Nascimento*, a quem dirijo o meu pensamento, agora e sempre, o grande incentivador da minha vida profissional, como educadora. Que a alegria dos Anjos, Arcanjos, Querubins, Santos e a face irradiante de DEUS o iluminem sempre, dando-lhe a merecida PAZ eterna! A ele, a minha SAUDADE sem fim!

Neste instante, vibram-me a alma, o coração, o direito e o dever de lhes apresentar a essência da unidade que reúne em minha vida a felicidade e a sensação de completude e de beatitude: minhas duas filhas, aqui presentes, frutos do meu único consórcio: a primogênita, médica pós-graduada, Cristiana e a caçula, advogada pós-graduada, Ana Cristina, ambas casadas, a primeira com Dr. Otávio Augusto Moreno de Carvalho, também médico, e a segunda com Dr. Edilton Meireles de Oliveira Santos, também de igual profissão à dela, e que me abençoaram com cinco netos: Carolina, Amanda, André, Gustavo e Eduardo, os quais, (os 3 primeiros), coincidentemente, alunos do Colégio Anchieta, e os 2 últimos do Colégio Antonio Vieira. Eles todos constituem um grande tesouro que DEUS projetou e realizou para mim e meu falecido esposo, tesouro este que tenho bem guardado no meu coração de MÃE e AVÓ.

Agradeço a DEUS por me amparar, livrando-me da solidão. Nunca estive só: a minha FAMÍLIA no seu todo, os meus AMIGOS, os meus LIVROS (*livros a mão cheia*, como dizia o poeta Castro Alves) e os meus PIANOS sempre foram e serão os meus fiéis companheiros, ao longo da minha jornada, envolvendo-me em encantamento e magia.

Reverencio as pessoas e instituições que foram de excepcional influência em minha formação, contribuindo, portanto, para o meu desempenho e ascensão no campo educacional.

GRATIDÃO à Profa. e Acadêmica Maria Anália Costa Moura, educadora ímpar, uma ode à Educação, por indicar o meu nome para integrar esta ilustre e egrégia Academia. É-me, portanto, de significativa felicidade ser recebida pela Mestre Educadora de várias décadas e gerações, por todos respeitada, acolhida e louvada pela sua magnanimidade e cultura. Sua palavra ressoa, neste salão bendito, como uma Ação de Graças. Declaro, aqui, o meu especial carinho a você, Maria Anália, com quem compartilho o comprometimento com os amores e ideais da educação, como o devotamento aos livros e, consequentemente, aos estudos, a vivência do valor da justiça, da ética e da fraternidade.

A você, Profa. Maria Anália Costa Moura, saúdo com alegria e fé, o meu profundo e sincero reconhecimento.

Meus Confrades e Confreiras!

Jamais poderia eu deixar de reverenciar aqui o nome e a memória do Prof. Dr. Antonino de Oliveira Dias, Membro Emérito “in memoriam”, um dos fundadores desta Academia, ocupante da Cadeira nº 40, meu padrinho de batismo e de casamento. Ele fora um dos mentores desta sua afilhada que, nesta inesquecível noite, considera-se ciente do compromisso que ora assume perante tão nobre e distinta assembléia. O meu querido padrinho e orientador, a quem algumas vezes recorri, em momentos de incertezas e dúvidas tão inerentes à vida acadêmica, deve estar

compondo, com mais uma estrela cintilante, o firmamento celestial, tão brilhante quanto brilhara a sua pessoa, no âmbito terrestre da família, dos intelectuais de sua geração, de seus discípulos e da EDUCAÇÃO. Ao Professor Educador Dr. Antonino de Oliveira Dias, a minha eterna gratidão tingida de comovidas saudades.

GRATIDÃO ao Prof. Raymundo José da Matta, 1º ocupante da cadeira no. 39 e que teve, como Patrono, o grande Ruy Barbosa.

Membro fundador desta Academia gloriosa, ele, Prof. Raymundo Matta, na ocasião festiva em que foi Presidente

de Mesa dirigente da solenidade de Formatura de Curso Pedagógico, em 1957, minha sincera homenagem póstuma. O destaque que me foi conferido pelo saudoso e conceituado educador, naquela inesquecível noite, suscita ressonâncias em minha lembrança, naquele auditório do Instituto Normal da Bahia, designado, hoje, Instituto Central de Educação Isaias Alves. No evento referido, mostrou-se magnânimo ao distinguir-me, aclamando o meu nome como a melhor aluna daquela instituição de ensino, premiando-me, assim, com uma coletânea de livros selecionados sob sua preferência

O meu agradecimento, que reflete a memória do meu coração, o qual se volta, neste momento, para meus professores da graduação do curso de Letras Anglo-Germânicas, na Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, em 1962, destacando-se a Profa. e Acadêmica Zilma Parente Barros, a minha querida Zilma, que tanto me entusiasmou com as suas magníficas aulas de Língua e Literatura Alemã.

Meu expressivo agradecimento à Profa. Acadêmica e Emérita Leda Jesuíno dos Santos, a “grande Dama da Educação na Bahia”.

Profa. Leda, não posso olvidar os tempos do famoso e saudoso Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal da Bahia, sendo a Senhora a Diretora, onde lecionei a

disciplina Alemão, por 2 anos, a partir da indicação da Profa. Zilma Parente Barros.

No histórico, tradicional e conceituado Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da UFBA, fui acolhida pela “grande Dama da Educação na Bahia”, título que lhe é, justamente, atribuído pelo Professor Rogério da Costa Vargens, ilustre Presidente desta Academia.

A Professora Leda Jesuino dos Santos é Educadora, Professora Emérita, dotada de competências científica e filosófica, dedica-se à missão que lhe foi conferida, inspirando-se na coragem e na vontade, como força energética que a motiva testemunhar virtudes como a generosidade, tolerância, diligência, compreensão, sabedoria e amor incondicional.

Cumpre-me, por dever de justiça e admiração afetiva, registrar a notável influência exercida em minha vida, na minha realização profissional, o nome dos meus colegas e amigos, face ao convívio salutar de estudo, pesquisa, cooperação e compreensão: do meu prezado amigo e professor de Língua Inglesa, Prof. Ubirajara Silva,

o “Bira”, um verdadeiro mestre de saber e memória; coordenador do nosso grupo de professores de Língua Inglesa até os dias atuais; o Professor de Língua e Literatura Inglesa, LUIZ ANGÉLICO DA COSTA, detentor de notório conhecimento específico, um professor que, com a humildade que lhe é característica, conquista a confiança de seus alunos, imprimindo-lhes o entusiasmo do crescimento científico e cultural; a Profa. Maria Emiliana Passos, a Profa. Therezinha Teixeira Guimarães, a Profa. Licia Regina Moreira de Souza, os saudosos Profs. Hélio Simões e Antonio Barros, como também a inesquecível Profa. e Acadêmica Joselice Macedo de Barreiro, um baluarte na minha formação profissional, que me capacitou integrar o elenco de professores da Faculdade de Educação de Feira de Santana, no ano de 1968. À Profa. Joselice, a minha saudade e que descanse em PAZ!

Assim, no início da minha carreira profissional, como professora, menciono, com garbo, a convivência benéfica e prolífera com os Professores da Faculdade Estadual de Educação de Feira de Santana, instalada em 18 de setembro de 1968, onde foram proferidas, simultaneamente, as 4 primeiras aulas de ensino superior no interior da Bahia pelas profas. Yara Cunha Pires, Ana Angélica Vergne de Moraes, Ana Maria de Oliveira e esta recém-empossada Acadêmica que lhes fala neste exato momento, assim como todos os colegas da referida Faculdade que trabalhavam em solidariedade com o saudoso Dr. José Maria Nunes Marques, o esteio daquela instituição, seu Diretor por quase uma década: o Prof e Acadêmico Raimundo Gonçalves Gama; a minha querida colega e amiga Profa. Acadêmica Valdenita Sueli Torres e Torres; a Profa. Maristela de Araújo Andrade; a Profa. Acadêmica Maria Cristina de Oliveira Menezes, a Profa. Acadêmica Regina Pacheco de Carvalho e o Prof. José Jerônimo de Moraes, com os quais eu mantenho estreitos laços de amizade leal e profunda, preservando-os como uma jóia que se guarda com delicado cuidado, na estima e recordação

A memória revive e reconstrói, tornando os fatos atualizados, reconstituindo a distância e a profundidade do passado. É a marca de um tempo que se foi...!

Rendo as minhas mais sinceras e mais justas homenagens àquele que foi o idealizador, criador e construtor, após anos de intenso labor, da Universidade Estadual de Feira de Santana, (UEFS), em 1976, considerada a célula mater das Universidades

Estaduais na Bahia, o eminente e ilustre **Prof. e Acadêmico Dr. Geraldo Leite**, Membro Titular da cadeira no. 39 deste sodalício. Na Universidade Estadual de Feira de Santana ampliei, aprofundei estudos, atualizei competências, consolidando minha vida profissional, como Professora Titular de Língua Inglesa, até o fim da minha carreira universitária. Na UEFS, além da docência, no sentido de expandir minha grande realização,

assumi funções, a exemplo de: Presidente do Colegiado de Letras e Artes, Chefe do Departamento de Letras e Artes, Coordenadora de Línguas Estrangeiras do Departamento de Letras e Artes, Coordenadora do Projeto de implantação da Sala Ambiente para Línguas Estrangeiras e Professora Titular de Fonologia da Língua Inglesa.

O Prof. Dr. Geraldo Leite, evidencia-se pelo seu próprio nome perante a história que constrói, como ser humano dotado e consciente da energia divina que permeia todo universo e que se denomina consciência, consciência-força, fio condutor de toda evolução que encontra seu ponto culminante na disposição e competência de se comprometer com a lenta transformação da energia em consciência. Vale ressaltar que o Dr. Geraldo Leite, Fundador da Universidade Estadual de Feira de Santana, deve ser considerado como aquele que conferiu a maior glória a ser registrada na história da expansão e desenvolvimento da Feira de Santana – a criação, implantação e implementação da Universidade.

Trata-se, verdadeiramente, de uma Universidade que, hoje, abriga mais de 10.000 alunos, centenas de professores, entre os quais doutores, mestres e especialistas, oferecendo, nos dias atuais os programas de graduação, associados aos programas de pós-graduação, incluindo diversificado plano de cursos de extensão, com funcionamento em temporalidade matutina, vespertina e noturna.

Acadêmico de vários sodalícios, cabe ao Dr. Geraldo Leite a transcendente missão de integralizar **Saúde e Educação**, de forma a oferecer intensos e extensos benefícios aos cidadãos brasileiros. Médico, escritor e educador, por excelência, autor de diversos e altamente qualificados trabalhos científicos e publicações pertinentes à Educação a que cultua e coopera, sempre, em escala cada vez mais ampla, com a Vontade Divina, na concretização do plano cósmico.

DEUS o ilumine e proteja, sempre, a fim de continuar a sua trajetória terrestre!

AGRADECIMENTO FINAL

Dentro de mim renasce a esperança de poder continuar atuando no campo educacional, junto aos insígnias Acadêmicos e Acadêmicas, agora meus Confrades e Confreiras, e realizar o sonho de testemunhar o crescimento cultural dos habitantes deste nosso país, deste Estado da Bahia e desta cidade de Salvador.

Muito Obrigada.

Salvador, 04 de maio de 2011.

Profa. e Acadêmica Maria José Pacheco de Andrade Costa

Prof. Augusto Alexandre Machado – Sua vida e suas obras

Enoch Senna Souza

Augusto Alexandre Machado, nasceu na cidade do Salvador, a dois de junho de 1895 e era o filho mais novodo engenheiro Alexandre Augusto Machad e D. Elvira Machado. Tinha um irmão dois anos mais velho, chamado Antônio Augusto Machado, que se dedicou ao magistério, tornando-se catedrático do Instituto Normal da Bahia, hoje, Instituo Central Isaias Alves, onde alcançou notoriedade por sua cultura humanística. Ao falecer-lhe o pai e, ainda em tenra idade, enfrentando dificuldades, estou no Liceu Salesiano do salvador, onde, também, aprendeu a profissão de tipógrafo. Alcançando vãos mais altos, formou-se em Contabilidade pela Escola Comercial da Bahia, na Praça da Piedade. Onde foi aluno laureado e orador da turma. Logo após sua formatura, tornou-se professor da Casa.

Casou com D. Helena palmeira Machado a qum sempre chamou de menina Lena que ao tempo do seu casamento tinha vinte e dois anos e ele Augusto, trinta e dois. Teve três filhos: Hermano Augusto, Marlene e Maria Helena.

Trabalhou, desde cedo como comerciário na firma M. G. Duarte e depois na empresa Augusto de Carvalho e Cia., onde alcançou o grau de gerente e interessado cargos que exerceu como notória capacidade e honestidade com apenas umano de trabalho, tendo renunciado a tão honroso e vantajioso mister, por ter conseguido, em 1917, entrar na Faculdade de direito. Sem a facilidade financeira que lhe outorgava o antigo emprego, consegue um cargo na Imprensa Oficial do estado, e completa os parques recursos como professor explicador de humanidades em

caráter particular. Em 1921 forma-se em direito, tendo concluído o curso como orador da turma, concorrendo com o conhecido nome de Aloísio de carvalho Filho, seu grande amigo, filho de Aloísio de Carvalho – o notável e conhecido Lulu Parola.

A vida de Augusto Alexandre Machado se destaca em quatro aspectos distintos:

COMERCIO – O comércio foi a primeira fonte sua de trabalho e dos recursos que alimentaram sua juventude de menino sem grande dotes com que alimentar sua sede de educação e de saber. Como já vimos, após a morte do seu querido pai, não lhe faleceu, também o manancial que alimentou seu onho de saber. Por isso, tendo conseguido matricular-se no Salesiano aproveitou, talvez, as horas de lazer e os momentos de recreio para aprender a profissão que, por certo, lhe renderia alguns trocados para completar os poucos recursos a que teve de limitar a sua mesada. Mais tarde vai trabalhar. Antes já teria a sua iniciação no mundo do trabalho como “caixeiro” da firma M.G. Duarte e, depois, de Augusto de Carvalho e Cia., onde alcançou os cargos de gerente e interessado. Em 1928 fez livre docência da Faculdade de Direito, com a brilhante tese intitulada Alguns aspectos do Trabalho Econômico. Em 1930 torna-se catedrático de Economia e Finanças da Faculdade de Direito, com a aplaudida tese estudo Econômico e Financeiro da Despesa Público.

ADMINISTRAÇÃO – Sua carreira nos postos administrativos começa com sua nomeação como presidente da Comissão do Salário Mínimo no Estado da Bahia. Logo em seguida é nomeado presidente da Caixa Econômica Federal, tendo exercido o mandato de 1943 a 1949. É, ainda, nomeado membro do Conselho Regional do Trabalho, hoje Tribunal Regional do Trabalho.

Foi ainda presidente do Instituto de Aconômia e Finanças da Bahia e duas vezes, como mandato de três anos, diretor da Faculdade de economia da Universidade Federal da Bahia.

Foi no ultimo mandato desse cargo que ianugurou o atual prédio desa Faculdade, na gestão do reitor Edgar Santos, fundador da Universidade Federal da Bahia. Foi ainda nesse período Vice-Diretor da Faculdade de Direito da UFBA e diretor do Colégio Estadual da Bahia, época em que era Secretário de Educação do Estado, o inesquecível Anísio Teixeira. Foi este o seu último cargo de natureza adminsitrativa

Passou daí a intelectual famoso, orador de grande eloquência, expressando-se melhor de improviso do que quando escrevia, revelando o grande manancial de cultura e dom de oratória que possuía.

Tornou-se membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, cabendo ao Prof. Augusto o cargo de Vice-Presidente, fazendo parte de sua diretoria até pouco antes de sua morte.

MAGISTÉRIO – Machadinho trazia de si e na prática de sua vida a máxima do “é dando que se recebe”. Por isso, na sua escolha profissional tornou-se um desprendido das coisas “materiais” e, muitas vezes, recusou encargos muitos mais compensadores, procurando distribuir o que mais possuía, que era sua bondade de coração do que auferir resultados muito mais compensadores materialmente. Desde jovem dava cursos de Humanidade a companheiros mais necessitados e foi professor de renome tanto no Ensino Fundamental quanto no Superior, onde o seu nome ainda é lemnrado com carinho e afeto daqueles que tiveram a dita de ser seus alunos.

INTELECTUAL E AUTOR – O prof. Augusto Alexandre Machado, desde cedo na sua carreira, revelou-se um intelectual

de grande saber, e, tanto no Ensino Fundamental quanto no trabalho de nível superior, nos seus livros magistrais, em seus artigos de jornal e em seus discursos distribuiu as benesses do seu grande saber e sobre tudo, da grande bondade do seu ser, tesouro que se comprazia em distribuir com aqueles que pessoal ou anonimamente o procuraam e a quem nunca se negava fazer o bem.

JORNALISMO – Além do magistério, dedica-se ao jornalismo publicando sonetos e crônicas literárias intituladas Filigranas sob o pseudônimo Augma, no Diário de Notícias e Crônicas de Miniaturistas Românticos. Mais tarde foi articulista do jornal O Imparcial, onde escreve artigos semanais sobre questões econômicas e sociais. Colabora, ainda, no jornal do seu ex-aluno e amigo João da Costa Falção – O Jornal da Bahia até poucos anos do desaparecimento desse grande jornalista.

CONCLUSÃO – O prof, Machadinho “foi feliz” no lar, junto à companheira que lhe soube amar, compreender, admirar e perdoar as excentricidades, o rapaz pobre e ambicioso das vitórias do espírito, que medindo os abastáculos a vencer, teve momentos de pessimismo, mas, agora que ele amava e era amado num lar em que três filhos: Hermano Augusto, Marlene e Maria Helena lhe alegravam a casa, enchendo-a, de novo, de aspirações e de sonhos que proclamava perdidos, ele, feliz da situação criada” Em louco batalhar, sem medo e com pujança” se sentia um homem realizado.

Eu, autor destas linhas, morava no largo de São Pedro, contíguo, ao da Piedade, onde, após o jantar gostava de sair olhando as vitrines e sempre encontrava aqueles homem meio excêntrico, vestido a rigor, pálido, meio calvo, usando um chapéu de feltro duro de abas dobradas na extremidade, sempre dizendo em voz alta algo para que os circunstantes ouvissem, quase

sempre sobre a educação e sua Faculdade e, ao perguntar, me disseram: é o Prof. Augusto Alexandre Machado – o Machadinho.

Academia Baiana de Educação – construção e legitimação da memória institucional

Vanda Angélica da Cunha

Introdução

O que representa a memória institucional? Que princípios, estratégias e soluções são adotados pela Academia Baiana de Educação na construção dessa memória?

Este artigo se propõe a responder essas perguntas como parte de um exercício contínuo de apropriação e compartilhamento do conceito de memória institucional, como construção coletiva no interior da Academia Baiana de Educação a ser irradiado para além de suas fronteiras. Objetiva compreender que nuances esta memória nos traz como desafio, assim como buscar consolidar o compromisso do desenvolvimento, preservação e visão da memória institucional como patrimônio de interesse público que necessita estar disponível para a sociedade.

O alcance desse objetivo se fortalece na meta ora atingida de publicação deste artigo, que documenta e dissemina amplamente, a trajetória de uma ação planejada e sistematizada de ordenamento físico dos acervos de Arquivo e de Biblioteca e o minucioso trabalho de identificação, seleção e tratamento da informação, incluindo sua informatização e a conseqüente gestão do conteúdo textual, sonoro e de imagem de ambos os acervos.

Desde os primórdios da humanidade a informação se fez presente. Identificá-la e usá-la é privilégio do homem. Nossos ancestrais para garantir sua própria sobrevivência, necessitaram se perceber e reconhecer o entorno. Essa percepção e reconhecimento do ambiente geraram informações que, lentamente, foram encontrando os primitivos canais de

informação que se aperfeiçoam continuamente. (CUNHA, 2004, p. 15).

Informações circulam, seja na comunicação oral, seja na forma de registro quando se transformam em documentos. Nos documentos as informações são sistematizadas, ganham corpo, vida, estabelecem relações entre si, formam conjuntos e ampliam seu significado. Em ambas as formas de transmissão as informações são compartilhadas e geram, ou não, conhecimento. Por quê? Porque o processo de gerar conhecimento independe de sua simples existência ou de atos de mediação, interlocução. Conhecimento é um ato cognitivo pessoal, singular, único que só a própria pessoa tem o poder de realizar. E quando se fala em memória institucional, surgem no cenário os dois tipos de compartilhamento de informação - oral e registrada, embora esta tenha um valor mais contundente, razão pela qual se valoriza a ferramenta da gravação de entrevistas.

Considerando a importância da memória institucional, em geral confundida como sinônimo de memória organizacional, dentre tantos autores que estudam o tema, aqui se destaca o conceito e a abordagem encontradas em Thiesen (1997, p.9) em tese de doutorado destacando que “a memória institucional é um permanente jogo de informações que se constrói em práticas discursivas dinâmicas”. A afirmação remete para a desconstrução de uma crença de que acervos e espaços de memória institucional são estáticos, representam um acúmulo inerte de documentos e informações que estão armazenados à espera, duvidosa e eventual de solicitação para consulta. A autora acrescenta à p. 14 que “a memória institucional abrange a memória organizacional mas não se limita a ela “. Explica mais adiante (p. 50) que “são as relações de força que determinam o plano institucional e este, por sua vez, define a organização. Ou seja, todas as instituições têm suas formas de organização, de práticas do cotidiano, aqui entendidas como o fazer coletivo, social que, no entanto, por si só não se sustentam. As práticas necessitam da legitimação e esse atributo só a instituição pode oferecer através de seu sistema de conhecimento, de crenças e valores que possui.

É esse conjunto de conhecimento acumulado, crenças defendidas e o sistema de valores que sustentam cada instituição, tornando-a única, porque movida por uma construção coletiva e social em permanente devir. Isso não significa fragilidade, inconstância, insegurança da instituição. E conclui a autora, defendendo (p. 146) que “Precisamos começar a entender memória como singularidade e não mais como retenção de informações.”

Pressupostos teóricos

Os arquivos, bibliotecas e museus são percebidos como espaços físicos e virtuais que abrigam livros e outras fontes bibliográficas, documentos de diferentes datas, formas e suportes - do manuscrito ao digital, nesse conjunto se incluindo os documentos audiovisuais, magnéticos e iconográficos, acervos acumulados ao longo do tempo. Portanto, arquivos, bibliotecas e museus são espaços de informação e conhecimento. E, assim, se tornam instituições de consagrado valor histórico e um instrumento valioso para o desenvolvimento científico e tecnológico da humanidade.

Essas categorias de instituição de memória custodiam significativo patrimônio histórico-cultural de valor social, não mais se justificando nem seu acúmulo sem uma organização técnica assumida pelos gestores das citadas entidades, nem que uma vez organizados os acervos, as informações aí existentes permaneçam apenas para uso interno, inacessíveis à sociedade, a real beneficiária do acúmulo de informação produzida, memória e conhecimento existentes.

Não convém ser esquecido que o patrimônio histórico-cultural de arquivos, bibliotecas e museus representa o produto de idéias, sentimentos, ações de variados segmentos sociais que constroem a história cotidiana. Um patrimônio que resulta de memórias registradas - pessoais, familiares, institucionais produzidas e mantidas, muitas vezes a preço altíssimo pela sociedade, à qual cabe o direito ao pleno acesso.

Durante muito tempo arquivos, bibliotecas e museus se mantiveram como espaços de acervos importantes para a educação, a cultura, a memória, no entanto, com um formato de gestão mais individualizada, com interação de pequena expressividade, o que dificulta o acesso e uso ampliado pela sociedade.

A sociedade contemporânea, através do avanço científico e tecnológico pressionou um redirecionamento na organização e disseminação desses acervos numa nova cultura de integração de redes e sistemas facilitando o fluxo de informação e possibilitando a quebra de fronteiras desse conhecimento acumulado.

Construção da Memória na Academia Baiana de Educação: uma linha do tempo

A Academia Baiana de Educação, no decorrer de sua história, vem demonstrando interesse em conhecer, analisar, organizar e disponibilizar seu acervo de arquivo e de biblioteca para consulta, estudos e pesquisas por parte dos acadêmicos, ampliando essa oferta de acesso e uso à sociedade.

Neste sentido, ação recente e valiosa ocorre com solicitação do Acadêmico Professor Roberto Figueira Santos, que na presidência da Academia Baiana de Educação, em 2007, solicita uma visita ao espaço que sediava a biblioteca. Em 7 de dezembro do mesmo a autora desse artigo teve o primeiro contato com o acervo, o que gerou o encaminhamento de um diagnóstico com o levantamento dos itens possíveis de identificação nesse primeiro momento, acrescido de reflexões e indicação de ações para tornar esse espaço de coleções de livros e documentos, um espaço de circulação de informação e conhecimento especializados e de preservação da memória da Academia Baiana de Educação.

No diagnóstico Cunha (2008) destacou que “As organizações, de qualquer natureza, produzem, recebem e

consomem informação. Necessitam preservar sua memória, para na posteridade tornar possível conhecer seu passado, entender e valorizar o presente e garantir no futuro a sustentabilidade de sua missão.”

Ao sistematizar, em 2012, uma ação de organização dos acervos de arquivo e de biblioteca, a Academia Baiana de Educação optou por um modelo interdisciplinar de campos do conhecimento e de equipes profissionais e por uma implantação de um sistema de informação que favoreça o diálogo entre suas coleções, preparado para incorporar, o acervo museológico que no futuro venha a possuir.

No ano seguinte ao diagnóstico o acervo é transferido para as dependências da Fundação João Fernandes da Cunha, num espaço que apesar de exíguo, com claros limites e algumas possibilidades, favoreceu a continuidade da idéia da organização dos acervos de Arquivo e Biblioteca com vistas a disponibilizar para acesso e uso da sociedade.

Com esta ação, a preservação documental da Academia Baiana de Educação e o conseqüente compartilhamento com a sociedade, encontra eco no conjunto dos acadêmicos. No entanto, um nome merece destaque especial nesse registro, pela dimensão e profundidade do interesse em acompanhar todo o processo. Refiro-me à Professora Leda Jesuíno Presidente de Honra deste sodalício.

Início da trajetória – Projeto de Extensão contemplado por Edital MEC-SEsu

Nessa trajetória, em 2011 é dado um salto qualitativo no processo de construção da memória institucional. Vale destacar que tal medida foi possível pelo acolhimento de projeto encaminhado ao Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia, que o inseriu em uma proposta

no Núcleo Interdisciplinar de Extensão – Next/ICI, resultando em candidatura a Edital do Programa de Apoio à Extensão Universitária voltado às Políticas Públicas - PROEXT 2011 – MEC/SESu/DEPEM, sendo contemplado com recursos no valor de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais).²

Desse modo, inicia-se a execução do projeto de extensão ***Conexão de saberes, metodologias e tecnologias para a requalificação e socialização de patrimônio documental de interesse público referente a Educação.***³

Como justificativa à ação se destacou que a Educação, no seu sentido mais amplo, é o componente essencial para o ser humano se reconhecer como indivíduo capaz de viver uma existência digna e produtiva no espaço coletivo que ocupa na sociedade. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento estabelece oito objetivos de desenvolvimento do Milênio, estando a Educação citada como o segundo: “atingir o ensino básico universal”, o que revela sua posição de fator relevante na medição do Índice de Desenvolvimento Humano – IDH. A Constituição Federal do Brasil (1988) em seu Art. 6º coloca a educação como a primeira citada no conjunto dos direitos sociais assegurados. E pensar a Educação representa associar as questões de informação, conhecimento, memória, comunicação das idéias e de produção do conhecimento em todas as suas vertentes. Representa utilizar tecnologias e metodologias que assegurem a qualidade dos registros e a organização para uma socialização com qualidade.

² Voto de Louvor à Direção e Coordenação do Núcleo de Extensão do Instituto de Ciência da Informação da UFBA pela sinergia e irrestrito apoio.

³ Instituição Proponente: Universidade Federal da Bahia. Instituição Consorciada: Academia Baiana de Educação. Coordenador: Nidia Maria Lienert Lubisco. Coordenador Executivo: Vanda Angélica da Cunha.

O projeto acima citado cumpre o disposto no Art. 43 da Lei de Diretrizes e Bases, que trata da finalidade da Educação Superior, traz a inserção de alunos no modelo de interação social, oferecendo condições de vivência em ações de responsabilidade social, oportunidade de troca de saberes e práticas, possibilitando associar o aprendizado teórico à prática, contribuindo para a melhoria do seu desempenho acadêmico e com a participação em ações e serviços à sociedade.

O Projeto integra quatro campos de conhecimento: Arquivologia, Biblioteconomia, Ciência da Informação e Educação, numa interdisciplinaridade que se amplia com a Informática. Está alicerçado em três eixos: a) conexão de saberes para uma nova praxis; b) indissociabilidade entre ensino, pesquisa, extensão, criação e inovação; c) dimensão social da proposta.

A operacionalização vem possibilitando avaliar e dar tratamento técnico à coleção bibliográfica e de documentos textuais, impressos, digitais, audiovisuais, para que se convertam em memória revelada de parte da Educação baiana, na perspectiva do acesso e uso pela sociedade nos seus diferentes segmentos.

O objetivo do ***Projeto Conexão de saberes, metodologias e tecnologias para a requalificação e socialização de patrimônio documental de interesse público referente a Educação***, está contido no seu título e se expressa na ação de desenvolver ações interdisciplinares, em que o saber e o fazer assegurem um diálogo e a prática que tornem os acervos e informações acessíveis para uso da entidade que as custodia e da sociedade em geral.

Para atingir o objetivo proposto estabeleceu as seguintes metas:

a) definir os sistemas de gestão das coleções, segundo a tipologia documental existente; b) nivelar entre a equipe os princípios e critérios que nortearão as atividades de inserção e descarte de material; c) estabelecer e reunir os instrumentos técnicos e

tecnológicos para viabilizar o tratamento da documentação; d) promover a permanente atualização da equipe mediante ações de capacitação; e) levantar e inventariar a documentação arquivística e bibliográfica, segundo suas respectivas especificidades.

Apresenta como resultados esperados: a) concluir a organização e o modelo de gestão da informação informatizada do acervo arquivístico e do acervo bibliográfico da Academia Baiana de Educação; b) colocar *online* à disposição da Academia Baiana de Educação e do público em geral, para consulta, os acervos arquivístico e bibliográfico; c) oferecer, *online*, uma base de dados do acervo para consulta em *sítio* com nova arquitetura que comporte a plataforma necessária a este serviço.

Como recomendam as normas de gestão administrativa, a trajetória da organização física do espaço e dos documentos, assim como as atividades de pesquisa e de comunicação dos resultados em eventos científicos vem sendo documentada em fotos, que são elementos essenciais na construção da memória da Academia Baiana de Educação.

Capacitação da equipe de bolsistas

Conforme previsto no Projeto Conexão de saberes, metodologias e tecnologias para a requalificação e socialização de patrimônio documental de interesse público referente a Educação e a conveniência didática e metodológica para iniciar os alunos bolsistas no trabalho de organização dos acervos de arquivo e de biblioteca da Academia Bahia de Educação, foi realizada no dia 10 de julho de 2012 a Oficina I com o título: Paralelos e fronteiras entre arquivos e bibliotecas

A Oficina trabalhou um primeiro conceito, o de sistema, fundamental à compreensão do formato a utilizar nas atividades a desenvolver no projeto. Para isso utilizou-se de modelos de sistemas biológico, incluindo do próprio corpo humano e os modelos arquitetônico e organizacional. Abordou as questões conceituais de categorias de acervos e padrões de processos técnicos e administrativos. Destacou a importância do conteúdo

trabalhado para a construção da memória organizacional da Academia Baiana de Educação. Um exercício prático, apresentou resultado bastante positivo e foi desenvolvido a partir de peças publicitárias apresentadas aos alunos bolsistas para que, com base nas questões trabalhadas, identificassem e associassem os elementos textuais e imagéticos com os conceitos técnicos trabalhados na oficina, com a finalidade de produzir um texto revelando a associação de idéias que o exercício proporcionou e avaliar a experiência vivida na dimensão da contribuição trazida ao trabalho a ser desenvolvido em campo.

Os alunos bolsistas tiveram oportunidade de realizar duas outras atividades que contribuíram para o seu conhecimento. A primeira refere-se a um levantamento e observação de *sites* de entidades congêneres, para compreender a estrutura e dinâmica de suas bases de dados com vistas a uma possível adequação na escolha da base de dados a ser utilizada na Academia Baiana de Educação. Outra atividade interessante foi um levantamento preliminar de fontes de pesquisa em Arquivos e Bibliotecas de Salvador indicando documentos de interesse para futura construção de uma base de dados sobre o quadro de patronos desta Academia.

O ano de 2012 foi marcante para os arquivos privados no Brasil. A Bahia teve posição de destaque, graças ao empenho da direção do Arquivo Público do Estado da Bahia⁴ em atrair para Salvador a realização da I Conferência Nacional de Arquivos Etapa Região Nordeste, realizada em 17 e 18 de outubro de 2011 como parte da I Conferência Nacional de Arquivos, convocada pelo Decreto presidencial de 11 de outubro de 2011, publicado no Diário Oficial da União nº 197, Seção 1, p. 24, de 13 de outubro do mesmo ano.

Vale ressaltar a participação da Academia Baiana de Educação no evento, com a indicação da autora deste artigo para coordenar o Eixo V – Arquivos Privados. É importante destacar os desdobramentos e oportunidade de valorização para os

⁴ Professora Maria Teresa Navarro de Brito Mattos (Instituto de Ciência da Informação da UFBA).

arquivos privados na Bahia, resultando, inclusive, na criação do Grupo de Trabalho em Arquivos Privados – GTAP, através do qual esta Academia e o projeto de extensão em desenvolvimento, participaram de outro evento científico importante da área, descrito a seguir.

Salvador abriga em outubro de 2012 o V Congresso Nacional de Arquivologia no qual ocorreu o I Encontro Paralelo de Arquivos Privados, onde apresentou comunicação com o título: ***Academia Baiana de Educação: Arquivo Privado na perspectiva de acesso público***,⁵ levando para discussão o tema de que os arquivos privados se constituem privilegiada fonte de informação e pesquisa, sendo importante sua inserção em redes de conhecimento em universidades, órgãos de pesquisa, arquivos públicos e demais entidades congêneres.

A proposta apresentada a este evento trabalha por uma gestão de informação alicerçada nos eixos:

Memória,

Acessibilidade,

Integração/Interação

Interdisciplinaridade/Transdisciplinaridade.

Ainda como parte da capacitação da equipe e comunicação em eventos científicos, constantes do projeto de extensão ***Conexão de saberes, metodologias e tecnologias para a requalificação e socialização de patrimônio documental de interesse público referente a Educação*** foi levado ao Seminário de Extensão, promovido pela Pré-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia, realizado nos dias 26 e 27 de novembro de 2012 um relato do seu percurso, iniciado com a aprovação no MEC/SESu em maio de 2011. São aí apontadas

⁵ Autores: Vanda Angélica da Cunha, Nidia Maria L.Lubisco, Catarina de Freitas Barbosa, Fernando de Freitas Barbosa, Laícia Figueroa de São Bernardo, Sofie Teles de Oliveira Silva.

ações realizadas, dificuldades encontradas na tramitação burocrática em que a equipe de coordenação do projeto não tem poder de intervir, assim como as expectativas de contar com instâncias superiores na consolidação do projeto no tempo previsto. Destaca que esta ação de extensão significa intervenção para reverter a situação problema de acervos de arquivo e biblioteca sem tratamento técnico, portanto, sem condições de acesso e uso e esclarece que os resultados alcançados pelo projeto, por questões estruturais e conjunturais encontram-se , em novembro de 2012, ainda concentrados nas etapas de integração com os parceiros externos e capacitação e requalificação da equipe, trajetória que o presente artigo traz a lume com o registro das iniciativas e ações entre 2011 e 2012 referentes à construção da memória institucional da Academia Baiana de Educação.

... Na esteira do tempo...

Concluindo, para responder às perguntas colocadas no início deste artigo: o que representa a memória institucional? Que princípios, estratégias e soluções são adotados pela Academia Baiana de Educação na construção dessa memória, busca-se resumir o que vem aqui exposto, considerando os princípios, as estratégias e soluções seguidos, assim descritos:

Princípios:

- reconhecimento do valor do capital de conhecimento acumulado e registrado nos documentos
- cultivo do sentido de pertencimento dos integrantes da Academia Baiana de Educação em relação à sua participação na construção da memória institucional
- democratização do acesso ao conjunto documental aí custodiado
- compromisso de continuidade na construção da memória, portanto, da história da instituição

Estratégias:

- buscar parcerias para fortalecer a ação desenvolvida

- concorrer a Edital em busca de financiamento
- articular ações da equipe mantendo o vigor frente aos desafios
- ampliar espaços de diálogo, interação e trabalhos em conjunto com outras instituições

Soluções:

- contorno de dificuldades, entraves, para encontrar meios de realizar o que se necessitou
- diálogo permanente com a Universidade Federal da Bahia e demais parceiros com a finalidade de minimizar os impactos percebidos
- constante e efetiva comunicação com a Diretoria da Academia Baiana de Educação com vistas a socialização do andamento dos trabalhos.

O percurso da etapa final do projeto que visa construir e disseminar a memória institucional da Academia Baiana de Educação, inclui a implantação de um sistema de informação com base de dados que registre o conteúdo da documentação de arquivo e de biblioteca disponível para consulta no local e no *site* da instituição, cujo formato e conteúdo passam por um processo de atualização. O conteúdo dessa outra etapa será igualmente registrado e compartilhado no próximo número da Revista da Academia Baiana de Educação.

Concluindo, vale destacar o acolhimento e expectativas positivas em relação à construção de nossa memória institucional, expressos pela Diretoria e demais acadêmicos que integram os quadros da Academia Baiana de Educação.

Referências bibliográficas e eletrônicas

BELLOTTTO, Heloisa Liberalli. Arquivos permanentes: tratamento documental. 2. Ed ver. E ampl. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

COSTA, Icléia Thiesen. *Memória institucional: construção conceitual numa abordagem teórico-metodológica*. Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciência da Informação (CNPq/IBICT, UFRJ/ECO. Rio de Janeiro, 1997, 169 p.

CUNHA. Vanda A. *Academia Baiana de Educação: proposta de reordenamento e busca de identidade da biblioteca*. Salvador, 2008. 8 p. ((Digitado)

_____. *Memória, sociedade e mídia impressa: a experiência do Arquivo Histórico Municipal de Salvador*. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2004, 70 p. (Selo FGM, Coleção Documentos de Salvador, 5)

ESTATUTO DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

(ADAPTADO À REFORMA PUBLICADA NO DIÁRIO OFICIAL DE 16/5/1997)

Capítulo I

Natureza, Sede. Foro e Duração

Art. 1.º - A Academia Baiana de Educação, fundada em 09 de setembro de 1982, associação cultural sem fins lucrativos, com sede e foro na Cidade de Salvador. Capital do Estado da Bahia e prazo de duração indeterminado, reger-se-á pelas disposições deste Estatuto normas regimentais que adotar e demais dispositivos legais aplicáveis.

Parágrafo único - A Instituição, que funcionou regular mente desde a supracitada data, passa a ter personalidade jurídica a partir do registro deste Estatuto.

Capítulo II

Finalidade e Competência

Art. 2.º - A Academia tem por finalidade estudo e pesquisa, definição e interpretação dos fatos, fenômenos e problemas da educação e ensino na sua acepção geral competindo-lhe como órgão de cooperação cultural, consultas, incentivos, promoções e realizações no campo educacional:

- I. manter intercâmbio com as congêneres nacionais e estrangeiras demais instituições e órgãos culturais oficiais e particulares relacionados com a educação e o ensino;
- II. cultivar os fatos da educação e da memória, vida e obra de seus patronos, de titulares falecidos e de outras figuras e vultos da educação e do ensino;

- III. promover cursos próprios ou em convênio, de pós-graduação, aperfeiçoamento, atualização e especialização, sobre educação e ciências pedagógicas, nos seus vários graus ou níveis;
- IV. promover conferências, congressos e atividades outras que visem a elevar e melhorar nossos padrões culturais e de ensino;
- V. instituir prêmios a serem atribuídos a estabelecimentos de ensino da rede pública ou privada e a profissionais de educação;
- VI. adotar iniciativas e realizações outras que signifiquem preparação pedagógica ativa para a vida social. inclusive de consultoria sobre assuntos de pedagogia e de educação.

Capítulo III

Constituição do quadro e provimento das cadeiras

Art. 3.º - A Academia Baiana de Educação é constituída de 40 (quarenta) cadeiras, ocupadas por membros titulares tendo cada uma delas um patrono, que tenha sido educador, professor ou estudioso de fatos e problemas da educação na Bahia.

§ 1.º - Haverá um quadro especial de 5 (cinco) membros eméritos, a ser preenchido, com a prévia aquiescência dos indicados, por membros titulares que tenham mais de 70 (setenta) anos de idade e pertençam há mais de 10 (dez) anos à Academia, e que tenham colaborado ativamente para o desenvolvimento e o renome do sodalício, ficando vaga, com cada escolha, a correspondente cadeira de membro titular.

§ 2.º - A Academia terá, ainda, as categorias de sócios beneméritos, benfeitores, honorários, colaboradores e correspondentes.

§ 3.º - O provimento das diversas categorias de membros e sócios da Academia será feito na forma disposta no seu Regimento Interno.

- § 4.º - Sem prejuízo do número de vagas estipulado no § 1.º, são considerados membros eméritos "*in memoriam*" os sócios fundadores Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta, podendo a Academia conceder o mesmo título a outros membros titulares falecidos que se tenham destacado por especiais serviços prestados à instituição.
- Art. 4.º - São membros fundadores os que, em número de nove (9), criaram a Academia Baiana de Educação constando da relação que se segue: Raymundo Nonato de Almeida Gouveia, Edivaldo Machado Boaventura. Antônio Pithon Pinto, José Newton Alves de Souza, Hermano José de Almeida Gouveia Neto, Remy Pompílio de Souza, Adroaldo Ribeiro Costa, Antonino de Oliveira Dias e Raymundo José da Matta.
- § 1.º - São membros da Academia os membros titulares e eméritos admitidos.
- § 2.º - Será considerado renunciatário o membro da Academia que, sem motivo justificado, a juízo da Assembléia Geral, faltar a 2/3 (dois terços) da sessões durante 1 (um) ano ou deixar de pagar a anuidade por igual período, competindo à Diretoria dar eficácia ao disposto neste parágrafo.

Capítulo IV **Administração da Academia**

- Art. 5.º - São órgãos da Academia:
- a) a Diretoria;
 - b) a Assembléia Geral.
- Art. 6.º - A Diretoria é constituída dos seguintes membros:
- 1 . Presidente
 - 2 . Vice - Presidente
 - 3 . Primeiro Secretário
 - 4 . Segundo Secretário
 - 5 . Tesoureiro
 - 6. Diretor da Revista e da Biblioteca
 - 7. Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo

Art. 7.º - A Diretoria será eleita por um período de dois (2) anos, podendo ser reeleita total ou parcialmente e exercerá o seu mandato gratuitamente.

§ 1.º - As vagas ocorridas em cargos da Diretoria, no primeiro ano do mandato, serão preenchidas por eleição e as ocorridas no segundo serão preenchidas pela Diretoria.

§ 2.º - A eleição da Diretoria será feita no penúltimo mês do seu mandato.

§ 3.º - As atribuições e obrigações da Diretoria serão definidas no Regimento.

§ 4.º - A diretoria apresentará relatório circunstanciado no início de cada ano.

Art. 8.º - As sessões da Academia serão instaladas com o mínimo de 5 (cinco) membros presentes, entre titulares e eméritos, só podendo deliberar com o mínimo de 9 (nove) membros das referidas categorias.

Art. 9.º - A Assembléia Geral será constituída pelos membros titulares e eméritos, só podendo deliberar com presença, em primeira convocação, da maioria absoluta e, em segunda convocação, da maioria dos presentes, respeitado o disposto no artigo anterior.

Art. 10. A Academia deverá manter-se, financeiramente, com a contribuição dos seus associados, doações, renda de cursos e de outras atividades e fontes de receita, sendo que, enquanto não tiver sede própria, fará as suas reuniões em locais condignos, cedidos ou alugados.

Parágrafo único - A aplicação de suas rendas será para fins desta instituição no território nacional.

Capítulo V

Disposições Gerais e Transitórias

Art. 11. A Diretoria é responsável pelas obrigações e resoluções tomadas por maioria, cabendo ao seu presidente representá-la, na forma do Regimento.

- Art. 12. Em caso de dissolução da Academia, os seus bens e valores serão entregues ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia ou a entidade congênere.
- Art. 13. A Academia reunir-se-á em sessões ordinárias e extraordinárias, da Diretoria e da Assembléia, ou em sessões públicas, comemorativas e de posse, bem assim reservadas.
- Parágrafo único - Os meses de dezembro, janeiro e fevereiro serão considerados de recesso, podendo haver convocação especial.
- Art. 14. O presente estatuto deverá ser regulamentado por um regimento, no prazo máximo de 6 (seis) meses, aprovado pela Assembléia Geral, e somente poderá ser modificado pela maioria absoluta dos membros eméritos e titulares, por proposta da Diretoria ou da referida Assembléia.
- Art. 15. O extrato do presente Estatuto será publicado no Diário Oficial do Estado, para fins de registro em Cartório e demais providências pertinentes.
- Art. 16. Até o final do seu mandato, a Diretoria eleita para o biênio 1996/1998 permanecerá constituída pelos cargos para os quais foram eleitos os atuais ocupantes.

TÍTULO PRIMEIRO

DA ADMINISTRAÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da admissão de Acadêmicos

Art. 1.º - A admissão de membro titular da Academia está sujeita às seguintes condições:

- a) ser brasileiro, nato ou naturalizado, educador, professor ou especialista em educação, com experiência e amplos serviços prestados à causa, ter domicílio no estado da Bahia e possuir idoneidade moral e científico-cultural;
- b) ser escolhido na forma de processo específico, composto das seguintes etapas:
 - 1. Decorridos 30 (trinta) dias da declaração de vacância da cadeira, a Academia reunir-se-á em sessão adremente convocada, com a presença mínima de 9 (nove) membros titulares e eméritos, quando será facultado a cada acadêmico indicar, em envelope fechado, o nome de sua preferência para preenchimento da vaga;
 - 2. Os membros titulares que se encontrarem impossibilitados de comparecer à sessão referida no item anterior poderão encaminhar as suas indicações ao Presidente da Academia, em envelopes fechados;
 - 3. Apuradas imediatamente as indicações, será organizada lista dos nomes que tiverem obtido pelo menos 3 (três) preferências, para fins de votação;
 - 4. Após 30 (trinta) dias da organização da lista, em sessão com a presença mínima de titulares e eméritos exigida pelo estatuto, proceder-se-á, através de voto secreto, à eleição do novo membro, em até 3 (três) escrutínios, sendo escolhido aquele que obtiver a maioria absoluta dos votos dos acadêmicos presentes;
 - 5. Somente será feita a proclamação do nome eleito após sua aceitação, por escrito, ao receber comunicação feita pelo Presidente;
 - 6. Continuará vaga a cadeira, caso nenhum nome tenha alcançado, após 3 (três) escrutínios, a maioria absoluta dos votos, ou no caso de recusa pelo escrito.

Art. 2.º - O membro emérito será escolhido pela Assembléia Geral, dentre os membros titulares, mediante indicação de, pelo menos, dez (10) membros titulares e eméritos, atendido o disposto no parágrafo primeiro do art. 3.º do Estatuto.

Parágrafo único – O membro emérito manterá os mesmos direitos e prerrogativas do titular, estando dispensado, a seu critério, das anuidades e frequência às sessões.

Art. 3.º - Só poderão ser membros correspondentes personalidades de comprovado mérito, que residam e tenham domicílio fora de Salvador, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelo menos dez (10) titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 4.º - Só poderão ser membros honorários educadores de notável saber em pedagogia e educação, nacionais ou estrangeiros, por proposta de pelos menos (20) vinte titulares e mediante aprovação da Assembléia Geral.

Art. 5.º - A particulares e instituições que fizerem donativos à Academia ou tenham serviços de alta relevância à entidade, serão conferidos diplomas de benfeitores ou de beneméritos.

Capítulo II

Das Atribuições da Diretoria

Art. 6.º - Ao Presidente compete:

- a) zelar pelos interesses da Academia e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções da Diretoria;
- b) convocar e presidir as sessões da Academia, enunciando a ordem do dia e dirigindo os trabalhos;
- c) manter a disciplina nas discussões, não permitindo que os debates tomem caráter pessoal;
- d) representar a Academia em juízo e em qualquer ato ou solenidade, podendo fazer-se substituir por outro acadêmico que para esse fim designar;
- e) apresentar relatório anual das atividades da academia;
- f) nomear e demitir o pessoal administrativo da Academia e, *ad referendum* da Assembléia Geral, resolver os casos urgentes não previstos no Estatuto;
- g) autorizar, de acordo com a Diretoria, o pagamento das despesas extraordinárias e ordenar as de caráter urgente;
- h) nomear, quando se fizer necessário, comissões especiais de acadêmicos;

- i) designar a secção a que irá pertencer o novo académico, observada a sua formação, especialidade, vivência e experiência pedagógica;
- j) rubricar todos os livros e documentos da Academia, assinar as atas das sessões, os diplomas, representações, despachos e o expediente dirigido às autoridades e instituições;
- k) movimentar conjuntamente com o tesoureiro os fundos e as contas bancárias.

Parágrafo único – Nas votações o presidente terá o voto de qualidade, além do de membro titular, exceto para as de eleições dos cargos da Diretoria e dos novos titulares.

Art. 7.º - Ao Vice-Presidente compete substituir o Presidente nas suas faltas e impedimentos.

Parágrafo único – No exercício da Presidência, exercerá, o Vice-Presidente as prerrogativas e atribuições do Presidente.

Art. 8.º - Ao Primeiro Secretário compete:

- a) manter e desenvolver as relações da Academia;
- b) promover a distribuição das publicações da Academia;
- c) auxiliar o Presidente nas providências de ordem administrativas, supervisionando o pessoal;
- d) expedir os diplomas dos membros da Academia, de qualquer categoria, subscrevendo-os, juntamente com o Presidente;
- e) assinar o expediente, comunicando aos interessados, em nome do Presidente, a realização das reuniões da Academia;
- f) substituir o Vice-Presidente em suas faltas e impedimentos;
- g) organizar e manter em dia o quadro social, encaminhando para publicação na revista a lista de todos os membros e indicando ao Presidente as vagas a preencher;
- h) fornecer ao Presidente os elementos para relatório anual.

Art. 9.º - Ao Segundo Secretário compete:

- a) apresentar e ler em sessão o expediente;
- b) ter sob sua responsabilidade os livros de atas e presenças;
- c) substituir o Primeiro Secretário em suas faltas e impedimentos e auxiliá-lo em suas funções;

- d) redigir as atas de todas as sessões.

Art. 10. Ao tesoureiro compete:

- a) zelar pelo caixa e pelo patrimônio da Academia;
- b) cobrar e receber toda a renda da Academia, tendo sob sua guarda valores em moeda ou títulos e realizar despesas para o que for autorizado pelo Presidente;
- c) dar quitação dos valores, quando de direito;
- d) arquivar todos os documentos relativos às finanças e à contabilidade da Academia;
- e) mandar escriturar, em livros próprios, a receita e à despesa da Academia;
- f) apresentar à Diretoria balancetes anuais.

Art. 11. Ao Diretor da Revista e da Biblioteca compete:

- a) coletar e organizar o material para a publicação da Revista e do Boletim da Academia, responsabilizando-se pela respectiva obediência aos critérios e normas pertinentes;
- b) organizar a biblioteca da Academia, que deverá conter, principalmente, trabalhos e documentos relacionados com a educação baiana;
- c) controlar as atividades da Biblioteca, inclusive o fichário;
- d) viabilizar a consulta do acervo da biblioteca aos membros da Academia, bem como a outras pessoas e instituições interessadas;
- e) contactar livrarias, editoras e outras instituições, visando a angariar publicações e doações para constituir o acervo da biblioteca.

Art. 12. Ao Diretor do Museu Pedagógico e do Arquivo compete:

- a) organizar o acervo museológico da Academia, coletando material pedagógico, documentos, objetos, fotografias, vídeos e publicações de importância histórico-educacional;
- b) organizar a documentação e a nominata biográfica dos grandes educadores.

Capítulo III

Dos Direitos e Deveres

Art. 13. São direitos dos membros titulares e eméritos:

- a) votar e ser votado, de acordo com o Estatuto e o regimento;
- b) freqüentar as sessões, apresentar trabalhos, participar dos debates em plenário e encaminhar para publicação a Revista trabalhos de interesse pedagógico, obedecidas suas normas e critérios;

Art. 14. São deveres dos membros titulares e méritos:

- a) respeitar e fazer respeitar o Estatuto e o Regimento, prestigiar a Diretoria e zelar pelo bom nome da Academia;
- b) desempenhar os encargos e funções para os quais forem designados pela Presidência;
- c) freqüentar com assiduidade as sessões da Academia, obedecendo o disposto no parágrafo único do art. 2.º deste Regimento;
- d) contribuir financeiramente para custeio das atividades da Academia.

Art. 15. É direito do membro correspondente e honorário freqüentar e corresponder-se com a Academia.

Art. 16. É dever dos membros, correspondentes e honorários contribuir, por todos os modos, para o progresso e engrandecimento da Academia.

Art. 17. Os membros, correspondentes e honorários, não terão direito a voto, nem podem ser votados.

TÍTULO SEGUNDO

Das Sessões da Academia

Art. 18. A Academia Baiana de Educação realizará sessões ordinárias e extraordinárias, públicas e reservadas.

§ 1.º - As sessões ordinárias serão realizadas 1 (uma) vez por mês, em dia, hora e local previamente determinados, observado o estabelecido nos Arts. 8.º e 9.º do Estatuto:

- a) não havendo número legal, a mesa tomará conhecimento dos assuntos urgentes e o Secretário registrará o ocorrido;
- b) havendo número legal, o Presidente abrirá a sessão, que contará de leitura, votação e aprovação da ata da sessão anterior, de expediente e ordem do dia;
- c) as partes serão concedidos desde que o orador permita;
- d) os que falarem no expediente poderão usar palavra uma vez e durante 5 (cinco) minutos, no máximo;
- e) as moções serão apresentadas ao plenário assinadas pelo menos por 10 (dez) acadêmicos.

§ 2.º - As sessões extraordinárias, que se realizarão por motivo de ordem superior ou para a eleições da Diretoria, serão convocadas pelo Presidente, observando o disposto nos Artigos 8.º e 9.º do estatuto.

§ 3.º - As sessões públicas serão realizadas:

- a) no dia 9 de setembro de cada ano, para celebrar a data da criação da Academia;
- b) na posse de novos acadêmicos;
- c) no elogio dos acadêmicos falecidos;
- d) quando a conveniência indicar, a juízo do Presidente.

§ 4.º - Nas sessões solenes, deverá ser usado traje adequado à natureza do evento.

§ 5.º - Quando a natureza do assunto o exigir, a Academia reunir-se-á em sessões reservadas tomando parte apenas os membros titulares.

TÍTULO TERCEIRO

DA CONSTITUIÇÃO DA ACADEMIA

Capítulo I

Da votação, Eleição e Posse

Art. 19. As votações serão por escrutínio secreto.

Art. 20. Para a eleição de novo membro titular, observado o disposto no Art. 1.º deste regimento, a votação será por escrutínio secreto, cumprindo-se as seguintes determinações:

- a) o direito de voto será privado dos membros titulares e eméritos;
- b) será permitido o voto por procuração;
- c) a posse de novo membro titular dar-se-á dentro de 60 (sessenta) dias após a eleição, salvo motivo de força maior, a juízo da Diretoria, cabendo-lhe escolher entre seus pares aquele que fará o discurso de recepção;
- d) ao ser empossado pelo Presidente, o novo membro titular fará o panegírico do respectivo patrono e dos seus antecessores e prestará o seguinte compromisso: “Prometo cumprir e fazer cumprir o Estatuto, o regimento e as resoluções desta Academia e trabalhar quanto em mim couber por seu engrandecimento e bom nome”;
- e) esgotado o prazo concedido na alínea “c” deste artigo, sem que o eleito tome posse, será declarada vaga a cadeira, com realização de nova eleição, na forma regimental, aplicando-se tal determinação a todos os casos em que o eleito não tenha tomado posse até a presente data, salvo motivo justificado, a critério da Diretoria.

Art. 21. A eleição dos membros da Diretoria far-se-á por escrutínio secreto:

- a) só poderão concorrer aos cargos da Diretoria os membros titulares e eméritos em pleno gozo de seus direitos;
- b) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas de 2 (dois) em 2 (dois) anos, no penúltimo mês do seu mandato;
- c) a posse da Diretoria será na sessão solene de 9 de setembro, no ano em que a mesma for eleita;
- d) as vagas que ocorrerem durante o biênio que se seguir à eleição da Diretoria serão preenchidas por eleição, salvo se faltar menos de 1 (um) ano para o término do mesmo biênio, devendo neste caso o Presidente designar o titular que deverá preencher a vaga até as próximas eleições;
- e) as eleições para os cargos da Diretoria serão realizadas 30 (trinta) dias antes do dia previsto para sua posse, em sessão extraordinária;
- f) nenhum membro titular poderá exercer cumulativamente dois cargos na Diretoria;
- g) a votação deverá estender-se por 1 (uma) hora, e em seguida será processada a apuração, para que o Presidente designará, entre os acadêmicos, escrutinadores para a contagem dos votos, que deverão coincidir com o número de votantes, consignados em lista para este fim;

- h) o estatuto na linha acima só será aplicado à eleição dos membros titulares e méritos e da Diretoria.

Capítulo II

Dos Patronos

Art. 22. São considerados patronos da Academia, de acordo com o Art. 3.º do Estatuto, 40 (quarenta) nomes de grandes vultos já desaparecidos da educação baiana, ou a ela intimamente relacionados, que passaram à posteridade como modelos de educadores ou de homens de notório saber pedagógico.

Parágrafo único – As cadeiras serão numeradas cronologicamente de 1 a 40, conforme relação em anexo.

Capítulo III

Do Patrimônio

Art. 23. O patrimônio da Academia será constituído de bens imóveis, devidamente avaliados, doações, títulos e contribuições, rendas de cursos e de mais atividades, bem assim de outras receitas.

Capítulo IV

Dos Prêmios

Art. 24. A Academia, de acordo com o Art. 2.º, inciso V, do Estatuto, concederá prêmios aos autores de trabalhos de real mérito sobre Pedagogia, Psicologia da Aprendizagem, Filosofia da Educação e outras correlatas.

§ 1.º - Os prêmios a que se refere o artigo acima constarão do louvor acadêmico e de auxílio para publicação dos trabalhos premiados, ou de valores, especificamente, para esse fim destinados por doações.

§ 2.º - Poderão concorrer aos prêmios da Academia educadores, professores e especialistas estudiosos de educação.

§ 3.º - O julgamento dos trabalhos a prêmio competirão uma Comissão, designada pelo Presidente da Academia, nos termos do Art. 2.º, inciso V do estatuto.

§ 4.º - A Diretoria regulamentará a inscrição e a concessão desses prêmios.

TÍTULO QUARTO

Disposições Gerais

Art. 25. A Diretoria exercerá suas funções gratuitamente.

Parágrafo único – A Academia terá um quadro de funcionários, cujo números e vencimentos serão fixados pela Diretoria.

Art. 26. A Academia poderá convidar pessoas estranhas ao seu quadro a fim de realizar conferências, sempre que tal convite envolver verdadeiro interesse científico e cultural, devendo tal proposta ser aprovada pela Diretoria.

Art. 27. A Academia entrará em recesso durante os meses de dezembro, janeiro e fevereiro, período em que haverá apenas reuniões da Diretoria, se esta assim deliberar.

Art. 28. A Academia adota como lema LUCEAT LUX VESTRA (Luza vossa luz), inserido nas suas insígnias.

Art. 29. O Estatuto e este Regimento somente poderão ser reformados mediante proposta assinada pela maioria absoluta dos titulares e eméritos ou da Diretoria.

Parágrafo único – Proposta a reforma, o Presidente designará uma comissão compostas de 4 (quatro) membros, escolhidos entre os titulares e eméritos, para, sob sua presidência, emitir “parecer”, que deverá ser submetido à apreciação da Assembléia Geral.

Art. 30. A Academia manterá intercâmbio com instituições co-irmãs, no campo das letras, das artes e das ciências, internacionais, nacionais, estaduais ou municipais, para o que serão organizados os devidos assentamentos.

Art. 31. A partir da publicação e registro do Estatuto serão adotadas providências para:

I – reconhecimento de utilidade pública nas esferas dos poderes federal, estadual e municipal.

II – criação de subsidiárias em até 3 (três) municípios de grande porte no interior do Estado e,

III – Aquisição de sede própria.

Art. 32. Os casos omissos neste Regimento serão resolvidos pela Diretoria, *ad referendum* da Assembléia Geral.

Art. 33. Este Regimento entra em vigor na data da sua aprovação.

PATRONOS DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO E ACADÊMICOS TITULARES

1 ABÍLIO CÉSAR BORGES
(1824-1891)

- Ruy Simões
- José Simões e Silva Júnior
- Maria Conceição Costa e Silva

2 ALFREDO THOMÉ DE BRITO
(1863-1909)

- Jair de Oliveira Santos
- Adelaide Rogério de Resende

3 ALFREDO FERREIRA MAGALHÃES
(1873-1943)

- Carlos Alberto Pedreira de Cerqueira
- José Carlos Almeida da Silva

4 ALÍPIO CORREIA FRANCA
(1871-1957)

- José Francisco de Sá Teles
- Erlon

5 ÁLVARO AUGUSTO DA SILVA
(1890-1977)

- Edivaldo Machado Boaventura
- Alfredo Eurico Rodrigo Matta

6 AMÉLIA DO SACRAMENTO RODRIGUES
(1861-1926)

- Germano Dias Machado

7 AFRÍSIA SANTIAGO
(1894-1970)

- Remy Pompílio Fernandes de Souza

8 ANÍSIO SPÍNOLA TEIXEIRA
(1900-1971)

- Hermano José de Almeida Gouveia
- Maria Anália Costa Moura

9 ANTÔNIO BORGES DOS REIS
(1859-1952)

- Guiomar de Andrade Florence
- Alírio Barbosa Fernando de Souza

10 ANTÔNIO DE CASTRO ALVES
(1847-1871)

- Consuelo Pondé de Sena

11 ANTÔNIO PACÍFICO PEREIRA
(1846-1902)

- Ângelo Lyrio Alves de Almeida
- Maria Betty Coelho

12 ARLINDO SILVA COSTA
(-)

- Adroaldo Ribeiro Costa
- Bárbara Vasconcelos de Carvalho
- Rosa Pereira Levita

13 ARTHUR DE SALES
(1879-1952)

- Raul de Souza da Costa e Sá
- Raul de Souza da Costa e Sá
- Elsiore Moreira Alves

14 AUGUSTO ALEXANDRE MACHADO
(1896-1974)

- Enock Sena Souza

15 COSME DE FARIAS
(1875-1972)

- João Eurico Matta

16 DIÓGENES GOMES DA COSTA VINHAES
(1914-1994)

- Roisie Alaor Metzker Coutinho
- Germano Tabacof

17 EGAS MONIZ BARRETO DE ARAGÃO
(1870-1924)

- Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon

18 ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO • José Newton Alves de Souza
(1824-1891) • Maria Luigia Magnavigta Galeffi
• Nadja Maria Valverde Viana

19 FRANCISCO DA CONCEIÇÃO MENEZES
(1896-1959) • Cid José Cavalcanti Teixeira

20 GELÁSIO DE ABREU FARIAS • Hermano Augusto Palmeira Machado
(1882-)

21 HELVÉCIO CARNEIRO RIBEIRO • Pedro Júlio Barbuda
(1880-1969) • Milton Almeida Rabelo
• Eliel Judson

22 HENRIQUETA MARTINS CATHARINO
(1886-1968) • Zilma Gomes Parente de Barros

23 HUGO BALTHAZAR DA SILVEIRA • Rômulo Galvão de Carvalho
(1888-) • Eraldo Tinoco de Melo
• Eduardo Saback Dias de Moraes

24 ISAÍAS ALVES DE ALMEIDA • Antônio Pithon Pinto
(1888-1968) • Joselice Macedo Barreiro
• Hélio Rocha

25 JOÃO ALVES PORTELA • Cícero Pessoa da Silva
(-) • Maria José Pacheco

26 JOÃO FLORÊNCIO GOMES • Astor de Castro Pessoa
(1846-1925)

27 JOSÉ OLÍMPIO DE AZEVEDO
(1843-1920)

- Thales Olímpio Góes de Azevedo
- Antônio Jesuino dos Santos Neto
- Anaci Bispo Paim

28 JÚLIO AFRÂNIO PEIXOTO
(1876-1947)

- Oldegar Franco Vieira
- Roberto Figueira Santos

29 LUÍS DA FRANÇA PINTO DE CARVALHO
(-)

- Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa
- Hermes Teixeira de Mello

30 LUÍS GONZAGA CABRAL
(1853-)

- Luiz Augusto F. Navarro de Brito
- Luís Henrique Dias Tavares

31 MANOEL CARLOS DEVOTO
(1853-1931)

- Adelmo Soares Pessoa
- Manoel J. Fernandes de Barros Sobrinho

32 MARIA LUIZA DE SOUZA ALVES
(1868-)

- Angelina Rocha de Assis
- Leda Jesuino dos Santos

33 MARIA ROMANA CALMON DE BITTENCOURT
(-)

- Jorge Calmon Moniz de Bittencourt
- José Corgosinho Carvalho Filho

34 PAULO FÁBIO DANTAS
(1900-)

- Raymundo Nonato de Almeida Gouveia
- Fernando Floriano da Rocha
- José Rogério da Costa Vargens

35 PEDRO JÚLIO BARBUDA
(1837-)

- Cassilandro Everaldo Barbuda
- João Fernandes da Cunha
- Vanda Angélica da Cunha

36 PEDRO TENÓRIO DE ALBUQUERQUE

(1906-1982)

• Yeda Barradas Carneiro

37 POSSIDÔNIO DIAS COELHO

(1824-1891)

• Francisco Pinheiro Lima Júnior

38 ROBERTO CORREIA

(1824-1891)

• Olga Pereira Mettig

• Marcelo Rocha

39 RUY BARBOSA DE OLIVEIRA

(1824-1891)

• Raymundo José da Mata

• Lafayette de Azevedo Pondé

• Geraldo Leite

40 SÁTIRO DE OLIVEIRA DIAS

(1824-1891)

• Antonino de Oliveira Dias

• Hildérico Pinheiro de Oliveira

• José Nilton Carvalho Pereira

**MEMBROS EMÉRITOS
DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO**

- 1 - Bárbara Carvalho**
 - 2 - Edivaldo Machado Boaventura**
 - 3 - Francisco Pinheiro Lima Júnior**
 - 4 - Jair de Oliveira Santos**
 - 5 - Jorge Calmon Moniz de Bittencourt**
 - 6 - José Newton Alves de Souza**
 - 7 - Luís Henrique Dias Tavares**
 - 8 - Oldegar Frando Vieira**
 - 9 - Olga Pereira Mettig**
 - 10 - Raymundo Nonato de Almeida Gouveia**
-

**MEMBROS BENEMÉRITOS
DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO**

- 1 - José Corgozinho Carvalho Filho**
 - 2 - José Nilton Carvalho Pereira**
-

MEMBRO CORRESPONDENTE DA ABE - EM ARACAJU

- **Maria Tetis Nunes**
-

EDUCADOR DO ANO

• José Carlos Almeida	1995
• Zilma Parente de Barros	1996
• Divaldo Pereira Franco	1997
• Edivaldo Machado Boaventura	1998
• Olga Pereira Metting	1999
• José Corgozinho de Carvalho Filho	2000
• Dirlene Mendonça	2001
• Jair de Oliveira Santos	2002
• Leda Jesuíno dos Santos	2003
• Antônio de Pádua Carneiro	2004
• João Fernandes da Cunha	2005
• Astor de Castro Pessoa	2006
• Maria Augusta Cruz Abdon	2007
• Josué da Silva Melo	2008
• Francisco Soares Senna	2009
• Liliana Mercury	2010

FUNDADORES DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO, INSTITUÍDA EM 9 DE SETEMBRO DE 1982.

- 1 - Hermano José de Almeida Gouveia Neto (líder da iniciativa)
 - 2 - Raimundo Nonato de Almeida Gouveia
 - 3 - José Newton Alves de Souza
 - 4 - Adroaldo Ribeiro Costa
 - 5 - Antonino Oliveira Dias
 - 6 - Antônio Plithon Pinto
 - 7 - Edivaldo Machado Boaventura
 - 8 - Raymundo José da Mata
 - 9 - Remy Pompílio de Souza
-

PRESIDENTES DA ACADEMIA BAIANA DE EDUCAÇÃO

1 - Raimundo Nonato de Almeida Gouveia	(1982-1986)
2 - Hermano José de Almeida Gouveia Neto	(1986-1990)
3 - Edivaldo Machado Boaventura (Instituiu o prêmio Educador do Ano.)	(1990-1996)
4 - Jair de Oliveira Santos (Reformou o Estatuto e o Regimento da Academia.)	(1996-1998)
5 - Hildérico Pinheiro de Oliveira	(1988-2000)
6 - Alirio Fernando Barbosa de Sousa	(2000-2004)
7 - Roberto Figueira Santos (Realizador de 3 ciclos de seminários educacionais. Deixou o quarto planejado.)	(2004-2008)
8 - José Rogério da Costa Vargens	(2008-2012)

ACADÊMICOS TITULARES

ADELAIDE RÓGERIO DE REZENDE
ALFREDO EURICO RODRIGUES MATTA
ALÍRIO BARBOSA FERNANDES DE SOUZA
ANTÔNIO JESUÍNO DOS SANTOS NETTO
ASTOR DE CASTRO PESSOA
CID JOSÉ CAVALCANTE TEIXEIRA
CONSUELO PONDÉ DE SENA
EDUARDO SABACK DIAS DE MORAES
ELIEL JUDSON DUARTE DE PINHO
ELSIOR MOREIRA ALVES
ENOCH SENA DE SOUZA
GERALDO LEITE
GERMANO MACHADO
GERMANO TABACOF
HERMANO AUGUSTO PALMEIRA MACHADO
HERMES TEIXEIRA DE MELO
JOÃO EURICO MATTA
JOSÉ CARLOS ALMEIDA DA SILVA
JOSÉ CORGOZINHO CARVALHO FILHO
JOSÉ FRANCISCO DE SÁ TELES
JOSÉ NILTON CARVALHO PEREIRA
JOSÉ ROGÉRIO DA COSTA VARGENS
JOSELICE MACEDO DE BARREIROS
JOSUÉ DA SILVA MELLO
LEDA JESUÍNO DOS SANTOS
MANOEL JOAQUIM F. BARROS SOBRINHO
MARCELO AUGUSTO CARVALHO ROCHA
MARIA ANÁLIA COSTA MOURA
MARIA AUGUSTA CARVALHO CRUZ ABDON
MARIA BETTY COELHO SILVA
MARIA DA CONCEIÇÃO COSTA E SILVA
MARIA JOSÉ PACHECO DE ANDRADE COSTA
MARIA THEREZA OLIVA MARCÍLIO DE SOUZA
NADJA MARIA VALVERDE VIANA
REMY POMPÍLIO FERNANDES DE SOUZA
ROBERTO FIGUEIRA SANTOS
ROSA PEREIRA LEVITA
VANDA ANGÉLICA DA CUNHA
YEDA BARRADAS CARNEIRO
ZILMA PARENTE DE BARROS

ENDEREÇO DOS ACEDÊMICOS TITULARES

Adelaide Rogério de Rezende

Rua João da Silva Campos, nº 121 – Itaigara – Salvador – BA. CEP. 41815-200
3359-7079 / 3353-5566 / 8106-0955. Aniversário: 19 de janeiro
adelaide@consultec.com.br

Alfredo Eurico Rodrigues Matta

Av. Sete de Setembro, nº 1914, Edf. Delmar, apt. 401, Vitória – Salvador-BA.
CEP. 40008-004
4102-6738 / 9968-2550 . Aniversário: 25 de junho
alfredo@matta.pro.br

Alirio Fernando Barbosa de Souza

Rua Edith da Gama e Abreu, nº 545, edf, apt. 202 – Itaigara – Salvador-BA.
CEP: 41815-010
3358-5758 / 8717-1944. Aniversário: 4 de novembro
aliriosouza@uol.com.br

Antonio Jesuino dos Santos Netto

Rua Piauí, nº 751, apt. 1401, Edf. Vila de Malta – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41170-140
3240-0461 / 9961-4062
Aniversário 18/setembro

Astor de Castro Pessoa

Rua Amazonas, nº 53, apt. 102, edf. Vila Real – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41830-380.
3347-7577 / 9973-7736 . Aniversário: 2 de agosto
cee@sec.ba.gov.br

Cid Teixeira

Rua das Violetas, nº 85, Parque Nossa Senhora da Luz – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41810-080
3358-1089. Aniversário: 15 de agosto

Consuelo Pondé de Sena

Av. Princesa Leopoldina, nº 288, Edf. Mansão Princesa Leopoldina, Apt. 301 Graça
– Salvador-BA CEP: 40150-121
3336-6205 / 3247-6669 / 8777-5415. Aniversário: 19 de janeiro
consueloponde@terra.com.br

Edivaldo Machado Boaventura

Rua Dr. José Carlos, nº99, Edf. Parque das Mangueiras, apt. 801 – Acupe de Brotas
– Salvador-BA CEP: 40290-040
3340-8505 / 3276-1242. Aniversário: 9 de dezembro
edivaldoboaventura@terra.com.br

Eduardo Saback Dias de Moraes

Av. 7 de setembro, nº 2937, apt. 1302 – Vitória – Salvador-BA. CEP: 40130-000

3336-0146 / 9195-9791. Aniversário: 20 de maio
ediuardosdm@hotmail.com

Eliel Judson Duarte de Pinho

Rua Priscila Dultra, Condomínio Palm Ville, nº 701, casa 37 – Lauro de Freitas_BA
CEP: 42700-000
3379-9484 / 9276-1301. Aniversário: 23 de julho
ejdpinheiro@hotmail.com

Elisior Moreira Alves

Rua Euclides da Cunha, nº 116, Edf. Mansão da Graça – Graça – Salvador-BA CEP:
40150-121
3245-7806. Aniversário: 5 de abril

Enoch Senna Souza

Alameda Praia de Iguape, nº 55 – Vilas do Altântico – Lauro de Freitas-BA CEP:
42700-000
3289-0369 / 9988-4639. Aniversário: 15 de maio
sennaenoch@hotmail.com

Francisco Pinheiro Lima Júnior

Rua Comendador Horário Urpia, nº4 – Graça – Salvador-BA. CEP: 40150-250
3247-0956 / 9962-2179. Aniversário: 13 de novembro

Geraldo Leite

Rua Território do Rio Branco, nº 316 – Pituba – Salvador-BA CEP: 41830-530
3240-5169 / 9622-3671
leite.geraldo@uol.com.br

Germano Dias Machado

Rua Manoel Barreto, nº 688, edf. Cidade de Laranjeiras, apt. 102 – Graça –
Salvador-BA. CEP: 40150-360
3242-0502 / 3237-6909 – 8884-0205. Aniversário: 28 de maio
Germanomachado83@gmail.com

Germano Tabacof

Rua Mato Grosso, nº 465, apt. 501 – Pituba – Salvador-BA. CEP: 41830-151
3248-2228 / 8884-0225. Aniversário: 29 de dezembro
gwtabacof@hotmail.com

Hélio Rocha

Rua Clarival do Prado Valadares, mº 264, Edf. Mansão Caminho das Árvores, apt.
203 – Caminho das Árvores – Salvador-BA CEP: 41820-700
9207-9753. Aniversário: 30 de março
paulorocha@integralweb.com.br

Hermes Teixeira de Melo

Rua Plínio Moscoso, nº 955 – apt 301 – Apipema – Salvador-BA. CEP: 40155-020

3247-4338 / 8702-4338. Aniversário: 19 de março
hermestm@hotmail.com

Hermano Augusto Palmeira Machado

Av. Santa Luiza, nº 149, edf. Condomínio Bosque Itália – Horto Florestal – Brotas –
Salvador-BA CEP:40295-050
3276-2325 / 8289-5947. Aniversário: 19 de dezembro
hd.augusta@hotmail.com

Jair de Oliveria Santos

Rua Rio de Janeiro, nº679 Pituba – Salvador-BA CEP: 41830-000
3245-4382 / 3205-2211. Aniversário: 17 de maio
jairsantos@castroalves.br

João Eurico Matta

Rua Afonso Celso, nº 301 edf. Concórdia, apt. 302 – Barra – Salvador-BA
CEP: 40144-080
3247-0869 / 8880-0869 . Aniversário: 16 de julho
jematta@terra.com.br

José Carlos Almeida da Silva

Rua Desembargador Balduino de Andrade, nº79 edf. Mansão Green Park Chame
Chame, apt 1101 – Barra – Salvador-BA CEP: 40000-000
UCSAL 3324-7629 / 7619 / 9137-8472 . Aniversário: 9 de julho
reitoria@ucsal.br

José Corgozinho de Carvalho Filho

Parque da Fundação José Carvalho – Estrada de Santiago – Pojuca-BA
CEP: 48120-000
3645-8990(FERBASA) 3645-8801(Vice Presidente). Aniversário: 17 de abril

José Newton Alves de Souza

AV. Euclides da Cunha, nº 216, apt. 16 – Graça – Salvador-BA CEP: 40150-122
3263-1065. Aniversário: 5 de junho

José Nilton Carvalho Pereira

Rua Fernão de Magalhães, 3.560, Edf. Bois de Boulogne, apt. 1802 – Farol da Barra
(junto ao Shopping Barra), Salvador-BA CEP: 40140-410. (71) 3379-0191 / 9617-
8901 / 9617-8304. Aniversário: 12 de maio
jncpereira@gmail.com

José Rogério da Costa Vargens

Rua Manoel Gomes de Mendonça, nº 305, apt. 602 – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41810-820
3248-7409 / 9139-9913
rogeriovargens@gmail.com

Josué da Silva Mello

Rua Senador Balduino Andrade, nº 211, edf. Residencial Central Park, apt 1402 – Chame-Chame – Salvador-BA
3263-0838 / 9206-7429. Aniversário 23 de junho
josue@f2j@edu.br

Leda Jesuino dos Santos

Rua Piauí, nº 751, edf. Vila de Malta, apt. 1401 – Pituba – Salvador-BA
CEP: 41830-270
3240-0461 / 9961-4602. Aniversário 18 de setembro

Luis Henrique Dias Tavares

Rua do Ébano, nº 159, edf. Henri Matisse, apt. 802 – Caminho das Árvores – Salvador-BA CEP: 41820-370
3245-3524. Aniversário: 25 de janeiro

Manoel Joaquim F. de Barros

Rua Dr. José Peroba, nº 251, sala 1001 – Stiep – Salvador-BA CEP: 41770-235
3245-5233. Aniversário: 15 de junho
mjfb@terra.com.br

Marcelo Augusto Carvalho Rocha

Rua da Mangueira, nº 33 – Nazaré – Salvador-BA CEP: 40040-400
2108-1568 / 8151-1152. Aniversário: 22 de abril
diretoria@famettig.br

Maria Anália Costa Moura

Rua Nita Costa, nº 9, apt. 802 – Jardim Apipena – Salvador-BA CEP: 40155-000
3235-8767 / 9989-8383. Aniversário: 10 de março
moura-500@uol.com.br

Maria Augusta de Carvalho Cruz Abdon

Av. Sete de Setembro, nº 1738, edf. Vitória Régia, apt. 504 – Vitória – Salvador-BA
CEP: 40080-0001
3337-0031 / 8819-7686. Aniversário: 15 de setembro
therezadp@gmail.com

Maria Betty Coelho Silva

Rua Monsenhor Gaspar Sadock, nº 385, apt 13 Costa Azul – Salvador-BA
CEP: 41760-200
3342-1711. Aniversário: 24 de abril

Maria da Conceição Costa e Silva

Av. Princesa Isabel, nº 252, apt. 502 – Barra – Salvador-BA CEP: 40050-080
3264-7772 / 8751-2327. Aniversário: 22 de maio
ccsilva1@gmail.com

Maria José Pacheco

Rua Dr. Américo Silva, Edf. Mansão Morro do Gato, nº 96, apt. 602 – Morro do gato
– Salvador-BA CEP: 40140-490
3235-0001 / 9971-0815 Aniversário: 15 de agosto
mariajosepacheco@terra.com.br

Maria Thereza Olivia Marcilio de Souza

Rua Professor Aristides Novis, nº 634, Apt. 1501 – Federação – Salvador-BA
CEP: 40210-630
3263-3404 . Aniversário: 30 de maio
therezamarcilio@yahoo.com.br

Nadja Maria Valverde Viana

Rua Nina Mota, Quadra 29, lote 2 – Piatã – Salvador-BA CEP: 41650-320
2106-3984 / 8778-3040. Aniversário: 7 de janeiro
nviana@devrybrasil.com.br

Remy de Souza

Rua B Alberto Vita, Quadra 29, lote 2, condomínio Colina da Fonte – Itapua –
Salvador-BA CEP: 41640-660
3249-7969. Aniversário: 7 de julho

Roberto Figueira Santos

Rua Basílio Catalã de Castro, nº 346, lote A, Quinta do Candeal – Candeal –
Salvador-BA CEP: 40296-730
3276-5759. Aniversário: 15 de setembro
rfsantos @terra.com.br

Rosa Pereira Levita

Clarival Prado Valadares, nº 241, Edf. Rosa Branca, ATP. 1304 – Pituba – Salvador-
BA CEP: 41820-700
3352-5880 / 9963-6115. Aniversário: 6 de abril

Vanda Angélica da Cunha

Rua Conde Filho, nº 310apt. 1503 – Graça – Salvador-BA CEP: 40150-150
3247-5627 / 9978-3654 . Aniversário: 13 de maio
avangeli200@yahoo.com.br avangeli@ufba.br

Yeda Barradas Carneiro

Alameda dos Sombrieros, nº 90 – Caminho das Árvores – Salvador-BA
CEP: 41820-420
3351-0040 / 3248-9905(irmã Miriam). Aniversário: 26 de abril

Zilma Parente de Barros

Rua da Flórida, nº 211, Edf. El Prado, apt. 203 – Graça – Salvador-BA
CEP: 40055-000
3336-7583. Aniversário: 10 de agosto
zilmaparente@uol.com.br